



LITERATURA MARGINAL E PERIFÉRICA
práticas educativas na periferia de São Paulo

ELIABE GOMES DE SOUZA

São Paulo
2014



LITERATURA MARGINAL E PERIFÉRICA

práticas educativas na periferia de São Paulo

ELIABE GOMES DE SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (Orientador)

São Paulo
2014

Souza, Eliabe Gomes de.

Literatura marginal e periférica: Práticas educativas na periferia de São Paulo. São Paulo. / Eliabe Gomes de Souza. 2014.
134 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2014.

Orientador (a): Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva.

1 Literatura Marginal, 2. Periferia, Educação Não-Formal, 3. Pesquisa Qualitativa

I. Silva, Maurício Pedro da. II. Título

CDU 37

ELIABE GOMES DE SOUZA

LITERATURA MARGINAL E PERIFÉRICA
práticas educativas na periferia de São Paulo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade Nove de Julho – UNIOVE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (Orientador)

São Paulo, de de 2014

Professor Dr. Mauricio Pedro da Silva (UNINOVE)

Professora Dra. Monica Rebecca Ferrari Nunes (ESPM)

Professora Dra. Roberta Stangherlim (UNINOVE)

Agradecimentos

Esse trabalho é parte de um percurso feito durante grande parte da minha vida, assim, seriam tantas pessoas, movimentos, mestre(a)s e amigo(a)s a agradecer.

Porém, nessa etapa concluída não posso deixar de agradecer ao Professor Dr. Jazon Ferreira Mafra e Professor Dr. José Eustáquio Romão pelos diálogos sobre Paulo Freire, a Professora Dra. Roberta Stangherlim pelas diversas contribuições nesta pesquisa, e ao Professor Dr. Mauricio Pedro da Silva por acreditar, incentivar, e ter contribuído nesta pesquisa com tanta sabedoria.

Agradeço a UNINOVE por desenvolver um projeto onde temos a possibilidade de uma excelente formação e ao PROSUP por financiar parte dos meus estudos e dar a oportunidade de realizar esse sonho.

Á meus familiares, minha mãe Maria das Graças por ser uma grande inspiração de luta, minha companheira Elisangela de Andrade pela paciência, meu filho Vitor Hugo por sempre me ensinar o valor das coisas simples.

Aos movimentos populares que fazem utopias se tornarem realidades, a todo(a)s que contribuem com a literatura marginal/periférica, e aquele(a)s que lutam para que possamos viver em um mundo mais justo.

Resumo

Esta pesquisa de abordagem qualitativa realizou um estudo de caso no bairro da Vila Brasilândia extremo norte da cidade de São Paulo com o coletivo cultural Sarau Poesia na Brasa. Tratamos aqui da literatura denominada como “literatura marginal periférica” vinculada a práticas educativas com categorias da educação não formal trabalhadas em questões como, formações dos grupos em Direitos Humanos, Cidadania, Identidade, Questões Raciais e de Gênero, Luta contra Desigualdade, entre outros. Partimos para essa pesquisa com a intenção de reconhecer nesse movimento ações que pudessem nos revelar a estrutura própria de se construir ações pedagógicas a populações carentes dos bairros periféricos, com isso utilizamos como metodologia a observação direta dos encontros realizados pelo grupo compondo assim um diário de campo com relatórios e fotos das visitas e em seguida fizemos um estudo em suas produções poéticas através das quatro antologias publicadas pelo coletivo em parceria com os frequentadores do sarau.

A pesquisa revelou que ao interagirem com a comunidade esse coletivo consegue realizar importantes movimentações culturais no bairro envolvendo a população para participarem e intervirem em um processo de troca onde tod(a)os são partes fundamentais para a aprendizagem.

O objetivo da pesquisa foi o de trazer mais visibilidade a esse movimento literário que hoje se espalha por diversos locais da cidade de São Paulo e que tem se mostrado uma ferramenta educativa construída coletivamente desenvolvendo maneiras próprias e emancipadoras de aprendizagem nos bairros periféricos. Como principais referencias utilizamos CÂNDIDO (2004, 2012); GOHN (2006, 2008, 2009, 2012); NASCIMENTO (2009); LÜDKE; ANDRÉ (2005) e MARTINS (2008).

Palavras Chaves: Literatura Marginal, Periferia, Educação Não-Formal, Pesquisa Qualitativa

Resumen

Este estudio cualitativo llevó a cabo un estudio de caso en la Vila Brasilândia barrio del extremo norte de la ciudad de São Paulo con el colectivo cultural “Sarau Poesía na Brasa”. Tratamos acá de la literatura conocida como "literatura marginal/periférica" relacionada con prácticas educativas con las categorías de la educación no formal trabajado en temas tales como las formaciones de los grupos de Derechos Humanos, Ciudadanía , Identidad , Raza y Género, Lucha contra la desigualdad, entre otros. Nos pusimos en marcha para esta investigación con la intención de reconocer en las acciones de los movimientos que podrían nos traer muestras la estructura para construir una acción pedagógica a las poblaciones necesitadas de los barrios periféricos, lo utilizan como un método para la observación directa de las reuniones celebradas por el grupo componiendo un diario informes de campo y fotografías de visitas y luego hicimos un estudio en sus producciones poéticas con la lectura de las cuatro antologías publicadas en colaboración con las personas que iban al "Sarau".

La encuesta mostró que mediante la interacción con la comunidad de este colectivo puede lograr movimientos culturales importantes en el barrio y con la población que participa e intervenir en un proceso de intercambio donde tod(a)s son las piezas clave para el aprendizaje.

El objetivo de la investigación era traer más visibilidad a este movimiento literario, que ahora se extiende por varios lugares en São Paulo y ha sido una herramienta educativa construida colectivamente emancipar y desarrollar propias formas de aprendizaje en los suburbios. Como referencias principales utilizamos CÂNDIDO (2004, 2012); GOHN (2006, 2008, 2009, 2012); NASCIMENTO (2009); LÜDKE; ANDRÉ (2005) e MARTINS (2008).

Palabras clave: Literatura Marginal Periferia; Educación no formal; Investigación cualitativa

Índice de figuras

Figura 1 - Quadro de pesquisa sobre as Motivações para ler um livro	21
Figura 2 – Capa da revista Caros Amigos A Cultura da Periferia - Ato III - Literatura Marginal – ano 2004	33
Figura 3 – Mapa da Freguesia do Ó/Brasilândia	48
Figura 4 – Contexto geográfico da Brasilândia e bairros vizinhos	49
Figura 5 – Capa do livro – Império Lampinho	54
Figura 6 - Mapeamento dos Saraus pelos bairros de São Paulo	56

Índice de Quadros e Organograma

Quadro 1 – Síntese das características das duas gerações de literatura marginal	30
Quadro 2 – Assuntos que são abordados nas poesias das Antologias do Sarau Poesia na Brasa	79
Organograma 3 – Desenvolvimento entre o contexto sociocultural, literatura, e educação na pesquisa	78

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: LITERATURA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA UMA PESQUISA SOCIAL	19
1.1 Leitura, Literatura e Educação em Práticas que se Completam	19
1.2 Criação literária e Realidade Social	24
1.3 Por uma concepção de Literatura Marginal/Periférica	28
1.4 Educação no Contexto da Luta Classe	36
1.5 Educação e Mobilização Popular	42
CAPÍTULO 2: PALAVRAS DE PROTESTO, DELIMITAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO	47
2.1 No extremo de São Paulo: O contexto da população do bairro da Brasilândia ..	48
2.2 O Histórico de Resistência do “Sarau Poesia na Brasa”	52
2.3 A ação Coletiva dos Escritores para o Social	56
2.4 A periferia, literatura e educação não-formal na formação intelectual	60
CAPÍTULO 3: DESVELANDO SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA	65
3.1 Dialogicidade e relação sócia histórica de aprendizagem do sujeito no uso da Literatura Marginal/Periférica	65
3.2 O poema e o poeta no contexto social da periferia	68
3.3 Breve análise dos poemas do Sarau Poesia na Brasa	77
3.4 Mudanças sociais e individuais dos frequentadores dos espaços de leitura	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS90
APÊNDICE**ANEXO A – Diário de Campo95****ANEXO B – Prefácio das antologias do coletivo Sarau Poesia na Brasa de
2009 a 2012122**

"Os saraus tiveram que invadir os botecos, pois biblioteca não era lugar de poesia biblioteca tinha que ter silêncio e uma gente que se acha assim muito sabida".

Rapper Criolo

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida minha inquietação com os movimentos gerados por meio da literatura marginal/periférica¹ e o desenvolvimento de locais de produção, divulgação e discussão, em que moradores das periferias de São Paulo se reúnem em saraus para apresentações culturais, tendo como marco suas produções literárias. Esses lugares foram identificados em diversos pontos da cidade de São Paulo e, em sua maioria, são realizados nos chamados “botecos de quebrada”².

Nosso local de pesquisa foi no *Sarau Poesia na Brasa* que está localizado no bairro da Vila Brasilândia zona norte do município. Trata-se de uma região carente e com um forte histórico de lutas e mobilizações sociais dos moradores, mas que ainda possui um alto índice de violência e desigualdade.

Durante o processo de pesquisa, realizamos uma revisão da literatura para sabermos sobre o que pesquisadores têm discutido sobre o tema. Para isso, fizemos uma busca com a palavra-chave *literatura marginal* em banco de dados da “scielo” e “USP” (Universidade São Paulo), consideramos o primeiro banco de dados (scielo) pela sua variedade de publicação de diversas universidades, encontros acadêmicos, revista científica e outros, e a da (USP) pelas suas contribuições e relevância histórica com pesquisas de ponta. Encontramos poucas pesquisas discutindo sobre literatura marginal, porém entre os estudos encontrados, em sua maioria, as discussões vêm de encontro com essa literatura vinculado à educação popular, ou um estudo com enfoque no campo literário. Em números, encontramos cinco dissertações de mestrado sobre o tema, e um de doutorado na USP, e quatro pesquisas no banco de dados da scielo, todas essas como artigos e ensaios científicos que variam entre estudos sobre literatura comparada, educação, e antropologia.

Como objetivo geral, buscamos evidenciar nas ações do grupo investigado, práticas e resultados que se caracterizassem como pedagógicas, e como objetivos

¹ A discussão desta pesquisa trata da “literatura marginal” que surge nas periferias de São Paulo com autores como Ferréz, Sérgio Vaz, e que foi potencializada com a publicação das edições especiais da revista “Caros Amigos” pela editora paulistana Casa Amarela, cujo produto principal é a revista mensal Caros Amigos. Trata-se de Literatura marginal – A cultura da periferia – Ato I, de 2001, e Literatura marginal – A cultura da periferia – Ato II, de 2002.

² “boteco de quebrada” em referência a uma gíria utilizada entre os organizadores dos Saraus periféricos. Há vários bares nos bairros da periferia de São Paulo frequentados em sua grande maioria por homens que tem nesse espaço um ponto de encontro. A concepção de “quebrada” está vinculada a uma ideia de território, ou um *pedaço*, neste caso o “boteco de quebrada” é um local próprio dos bairros periféricos. Para BIN (2009), “o pedaço por uma reinvenção semântica dos moradores da periferia, transforma-se na *quebrada*” (p. 80).

específicos analisamos o como a literatura, a articulação do grupo, o sarau, e as publicações literárias, agem com um impacto transformador em nosso universo de pesquisa.

O local de verificação foi frequentado pelo pesquisador no período de abril de 2012 a fevereiro de 2013, com a realização de um diário de campo escrito com a anotação e organizado em um relato feito no dia seguinte à visita. Em seu conteúdo, há as observações sobre os acontecimentos e experiências realizadas no sarau. As trajetórias descritas no diário de campo compõem esse percurso de observação das aprendizagens coletivas construídas pelo grupo, assim como a constituição da experiência entre pesquisador, objeto de estudo e local de sua produção. Estas trajetórias e composições de materiais de investigação forneceram também um parâmetro descritivo, próprio do estudo de caso, para pensarmos a realidade em transformação e repensarmos maneiras pela qual se podem construir práticas educativas, de leitura e de produção de literatura com um foco para a educação.

Neste sentido, as questões trabalhadas nesta dissertação foram formuladas com base em um corpo de materiais gerados com a pesquisa de campo: um diário feito a partir da observação das atividades do coletivo e o estudo dos livros publicados coletivamente pelo grupo *Sarau Poesia na Brasa*. Esse processo de pesquisa se deu como uma abordagem *qualitativa* dos dados apontada por alguns pesquisadores como LÜDKE; ANDRÉ (2005) e MARTINS (2008), como estratégia que consolida uma pesquisa que se utiliza do *estudo de caso*, temos ainda a questão apontada por ANDRÉ (1995) como um estudo do *tipo etnográfico*, pois o desenvolvimento ocorreu em um processo direto com os participantes, de maneira que o pesquisador respondesse ativamente as circunstâncias encontradas em campo, assim como rever questões de orientação na pesquisa nas visitas e ações com os sujeitos, objeto, e universo investigado.

Na medida em que o trabalho se desenvolveu, surgiram evidências do potencial educativo e emancipador que havia sido construído pelos frequentadores do sarau. E por se tratar de uma investigação na área de educação buscou-se perceber ações educativas com base na educação não-formal classificadas segundo GONH³ (2006). Portanto, esta

³Gonh (2006) defini a prática da educação formal, não-formal e informal da seguinte maneira: "Na educação formal sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o "outro", aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a

pesquisa procura estruturas significantes desta educação não-formal, que desenvolve práticas educacionais em localidades que necessitam de mudanças estruturais e de formações socioculturais tão carentes para a população que lá reside. Estruturamos o trabalho em três capítulos, que foram organizados de maneira a partir de uma visão geral da pesquisa até chegar ao foco do objeto de investigação, além de apresentar discussões de seus elementos teóricos e procedimentos metodológicos utilizados no percurso da pesquisa.

O primeiro capítulo se refere a um estudo sobre a literatura e educação, baseando-se em elementos constitutivos da educação não-formal, da sociologia da literatura e da relação entre educação e literatura. Aqui retomamos questões históricas dentro de movimentos que foram impulsionados pela intersecção entre literatura e educação. Trata-se, assim, de modo geral, de um capítulo que abrange uma diversidade de assuntos, pois trata da literatura e da educação em práticas que se complementam, da criação literária e da realidade social, da concepção de literatura marginal/periférica, da educação no contexto da luta de classe e, por fim, da educação e mobilização popular. Esses temas se justificam na medida em que apresentam a perspectiva teórica adotada na pesquisa, discutindo como esses elementos se relacionam a práticas educacionais não formais.

No segundo capítulo apresentaremos o local de produção do material investigado, traçando um histórico desse espaço (*Sarau Poesia na Brasa*) e identificando como esse movimento tem se expandido por diversos bairros da periferia de São Paulo, chegando, inclusive, à região central do município. Procura-se dialogar aqui com o percurso que o investigador fez de início, um panorama social e histórico do grupo e localidade investigados.

No terceiro e último capítulo, discutiremos a importância e relevância desse espaço para a prática educativa e de aprendizagens, por meio da utilização da literatura, e como seu potencial educativo tem contribuído para a criação de uma consciência política, social e cultural da população que participa dos encontros e coletâneas literárias lançadas pelo *Sarau Poesia na Brasa*. Nesta etapa da pesquisa, com as informações e dados colhidos em campo, utilizamos para o processamento das informações as obras de CÂNDIDO (2004, 2012) e GOHN (2006, 2008, 2009, 2012),

família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc" (p. 29) (grifo da autora)

as quais nos auxiliaram a entender a literatura como um processo *humanizador*⁴, portanto pedagógico, dentro da prática da educação não-formal.

Nossa pesquisa tem ainda como base teórica o materialismo histórico e dialético, por entendermos que as relações econômicas determinam a superestrutura da sociedade, influenciando também, a estrutura e a atuação de grupos na realidade. Nesta questão, surgem consequências de uma sociedade individualizada, de classes⁵, com divisão social e de “raças”, gerando as diversas marginalizações das populações oprimidas que - segregadas e desprovidas de meios educacionais, culturais e políticos - mergulham em uma alienação útil apenas à manutenção dos interesses do capital.

Diante das relações sociais expostas acima, a periferia marginalizada e estigmatizada desenvolve suas próprias ações para formação intelectual, ações coletivas e movimentos populares tornam espaço de lutas históricas - como no caso dos Quilombos, de Canudos, do Movimento Sem Terra, entre outros -, movimentos das periferias que surgem em novas reações contra as hegemonias de poder. Como afirma SAVIANI (1998), “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação” (p. 68). Neste contexto, concordamos ainda com o que afirma FRIGOTO (1989), quando diz que “romper com o modo de pensar dominante é, pois, condição necessária para instaurar-se um método dialético de investigação” (p.77).

Na perspectiva de escrever sua própria história, e se tornar sujeitos desta história, os movimentos da literatura marginal/periférica constituem uma práxis de ação coletiva dentro dos espaços marginalizados da cidade de São Paulo, reafirmam identidades numa “razão”⁶ ontológica e epistemológica da periferia gerada pelo capitalismo, para o desenvolvimento de uma “razão marginal” e contestadora da geopolítica do conhecimento.

⁴“Entendo aqui por humanização, já que tenho falado tanto nela, o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor” (CANDIDO, 2004, p. 180).

⁵Marx usou o termo “classe” em dois sentidos bastante diferentes, de acordo com o contexto. Primeiro, ele podia significar aqueles amplos conjuntos humanos que podem ser reunidos sob uma classificação segundo um critério objetivo – por manterem relações similares com os meios de produção; segundo, mais especificamente, referindo-se aos agrupamentos de exploradores e explorados que, por razões puramente econômicas, são encontrados em todas sociedades humanas que ultrapassem a fase primitiva comunal e, como argumentaria Marx, até o triunfo da revolução proletária. (HOBSBAWN, 2005, p. 35)

⁶“Por 'razão' entendemos racionalidades de um grupo, construídas a partir de suas trajetórias históricas, de seus condicionamentos sociais. Em outros termos, razão (a partir de agora sem aspas) significará, neste texto, visão de mundo, em geral adstrita a uma classe social”. (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 16).

Essa chamada literatura *da* periferia se caracteriza pelos temas (assuntos e cotidiano de bairros periféricos) e por seus produtores (tanto os movimentos quanto os escritores são pertencente ao território periférico), assim essa manifestação torna-se global ao romper com as *fronteiras* dos bairros periféricos, mas não perde sua essência e identidade local de onde surgiu. Com esses pressupostos, o estudo investiga a potencialidade emancipadora que essa literatura gera ao estruturar um movimento literário não propriamente *para* a periferia, mas criada com a visão de mundo do sujeito que vive *na* periferia.

CAPÍTULO 1:

LITERATURA E EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA UMA PESQUISA SOCIAL

Neste capítulo inicial desenvolvemos um conjunto de informações ao qual sentimos como necessário para o entendimento da pesquisa. A breve contextualização histórica sobre educação, literatura, e movimentos sociais, vinculadas a concepções dialéticas e das lutas de classe faz-se necessária para compreendermos as transformações sociais realizadas por grupos *excluídos* ou *marginalizados*. Desta maneira, esse exercício do primeiro capítulo nos leva aos caminhos feitos pelo pesquisador e os estudos da formação de movimentos e ações sociais que tem alterado relações históricas, além de trazer para esse estudo a ideia de literatura como fonte primária de investigação que nos permite considerar sua significação nas práticas educativas das populações que a produz.

1.1 Leitura, Literatura e Educação em Práticas que se Completam

Iniciamos o primeiro capítulo com a discussão desses três itens, pois são questões que irão pautar grande parte desta pesquisa, tratamos ainda desses conhecimentos com bases em concepções de práticas educacionais, já que se trata de um estudo que aborda uma educação pautada na leitura e na literatura. Neste sentido, considera-se a significação política e pedagógica que há no ato de ler, como afirma MARTINS (1992): “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (p. 34), principalmente na ação de ler o texto literário como um produto social que pode ser reconhecido pelos sujeitos, como uma produção de sua realidade.

As obras literárias trazem em si uma estrutura de elementos subjetivos e objetivos, inserem-se ainda condições históricas, culturais e sociais particulares, que em sua base não têm um compromisso com uma verdade científica. Para estabelecer essa relação com a sociologia da literatura, tomamos como ponto de partida os estudos de LUKÁCS (1968), GOLDMANN (1974) e CANDIDO (2004, 2012), que nos revelam que toda produção artística possui relações com as estruturas mentais de uma sociedade,

relações que, no caso de Goldmann (1973), são categorizadas como homologia⁷. Isto significa dizer que a homologia na literatura exprime-se nas relações entre determinados elementos, vinculados com a realidade social.

Para Goldmann, a consciência possível de uma classe social constitui uma visão de mundo, portanto ao buscar a infraestrutura de uma filosofia, literatura ou outra produção de homens e mulheres, é preciso observar as relações sociais do grupo a que essa produção se refere. A constituição de uma corrente literária, por exemplo, se expressa por meio de um conjunto de representações determinado em suas obras, com uma diversidade de influências, sejam elas religiosas, filosóficas ou de outras ordens. A literatura, portanto, não produz em si uma mera analogia da sociedade ou um reflexo entre a obra e comunidade em que foi criada. Sartre, por exemplo, analisou a obra do escritor negro norte americano Richard Wright⁸, chamada *O Filho Nativo*, em que o protagonista, inserido na violência racial, se vê obrigado a matar e é banido de uma sociedade que nunca o tinha acolhido. O livro leva Sartre a refletir:

"A quem, pois, se dirige Richard Wright? Não ao homem universal, decerto, pois na noção de homem universal entre a característica essencial de que ele não está engajado em nenhuma época em particular e de que não se comove nem mais, nem menos, com a sorte dos negros da Luisiana do que com a dos escravos romanos do tempo de Espártaco. O homem universal não seria capaz de pensar outra coisa senão os valores universais; ele é a afirmação pura e abstrata dos direitos imprescritíveis do homem. Mas Wright não pode, tampouco, pensar em destinar seus livros aos racistas brancos da Virgínia ou da Carolina, que têm ideias preconcebidas, e que jamais os abrirão. Nem aos camponeses negros dos alagadiços, que não sabem ler. E ainda que ele se mostre feliz com a acolhida que a Europa concede aos seus livros, é evidente que ao escrevê-los não pensa no público europeu. A Europa está longe, as indignações européias são ineficazes e hipócritas. Não se pode esperar muito de nações que subjugaram a Índia, a Indochina, a África negra. Bastam estas considerações para definir os seus leitores: ele se dirige aos negros cultos do Norte e aos americanos brancos de boa vontade (intelectuais, democratas de esquerda, radicais, operários filiados a sindicatos progressistas)" (SARTRE, 1993, p. 63).

Tomamos esse exemplo do texto de Richard Wright, pois para Sartre a obra é a consciência do autor que se identifica com a consciência de seu público, portanto a obra

⁷O conceito de "homologia", em lugar de "analogia", foi desenvolvido por Lucien Goldmann em várias de suas obras, especialmente em *Sociologia do Romance* (1967). Segundo ele, os processos de estruturação que ocorrem na infraestrutura se reproduzem nas estruturas significativas das obras da superestrutura social. (GOLDMANN, 1974).

⁸Richard Wright escritor e negro norte-americano, nasceu em 1908 e faleceu em 1960. Sua grande obra foi *O Filho Nativo: a tragédia de um negro americano*, que, através de um realismo brutal, contava a tragédia do negro Bigger Thomas, nascido em uma miséria extrema e marginalizado pela sociedade. Entre seus diversos escritos, publicados posteriormente, destacam-se *Homem Branco, Ouça!* (1957), *A Situação do Artista Negro e Intelectual nos Estados Unidos* (1960) e outros.

é a consciência coletiva em que tanto o autor como o público está envolvido na construção das ideias: “o escritor é a consciência deles” (SARTRE, 1993, p. 64). Considera-se, por conseguinte, não apenas a obra, mas o contexto social e histórico em que está o autor e seu trabalho, e ainda os seus leitores, que se identificam e fazem suas leituras na individualidade formando uma estrutura coletiva.

O exemplo tomado de Sartre nos leva ao campo de investigação de uma sociologia da literatura, que representa o tempo e agir de um povo, pois tanto seu público quanto o autor são parte do tempo histórico, inseridos em um conjunto de ideias determinado pela superestrutura e estrutura da sociedade. A literatura torna-se um produto de investigação de nossa sociedade, já que “ler e escrever literatura, mais que uma pedagogia crítica de representação, pode mediar o conhecimento da cultura mais ampla em termos políticos, ideológicos e históricos” (CYANA, 2004, p. 224). Como completa a autora há múltiplos conhecimentos engendrados no texto literário, que podem ser utilizados como objeto para a pesquisa social.

Deste modo, a experiência da leitura envolve a aprendizagem dentro de uma perspectiva individual e coletiva, e tanto o leitor quanto o escritor passa a acumular mais conhecimento crítico com o exercício da leitura. Porém, se tratarmos da questão de como ocorre o incentivo à leitura ou mesmo a função social da leitura, constatamos que há poucos espaços a essa prática. As bibliotecas públicas⁹ atingem uma pequena parcela da sociedade, e mesmo que haja um crescimento de espaços de leitura, ainda deve-se pensar na formação de leitores ou de como trazer o exercício da leitura para o cotidiano. A aprendizagem e uso da literatura nas escolas, em sua grande maioria, ainda estão "presos" a modelos didáticos, vestibulares e a uma escolarização que não abrange sua leitura mais crítica, isso dificulta o desenvolvimento do interesse de leitores dentro do ambiente escolar, ou mesmo da compreensão de um direito a literatura como prática humana e social.

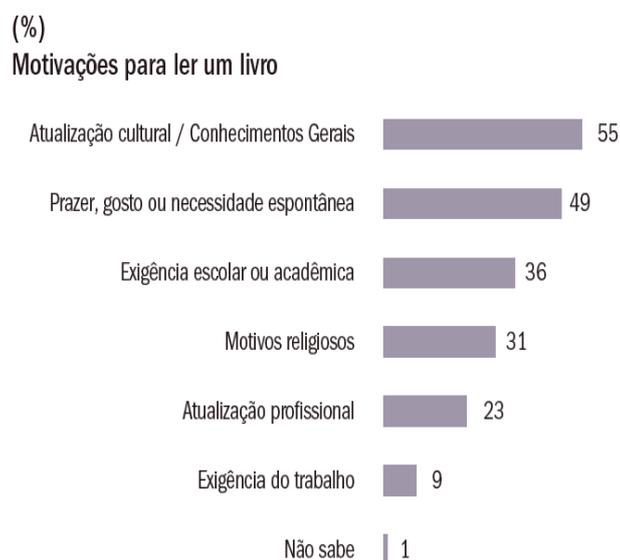
Ler o texto literário leva o ser humano a compreender diferentes realidades, contribuindo para que ele ou ela se posicione criticamente diante de sua própria

⁹Atualmente existem 4.763 bibliotecas no Brasil, e está em curso o Programa “Cada município, uma biblioteca”, uma iniciativa do MinC – Ministério da Cultura – com o propósito de zerar o número de municípios sem bibliotecas. Uma evolução? Certamente. Porém, a pesquisa apontou que 75% da população nunca frequentou uma biblioteca, apesar de 71% afirmarem que as bibliotecas são de fácil acesso, o que vem confirmar que, mesmo reconhecendo sua importância, não basta investir em bibliotecas. A despeito de sua importância, percebe-se que não é só com bibliotecas que se criam leitores. (Retratos da leitura no Brasil, 2012, p. 124) Fonte: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em: 17/12/2013

realidade. Qualquer pessoa, seja criança ou adulto, possui a "capacidade" da ficcionalização, de imaginar antes de realizar, portanto construir conhecimento com a literatura significa estabelecer relações dialógicas com outros saberes, textos e concepções. Assim, a literatura promove em sua leitura a aprendizagem do próprio indivíduo e sua condição em um universo múltiplo e de diversos acúmulos de racionalidades.

Sabe-se da importância da leitura na formação dos indivíduos, e dificilmente alguém não concordaria com esse fato. Na pesquisa realizada pela *Imprensa oficial/Instituto Pró-livro* em 2012 sobre motivações para ler um livro a seguintes questões foram apresentadas:

Figura 1 - Pesquisa sobre as Motivações para ler um livro¹⁰



Base: Leitor 2007 (95,6 milhões) / 2011 (88,2 milhões)

A leitura permite experiências enriquecedoras a partir de seu envolvimento com as estruturas apresentadas, na pesquisa citada a cima, as motivações gerada pelos conhecimentos e atualização cultural marca que temos leitores que admitem a leitura como parte de sua formação intelectual. Obras de múltiplos temas exercem funções entre valores, história, cenários e tempos, eis que todo esse conteúdo leva a sua constituição pedagógica ao atuar como um transformador de *consciências*.

¹⁰Dados sobre leitura - Imprensa Oficial/Instituto Pró-livro. Fonte: <<http://www.imprensaoficial.com.br/retratosdaleitura/RetratosDaLeituraNoBrasil3-2012.pdf>>. Acesso em 14/12/2013.

Para pensarmos os *Aspectos pedagógicos da leitura* temos como concepção que a leitura abrange uma diversidade de questões a serem tratadas ou como afirma Petit (2009), “A leitura é uma atividade muito complexa, que não poderia ser reduzida a um aspecto” (p. 182), não temos a intenção de apresentar modelos ou "receitas" de como deve ser uma prática educativa com o uso da leitura, de fato o ato de ler já é em si um meio de interação e inter-relação entre o sujeito e a obra, o que não é um processo passivo do leitor, pois ao ler a possibilidade de interpretação, crítica, e observações vêm de acordo com suas experiências quanto ao conteúdo de leitura e nessa ação pode aprofundar seu conhecimento, se entreter, ou mesmo conhecer sobre um novo assunto.

O ato de ler não se esgota na decodificação das palavras e do conteúdo, a experiência da leitura se prolonga no próprio acúmulo de mundo do leitor, assim ao interagimos com obras aparentemente de "difícil interpretação", deve-se em primeiro lugar, analisar o quanto temos de experiência com determinadas leituras, neste caso, exemplos como a leitura de um texto técnico ou científico, pode ter diferentes características. Um texto científico escrito para uma comunidade específica, de estudiosos da área vem com termos, estrutura textual, e organização própria para pessoas que possuem conhecimento sobre o assunto, porém esse mesmo assunto pode ser divulgado para pessoas leigas no tema de pesquisa por meio do gênero de *divulgação científica*, um texto próprio para se divulgar conteúdos de pesquisas complexas em jornais, revistas e outros que não pertencem a comunidades científicas.

Portanto desenvolver uma educação que estimule a leitura é uma ação pedagógica que age com múltiplos conhecimentos, ler não só o conteúdo, mas também desenvolver o hábito e tornar-se leitor são meta de qualquer sistema de educação, seja dentro de uma estrutura de ensino público, seja em organizações de educação não-formal ou informal, todos concordam com a importância da leitura na construção dos indivíduos.

Quanto à literatura, o Aspecto pedagógico que podemos classificar no texto literário nos leva a questão de Petit (2009) em que a autora diz que, “Os livros lidos são moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista.” (p. 284), concordamos com a autora e entendemos que se faz necessário compreendermos a amplitude desta prática no processo de educação e da própria vida dos sujeitos que a lêem. Os conteúdos literários como uma dimensão educativa, têm a capacidade de transmitir conhecimentos historicamente constituídos na sociedade de sua produção. A literatura como uma

linguagem humana se constitui na produção de seu autor que imbuído de suas experiências sociais produz sua consciência por meio da linguagem, em sua totalidade a linguagem é consciência, portanto a literatura, também como uma linguagem, tem a capacidade de comunicar concepções do autor e na medida em que o leitor exercita sua leitura na diversidade de textos literários existentes, mais pode compreender uma variedade de experiências de outras sociedades ou da que el(e)a esteja inserido.

Por todo o globo terrestre e desde a criação da comunicação escrita, o ser humano tem registrado suas crenças, histórias, mitos, e outros conteúdos que de alguma maneira pudesse ser capaz de "ficcional" a realidade. A relação com os efeitos que essas produções possuem na sociedade também são práticas de diversos estudiosos e pensadores durante diferentes épocas. No ocidente estudos de Aristóteles (322 a. C a 384 a. C) e outros da Grécia antiga já faziam referências, dentro do contexto da época, das relações pedagógicas que havia nas epopéias, tragédias e comédias gregas.

A presença da literatura em diferentes épocas e sociedades mostra que essa produção faz parte de uma necessidade humana de criação, e como uma prática social, seja do texto escrito ou da cultura oral por meio das "contações" de história, a representação pedagógica que possui a literatura faz-se presente como um estímulo de aprendizagem de crenças, concepções, filosofias, sensibilização, ou pelo simples exercício de entretenimento.

Com esses pressupostos compreende-se a importância da leitura e a formação de leitores para um processo de transformação dos sujeitos. A leitura é um instrumento dialógico com o caráter de conhecimento lato e sua ausência na formação das pessoas leva a impossibilidade de ampliar os tantos conhecimentos que se encontra a cada título que se lê.

1.2 Criação Literária e Realidade Social

As necessidades humanas consistem na organização de estruturas para manter questões vitais para a sua sobrevivência. Como seres biológicos, não sobreviveríamos sem alimentação, água ou mesmo sem um arcabouço que de alguma maneira nos protegessem do frio, perigos naturais, entre outros fatores. Contudo, também, somos sujeitos sociais temos outras necessidades, que é a de nos relacionarmos com o outro, de viver em comunidades para desenvolvermos aprendizagens no espaço e no tempo em que vivemos. Somos capazes de produzir cultura, de manipular a natureza, assim como temos, a capacidade da linguagem, e, nesse âmbito, nos diferenciamos dos animais, tornando-nos humanos pela formação da consciência. Para MARX & ENGELS (1993), em *A Ideologia Alemã*, a consciência nasceu da necessidade de os homens se comunicarem entre si, portanto a linguagem e a consciência constituem uma totalidade na formação social.

Neste sentido, Marx e Engels ainda apontam que a consciência é determinada pelas relações sociais, logo, suas organizações políticas, estéticas e culturais são efeitos dessas relações que temos com o mundo e nas práticas sociais. Se "superarmos" a condição de seres biológicos, no sentido que nos tornamos sujeitos com consciência, portanto históricos, as relações de aprendizagens passam a se construir na convivência que temos com o meio e com outro, assim como, em nossas criações expressivas, as produções artísticas são partes dessas experiências sociais que temos com o outro e com o espaço em que estamos:

"Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo" (CANDIDO, 2010, p. 31).

Nesta investigação tomamos como o início do estudo da sociologia da literatura com as obras de Madame de Staël (1766-1817) e Walter Benjamim (1892-1940). Destacam-se, nesse meio, a produção de pensadores como o húngaro György Lukács (1885-1971), o italiano Antonio Gramsci (1891-1937), o romeno Lucien Goldmann (1913-1970) e o francês Pierre Bourdieu (1930-2002), que nos mostram, com diferentes enfoques, as estruturas significantes e categorias de estudos da sociologia da literatura. No Brasil, pesquisas com um enfoque na questão da sociologia da literatura, ganha

maior significação no início do século XIX, com estudiosos como José Veríssimo (1857-1916), Araripe Júnior (1848-1911) e Sílvio Romero (1851-1914), chegando ao século XX com pesquisadores como as de Antonio Candido, Roberto Schwarz e Alfredo Bosi, entre outros. Cada um desses estudiosos vai destacar peculiaridades diversas das ciências humanas, adotando teorias que vão do estruturalismo ao materialismo, passando ainda pelo funcionalismo e revelando as tensões que se observam no estudo da literatura dentro do campo social.

Na perspectiva materialista, a sociologia da literatura surge com o método de análise e investigação que discute, principalmente, as relações entre a obra e as representações da consciência coletiva de sua época de produção. A transformação da sociedade - a estrutura da manufatura burguesa, a estrutura da exploração imperialista etc. - levou os pesquisadores a investigar o texto literário também como elemento de produção e cultura dessa sociedade. TADIÉ (1992), por exemplo, traz importantes contribuições para a ideia de que o autor, assim como o leitor, já existe constituído em uma sociedade e que, portanto, a sociedade antecede a obra. Nas suas palavras,

"A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da leitura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção" (TADIÉ, 1992, p. 163).

A vitalidade dos clássicos é uma base para podermos ligar á literatura de uma determinada época a sociedade de sua produção. Obras como a peça de teatro *Édipo Rei* ou *Antígona*, do escritor Sófocles (2500 a.C), avançaram no tempo e tornaram-se conhecida por diversas populações em diferentes épocas. Hoje cumpre importante função para se analisar a sociedade na época de sua produção, ainda com marcas estéticas de estruturas que podem ser compreendidas por leitores do século XXI. Outras obras, como a de *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes (1547-1616), que apresenta questões como a loucura quixotesca ou mesmo a utopia do protagonista, são ainda lidas e admiradas. Obras tornaram-se imortais, exemplo de *Madame Bovary* de Gustave Flaubert (1784-1846), *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto (1881-1922) ou *O Castelo* de Franz Kafka (1883-1924) e outras que trazem em suas composições questões atreladas a sua época.

No Brasil como em outros países, há muitos autores e títulos literários que podemos citar para se estudar a sociedade e a realidade social de uma determinada

época como exemplo, Machado de Assis (1839-1908), em títulos como *O alienista* ou *Dom Casmurro*, que apresentam personagens e pontos de vista sobre a loucura relacionada à ligação do personagem com a sociedade de seu tempo. Em ambas as obras, Machado de Assis evidencia valores e questões da época de sua criação, podendo ser investigadas por diferentes vieses para entendimento da sociedade brasileira. Assim ocorreu também com outros movimentos literários no Brasil, tanto a poesia "política" de Gregório de Matos (1636-1695), com seus discursos contra ordens religiosas e o falso moralismo, como a intensa crítica que aparece no conjunto das obras de Lima Barreto, passando ainda por um movimento de ressignificação da produção estética do Brasil, como a Semana de Arte Moderna, todas elas produções que apresentam intensa incorporação da história e das relações sociais do país.

Para esta pesquisa, por uma questão de metodologia, a literatura é discutida dando-se mais ênfase ao texto e ao contexto, pois abordaremos a produção estética com um foco "pedagógico". Diante das experiências sociais de homens e mulheres exercidas pelo meio em que está a criação da literatura.

Relacionamos as obras literárias com o contexto histórico-social e desta maneira pode-se estabelecer parâmetros com uma sociedade que, se por um lado pode ser contra hegemônica, desenvolvendo lutas e superação das desigualdades, por outro pode se revelar uma sociedade alienada, condicionada pelo capital e a exploração do outro para a formação da riqueza de poucos. Deve-se, por isso mesmo, considerar a sociedade em suas *contradições*, pois é composta por seres humanos, sendo elas alienadas ou não. A história de uma sociedade não é particular ou individual, mas surge nas/das relações e pensamentos coletivos, e a literatura acompanha sua formação, mesmo quando fala de outros tempos. Naturalmente, as narrativas possuem conexões com a sociedade de sua produção, e mesmo a individualidade do autor não exclui o coletivo. Isso seria dizer que quanto mais uma obra mergulha na historicidade e dialogicidade da sociedade, mais traz para si a história da humanidade, tornando-se uma literatura universal. Antonio Candido mostra com clareza esse fato ao afirmar que,

"A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar" (CANDIDO, 2010, p. 55).

Portanto, o estudo da literatura, e principalmente de uma sociologia da literatura, atenta-se à criação, não como mero reflexo de sua sociedade, mas como um processo empírico (sua relação com a sociedade), desenvolvido pelo imaginário do autor. Em seu desenvolvimento, a literatura é a *leitura do mundo*, representando as vivências históricas de cada grupo social, formadas nas ações dos indivíduos que a produzem dentro de bases e tensões da vida coletiva.

Dessa maneira, podemos investigar a relação de sentidos da literatura com a sociedade de modo geral e as relações sociais de modo específico. Com a mediação entre a realidade e a obra, pode-se observar o processo criativo como um movimento dialético entre as estruturas da sociedade e a criação literária, que não prescinde de condições objetivas. Ao contrario, a literatura como um produto social, é parte do real e objeto final do escritor, que produz e reproduz a realidade social em que está envolvido.

1.3 Por uma Concepção de Literatura Marginal/Periférica

A história de homens e mulheres está envolvida em suas capacidades de produzirem cultura. Dessa maneira, toda sociedade possui marcas e peculiaridades próprias de produção de conhecimento e ações de grupos coletivos. Neste contexto, práticas engajadas na atuação político-social resultam num conjunto de produções que reforçam a história de uma sociedade, e na luta contra hegemônica a arte fundamenta a reflexão de liberdade de grupos que produzem suas obras como contestação de ordens e culturas impostas.

A produção de uma literatura que tenha relação homologa com a sociedade pode reproduzir a alienação imposta ou ser uma obra crítica a um sistema opressor. O escritor, ao escrever, pode trazer à tona, em sua ficção, a consciência social de liberdade de uma comunidade. Nas palavras de SARTRE (1993), “Um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido” (p. 61).

Nas periferias de São Paulo, o fenômeno literário denominado como Literatura Marginal ou Literatura Periférica mostra como a influência de um local pode ser fundamental para a produção do autor. Assim como no nome desse movimento literário, essa literatura carrega consigo histórias, ideias e perspectivas da periferia e da população que vive nessas regiões, dizendo respeito a questões da comunidade local ou do espaço geográfico e cultural periféricos.

Os termos “marginal” e “periférico” estão ligados à maneira de pensar e agir das comunidades que vivem nesses espaços, referindo-se às experiências de populações excluídas socialmente, de maneira que a literatura ali produzida passa a representar a realidade social dessas periferias e guetos, surgidos, muitas vezes, como resultado da desigualdade do sistema capitalista. Esse povo que se torna excluído e marginalizado é exposto a situações extremas como o trabalho excessivo, a falta de uma estrutura que garantam direitos como saúde, moradia, e habitação, ou que acaba marginalizado ao extremo:

"De acordo com essa teoria, marginalizados são os grupos ou classes dominados. Marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente, por que não possuem força simbólica (capital cultural). E a educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma" (SAVIANI, 1988, p. 32).

Neste sentido, essa produção dos escritores da periferia caracteriza-se não como uma literatura *para* a periferia, mas como uma literatura produzida a partir do olhar dos sujeitos que vivem e conhecem a experiência cultural desses locais. Essa literatura carrega em si a estrutura de uma localidade, um espaço que consiste em uma cultura própria, desenvolvida a partir de experiências sociais diversas que ocorrem dentro de uma periferia. Para CANDIDO (2010), há que se atentar para as seguintes questões:

"Há neste sentido duas respostas tradicionais, ainda fecundas conforme o caso, que devem, todavia ser afastadas numa investigação como esta. A primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade; a segunda, em que medida é social, isto é, interessada nos problemas sociais" (p. 29).

A dita literatura marginal/periférica produzida por moradores dos bairros pobres de São Paulo surge neste contexto de utilização do texto literário como mais um meio de conscientização e reflexão sobre a situação das populações das periferias: "é a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção e leitura que instaura a natureza literária de um texto." (LAJOLO, 1982, p. 38). Essa literatura possui, ainda, um perfil voltado a assuntos de violência, desigualdade e denúncia dos problemas sociais desses bairros, e é escrita sobre e a partir do olhar do sujeito que vive nas periferias. Para Nascimento (2009), trata-se de uma ação coletiva, voltada à construção de conhecimento e colaboração:

"A formação do movimento de literatura marginal dos escritores da periferia e o desenvolvimento de laços de amizade e colaboração mútua, desencadeando uma importante movimentação cultural nas periferias paulistanas" (NASCIMENTO, 2009, p. 23).

Aqui devemos diferenciar a literatura marginal da década de 70, a chamada *geração mimeógrafo*, que é posterior ao movimento musical da Tropicália e que foi desenvolvida num tempo de repressão política no Brasil. Tiveram como destaque nomes como Ana Cristina César, Paulo Leminski, Ricardo Carvalho Duarte (Chacal), Francisco Alvim, Cacaso e outros; suas obras eram feitas de maneira artesanal, com o uso de mimeógrafos e xérox para facilitar e baratear a produção de textos, que eram vendidos/distribuídos em bares, praças, espaços livres de universidades e outros locais. Apesar de receber o nome de "literatura marginal", a produção literária da década de 70 possui características diversas da atual produção, igualmente chamada de "literatura marginal" ou "literatura periférica", a começar pelos locais de discussões, o público que

produz e lê essa literatura, até os objetivos de seus autores. Outras questões poderiam ser discutidas sobre as diferenças entre as duas gerações, porém, para que haja uma melhor compreensão desse contexto, atentemos para o quadro criado pela pesquisadora Érica Nascimento, que apresenta as peculiaridades desses dois movimentos (NASCIMENTO, 2009, p. 47):

Quadro 1 – Síntese das características das duas gerações de literatura marginal

	Gerações dos poetas marginais da década de 70	Nova geração de escritores marginais
Perfil dos escritores	São representantes das camadas privilegiadas, ligados às atividades de cinema, teatro e música e universidades públicas. Aglutina duas gerações de intelectuais: poetas que já publicavam na década de 1960, mas já tinha sintonia com os movimentos de poesia concreta, poesia da práxis ou poesia-processo; e poetas que começaram a publicar em 1970.	Representantes das classes populares e moradores de bairros das periferias. São majoritariamente, residentes do Estado de São Paulo e homens. Boa parte deles estreou na edição especial da revista Caros Amigos/literatura Marginal. Estão ligados ao movimento Hip Hop e/ ou envolvidos com projetos culturais ou sociais.
Grupos que reúnem escritores marginais	Frenesi, Nuvem cigana, Folha de rosto, Vida de Artista entre outros.	1 da sul, Cooperifa, literatura do Brasil entre outros.
Características dos textos	Linguagem coloquial; pequenos textos em prosa; poesia versada ou discursiva, apelo visual com a utilização de desenhos, fotos e quadrinhos; tom irônico; uso de palavrão, temas relacionados à vida cotidiana e à prática social da classe média da época.	Linguagem coloquial; apelo visual com desenhos, fotos (nos livros) e grafites (nas revistas); recorrência de gírias do Hip Hop e das periferias; uso do palavrão; utilização de linguagem das periferias urbanas com construções escritas que destoam da norma culta.
		Vida e prática dos

Temas recorrentes	Sexo, tóxicos, cotidiano das camadas média e alta.	membros das classes populares e problemas sociais, como violência, carência de bens culturais, precariedade da infraestrutura urbana, relações de trabalho – predominantemente associado ao espaço social da periferia.
Formas privilegiadas	Poemas (era sobre tudo um movimento de poesia marginal).	Poemas e Contos.
Público consumidor	Classes privilegiadas.	Não há dados sistematizados a respeito do público consumidor.
Grupo afim	Tropicalistas, sobre tudo por que este grupo também subvertia os padrões de qualidade e bom gosto da época.	Hip hoppers, por compartilharem os mesmos repertórios cultural e social.
Conexões extras literárias	Universidade, artistas, circuito de bares e cinemas, frequentados pela classe média, patrocínio das próprias famílias e amigos.	Revista Caros Amigos, grupos e mídia ligada ao movimento Hip Hop (posses sites e revistas) e terceiro setor.
Tradição/cânone literário	Rompimento com as vanguardas da época, como o concretismo, a poesia-práxis e a poesia-processo. Aproximações, pela crítica literária, ao modernismo.	Os escritores não se filiam a nenhuma tradição específica, mas os editoriais das revistas Caros Amigos Literatura Marginal invocam como referência escritores dotados de semelhante perfil sociológico (Carolina Maria de Jesus e Solano Trindade), ou que privilegiaram em seus textos temas afins, como João Antonio e Plínio Marcos. Aproximação, pela crítica literária, ao naturalismo e ao realismo.

Outra questão é a atualidade que possui esse movimento e, neste contexto, há algumas contradições e respostas não definidas. Alguns escritores, por exemplo, não

aceitam ser chamados de escritores da literatura marginal, negando esse título para suas produções literárias. É o caso do escritor Paulo Lins, autor da obra *Cidade de Deus*, ou Marçal Aquino, autor de com o livro *O Invasor*; ambas as obras que retratam a vida dos subúrbios, a marginalidade e personagens anti-heróis. A literatura marginal/periférica, contudo, tem como essência *fatores sociais* que estão presentes desde sua produção até a publicação da obra, sem falarmos em seu conteúdo, com as denúncias feitas contra as desigualdades sociais. O perfil dos autores e o público leitor estão ligados a uma realidade social em que a falta de estrutura e meios culturais diversos os colocam na situação de "marginais", no sentido de estar à margem da circulação e aceitação de suas obras por parte de editoras, livrarias e espaços públicos de cultura. Trata-se, como sugerimos, de uma literatura produzida a partir do *olhar do oprimido*, do sujeito que vivencia os problemas dessa realidade, retratando-a em sua produção literária.

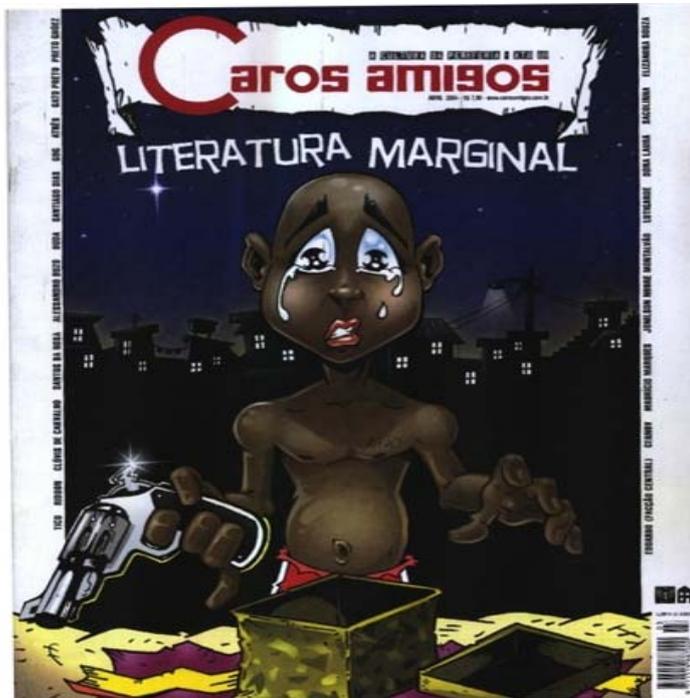
As obras produzidas, em sua grande maioria, retratam experiências pessoais ou observações/reflexões que esses autores possuem do local onde vivem. É comum ler enredos de histórias sobre criminalidade, presidiários, pessoas que superaram problemas sociais como a fome e a miséria. Do mesmo modo que essa vida difícil é relatada, os locais e cenários são as favelas, os cortiços, as ruas de terras e esgoto a céu aberto; em geral, elas refletem sobre as humilhações sofridas por populações negras, por filhos de pais alcoólatras, por trabalhadores explorados, todos esses problemas encontrados principalmente nas periferias das grandes cidades.

Porém não tratamos dessa literatura somente como uma manifestação externa dos problemas vivenciados por seus autor(e)as, a ideia dessa literatura traz em si um pertencimento e identidade historicamente constituídos na memória coletiva e individual do próprio lugar de produção dos textos. Soma-se isso, ao fato de gerar novos sentimentos quanto à ideia de periferia, cultura, e posicionamentos no campo social, é comum ouvir de frequentadores e escritores dessa literatura a frase, "*Sou da periferia*" o que denota um orgulho ao pertencer e constituir essa identidade de sujeito periférico como resistência por meio de suas produções cultural. Para Stuart Hall,

"O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa não são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta da classe na cultura e em torno dela." (HALL, 2003: p. 242).

Mesmo se tratando de uma literatura fora dos eixos editoriais, a publicação desses textos na revista *Caros Amigos*¹¹ potencializou suas produções e as tornou mais conhecida, principalmente a partir das edições especiais denominadas "Literatura marginal – A cultura da periferia – Ato I" (2001), "Literatura marginal - A cultura da periferia – Ato II" (2002), "A cultura da periferia – Ato III" (2004). A produção dessa literatura marginal/periférica, vinculada a uma revista com compromisso social e já conhecida por um público considerável, fez com que esse momento marcasse historicamente com o registro de produção dos escritores periféricos. A revista obteve, com essas edições, uma vendagem apreciável, chegando à média de 30 mil cópias vendidas. Questões como o preço da revista (que foi, no início, de R\$ 4,90, passando depois a R\$ 5,50, muito abaixo do preço de um livro) colaborou para que o público a pudesse adquirir; soma-se a isso, a diagramação, os desenhos e as ilustrações que tornaram essas edições um produto visualmente atrativo; outro fato foi o de serem vendidas em banca de jornal, tornando-as mais popular e acessível, com uma aproximação maior do público, mesmo com aqueles não acostumados a ler literatura.

Figura 2 – Capa da revista Caros Amigos - A Cultura da Periferia - Ato III - Literatura Marginal /2004



Fonte: Site oficial da Revista Caros Amigos

¹¹Caros Amigos é uma revista brasileira de informação - política, economia e cultura – com periodicidade mensal. Foi fundada em abril 1997 por um grupo de jornalistas, publicitários, escritores e intelectuais, liderados pelo jornalista Sérgio de Souza – que foi editor desde a fundação até 2008, quando faleceu.

Na questão das produções e livros publicados, atualmente há no cenário literário, autores que se destacaram e inclusive já possuem suas obras distribuídas por médias e grandes editoras, como é o caso do escritor Ferréz - que publicou livros como *Capão Pecado*, *Manual Prático do Ódio*, *Amanhecer Esmeralda*, entre outros. Dessas produções, algumas com traduções em outros idiomas, destacam-se ainda escritores como Alessandro Buzo - com destaque para o romance *Guerreira* pela Global Editora, *Favela Toma Conta* pela Editora Aeroplano -, que também apresenta um programa jornalístico na televisão sobre cultura da periferia. Outro jovem autor, Sacolinha, que publicou sua obra *Graduado em Marginalidade*, numa primeira edição independente, foi reeditado pela Global Editora, tendo ainda publicado pela mesma editora seu *85 letras e um disparo* e, pela editora Nankin, o livro *Peripécias de minha infância*.

Outra questão importante é o envolvimento cultural que existe acerca dessa literatura: os autores possuem espaços para produção, difusão e troca de informações sobre as publicações, não apenas a literatura marginal/periférica, mas também outros escritores de obras variadas, em geral divulgados nos saraus, muitos dos quais se tornaram verdadeiramente "educativos". Esses espaços constituem, hoje, um local de aprendizagem e conhecimento que a população vem desenvolvendo em áreas e regiões que têm um largo histórico de desigualdade, de falta de assistência do serviço público e acesso a bens culturais. Muitos desses saraus publicam as produções coletivas dos poetas e frequentadores dos espaços, criando com isso, o registro das ações de pessoas que não tiveram em suas trajetórias a oportunidade de evidenciar emoções, reflexões e visão de mundo utilizando-se da linguagem literária.

Essas são ações que se articulam com uma prática de educação não-formal¹², a qual se desenvolve dentro de uma informalidade, mas que possui uma forte identificação por parte da população de bairros carentes. São experiências que estão crescendo em diversos bairros periféricos de São Paulo, criando publicações, trocas de informações entre esses movimentos em diferentes (extremos) bairros da cidade, fortalecendo uma rede de comunicação que se inicia com a literatura, mas que já se articula como movimento educacional ao criar práticas de aprendizagem com o público e organizadores desses encontros e publicações.

¹²Sobre educação não-formal tratamos do tema com suas categorias, métodos e concepções no terceiro capítulo desta dissertação. Articulamos o estudo com a educação não-formal e nosso objeto de pesquisa de maneira a evidenciar as práticas educativas do coletivo Sarau Poesia na Brasa que possui em suas ações as características desta categoria de educação.

A literatura marginal/periférica se constrói, assim, como um movimento literário com evidentes preocupações sociais. Em seu conteúdo podemos identificar diversas informações que tratam de uma realidade histórica de bairros periféricos, e nessas composições todo o processo de criação se dá também com preocupações estéticas, de maneira que os leitores possam viver a experiência dessa realidade dentro da composição de um gênero literário.

1.4 A educação no Contexto da Luta de Classes

A educação é um processo em que sujeitos nas relações com outros sujeitos e mediatizados pelo mundo constituem as suas aprendizagens. Dessas experimentações surge o conhecimento, por meio do qual nos relacionamos com o mundo. Neste contexto aprendemos, de acordo com nossas experiências, a ser sujeitos de um meio social, absorvendo e contribuindo com a cultura que nos permeia.

A educação, seja ela institucionalizada, seja aquela que é mediada pelo mundo e práticas sociais, ocorre por meio de aprendizagens significativas na formação intelectual e social dos sujeitos. Independentemente da cultura ou sociedade, a educação incide nas estruturas que podem acontecer dentro de instituições como escolas ou mesmo na atuação com espaços diversos, como igrejas, associação de bairro, na rua e tantos outros lugares.

É nesse contexto que surge nossa consciência e experiências culturais. Desde a infância, já estamos inseridos em processos de aprendizagem através do meio em que vivemos como afirma Aníbal Ponce:

"A sua consciência era um fragmento da consciência social, e se desenvolvia dentro dela. Assim, antes da criança deixar as costas da sua mãe, ela já havia recebido de um modo confuso certamente, mas com relevos ponderáveis, o ideal pedagógico que seu grupo considerava fundamental para a sua própria existência" (PONCE, 1989, p. 21).

FREIRE (2000) contemporiza essa questão dizendo que, "Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tomamos parte" (p. 23). Somos sujeitos sociais, produtores de culturas, e é na convivência social que nos tornamos parte de um sistema. Desde nossas significações com o brincar, na convivência com a família, em espaços diversos - da infância à vida adulta -, nos desenvolvemos como parte de uma história contínua.

No entanto, se estamos falando de mediação e sobre as relações com o outro, e baseada em nossa sociedade atual, onde o capital econômico influencia nas relações dos seres humanos, não podemos nos esquecer de que a educação, também sofre com as influências destas estruturas do capital, e neste caso pode também se construir em um processo desigual, em que a alienação esteja no processo, no sentido de que as pessoas sejam instruídas para exercer a função de manter as riquezas de poucos. Nesta questão, a educação institucional sofre diretamente com esse processo já que é de

responsabilidade do Estado, e as políticas deste mesmo Estado muito contribuem para uma manutenção do poder neoliberal. Concordamos com István Mészáros em sua obra *Educação para além do capital*, no sentido de construção de uma nova educação, para a criação de uma nova sociedade livre:

"De fato, da maneira como estão as coisas hoje, a principal função da educação formal é agir como um cão de guarda ex-officio e autoritário para induzir um conformismo generalizado em determinados modos de internalização, de forma a subordiná-los às exigências da ordem estabelecida" (MÉSZÁROS, 2008, p. 55).

A educação baseada em interesses capitalistas desconstrói os sujeitos de sua própria história e, dessa maneira, a língua, as relações religiosas, crenças e valores constituem as concepções de quem os explora. Assim, a história do dominador passa a se sobrepor à do dominado, suprimindo suas concepções de mundo.

As relações sociais e pessoais existem inseridas no espaço e tempo do mundo em que estamos, onde se encontram os diversos "aparelhos" de construção de ideias, como mídia, as instituições diversas (igrejas, partidos políticos etc.), entre outros, todos eles interferindo em nossas relações com o mundo. Todos os espaços citados como construtores de conhecimento podem ser produtos alienantes ou não, dependendo dos interesses e por que causas sociais os constituem. Como exemplo, podemos citar a mídia impressa (por exemplo, o jornal), que pode ser um produto alienante de informação, com vista a interesses do neoliberalismo, ou construído por um movimento social voltado à criação de uma consciência do povo em relação à sua condição de explorado.

A escola, como um espaço gerador de conhecimento, ao qual o capital tem seus interesses, acaba por ser atingida de maneira direta quanto aos interesses de grupos, contra a cidadania plena dos sujeitos. Por esse motivo, há em seus meio discursos contrários à construção de um espaço de aprendizado, e que estão muito mais a serviço de especulações neoliberais. Como nos diz FREIRE (2000):

"É típico de certo discurso neoliberal, também às vezes chamado de pós-moderno, mas de uma pós-modernidade reacionária, para a qual, o que importa é o ensino puramente técnico, é a transmissão de um conjunto x de conhecimentos necessários às classes populares para a sua sobrevivência" (p. 109).

A instituição escolar deve ter o compromisso de ser laica, democrática, de interesse com as causas humanas, com as diferenças e diversidades. É nesse espaço que se espera que sejam construídos conhecimentos para a transformação da sociedade. Contudo, as especulações com o ensino público por meio de quem domina os meios de produções (lobby, empresários que influenciam no poder executivo e legislativo), tornaram-a um local desfavorecido com uma estrutura institucional burocrática que não gera interesses fazendo com que grupos de educandos(as) não vejam na escola uma saída para a mudança em suas vidas.

Saviani (1988) afirma que “enquanto aparelho ideológico, a escola cumpre duas funções básicas: contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa” (p. 37). Para este trabalho, não é exatamente o papel da escola que queremos discutir, mas evidenciar ações de instituições que reforçam em muitas de suas práticas a marginalização dos sujeitos, como uma instituição pública e de caráter educativo, deveria - a nosso ver - ser um palco de luta, transformação e organização de movimentos populares, resultando na construção de uma escola cidadã. Porém, sabe-se que mesmo com dificuldades e permeadas de discursos reacionários a escola pública ainda cumpre seu compromisso com as transformações sociais, que em uma base do Estado que não a prioriza como um local de importância dentro das comunidades periféricas, a organização de Conselhos, a atuação de professores e profissionais da educação engajam compromissos de transformações desse espaço, mesmo nessa estrutura de descaso com a escola pública.

Em intensas lutas da sociedade, voltadas para a mudança e a composição de uma sociedade mais justa, as organizações civis ou os movimentos populares foram importantes na construção de uma mentalidade emancipatória; mesmo que muitos movimentos tenham em seu percurso cedido a interesses capitais, ainda assim, cumpriram importante papel nas mudanças e nas representações do povo em diversas camadas da sociedade. O surgimento de organizações sociais vem exatamente desse processo de desigualdade gerado pelo interesse individual e não coletivo. O fato de haver em uma sociedade um grupo com maiores privilégios enquanto que outro grupo, muito maior, vive com apenas o mínimo ou às vezes nem isso, gera um processo de marginalização de um grupo social, que ausente de seus direitos se organiza para construir a luta por igualdade ou, em um caso extremo, a tomada do poder vigente para a construção de uma nova ordem.

A educação é em sua essência uma prática libertadora de mudanças dos paradigmas que contribui para sermos sujeitos produtores de cultura. Podemos diferenciar suas necessidades investigando diferentes sociedades: uma comunidade indígena pode, por exemplo, ter em sua necessidade a produção apenas do que precisam para se alimentar e produzir determinados objetos. Assim posto, sendo dividido o trabalho e a produção compartilhada, todos são iguais e recebem o que necessitam para sua sobrevivência, tendo tempo para exercer seus cultos religiosos, comemorações, entre outras manifestações realizadas por determinados grupos.

Essa questão diz respeito a uma educação e a uma sociedade que, em sua prática social, possuem semelhança com concepções socialistas¹³, e mesmo que considerada uma sociedade primitiva, ela tem em sua prática a divisão e função do trabalho apenas para satisfazer suas necessidades, sem a obrigação de estocar ou mesmo de produzir mais para o comércio.

A cultura humana, porém, sempre produziu fortes desigualdades, e na intensa luta de classes a educação sempre foi um campo para manter forças hegemônicas, ou seja, educar de maneira alienante ou até não dar a oportunidade da educação formal¹⁴ é uma maneira de se manter o poder vigente em diferentes sociedades. Aníbal Ponce, em sua obra *Educação e luta de classes*, realiza um estudo histórico em diferentes épocas para nos mostrar a educação como uma forma de poder em diferentes sociedades: da sociedade antiga, como Grécia e Roma, passando pela sociedade feudal e pelo Renascimento, até chegar à Revolução Francesa, e em todos esses momentos da história pode-se analisar a educação sendo sempre ofertada para aqueles que, ou estariam no poder ou ajudaria a manter esse poder (PONCE, 1989).

Portanto, a divisão do povo em classes, sejam essas as classes de trabalhadores ou o extremo da escravidão, separa a população para que ela receba um tipo de educação que sirva somente para desempenhar o trabalho para lucro de outro. Brandão (2001) discorre que “mais ainda, a educação participa do processo de produção de

¹³Como prática do socialismo, entende-se o que István Mészáros diz: "Cumprer enfatizar aqui que a educação – como o desenvolvimento progressivo da consciência socialista integrante à vida dos indivíduos sociais em sua estreita interação com seu ambiente social historicamente em transformação – é uma força vital identificável também pelo grande impacto da educação sobre a mudança na reprodução material. Esse impacto emerge diretamente da substituição operacional do tempo de trabalho necessário pelo tempo disponível autonomamente determinado, definida na disposição de sua sociedade pelos indivíduos trabalhadores" (Mészáros, 2008, p.102).

¹⁴O ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia, a teoria da educação, cria situações próprias para seu exercício, produz métodos, estabelece suas regras e tempos, e constitui executores especializados" (BRANDÃO, 2001, p. 26).

crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades” (p. 11).

Assim, se uma sociedade possui interesses de acumulação de riquezas, a educação dos filhos dos trabalhadores estará centrada, já que suas influências são permeadas por instituições de ordens financeiras, em uma educação alienada, pois sendo conscientes de suas condições, eles podem se organizar e reestruturar sua participação na história. Muitas revoluções, sindicatos, partidos políticos, organizações diversas foram criados dentro de uma consciência coletiva, tendo o povo como prioridade na mudança da ordem social, criando-se, assim, em tantas épocas e lugares, ações que nasceram a partir da necessidade de igualdade entre os povos e nações no mundo. Para que se construam práticas de educação dentro de uma perspectiva contra hegemônica, é que muitas populações, comunidades e sociedades desenvolveram maneiras alternativas de se constituir o conhecimento. Dentro da história da América do Sul e África, por exemplo, temos múltiplas experiências, que vão de processos de luta armada - como no caso da Revolução Cubana, da luta contra o apartheid, do processo de reafrikanização de Amílcar Cabral em Guiné Bissau e Cabo Verde - até as lutas realizadas contra as diversas ditaduras que ocorreram nos países desses continentes.

Essas são práticas que surgem da condição de uma população que em uma situação desumana se organiza para construir novas perspectivas. Portanto o aprendizado e conhecimento são partes de um todo, desde as relações culturais aos diplomas que alcançamos por meio da formação escolar, porém todos esses conhecimentos só possuem sentidos quando feitos para a melhoria coletiva e não somente para o benefício pessoal. Um profissional de qualquer âmbito não é só aquele que passou por determinadas formações, mas também aquele que se qualificou na vida com as demais pessoas e com o que tem de acúmulo cultural. Por isso, fala-se de aprender, constituindo com o que temos: “às vezes, ou quase sempre, lamentavelmente, quando pensamos ou nos perguntamos sobre a nossa trajetória profissional, o centro exclusivo das referências está nos cursos realizados, na formação acadêmica” (FREIRE, 200, p. 23).

O discurso hierárquico amparado em uma ideologia que reforça a desigualdade se mantém oculto, de modo a parecer que existem direitos iguais entre todos e não privilégios para a classe dominante e para o próprio Estado. Chauí (2005) afirma que:

"Se quisermos ultrapassar essa ilusão precisaremos encontrar um caminho graças ao qual façamos o discurso ideológico destruir-se internamente. Isto implica ultrapassar uma atitude meramente dicotômica rumo a uma atitude teórica realmente dialética, encontrando uma via pela qual a contradição interna ao discurso ideológico o faça explodir" (CHAUÍ, 2005, p. 22).

Portanto para a mudança efetiva, o desenvolvimento de uma educação emancipatória, que seja de produção de conhecimento para a humanidade como parte do nosso processo de desenvolvimento, deve ser feita em práticas fora do contexto ideológico de se educar para o mercado de trabalho ou acumular conhecimentos que em muitos momentos não fazem sentido na vida das pessoas. E tanto nos espaços organizados pela população, como em locais públicos institucionais como escolas, hospitais, conselhos, etc., essa presença de uma constituição de conhecimento para com mudanças efetivas no campo social devem ser levadas em consideração.

1.5 Educação e Movimento Popular

As perspectivas de nossa educação institucionalizada vem há anos como parte de um processo alienatório e voltada às necessidades do capital e do neoliberalismo. A construção de currículos, programas e mesmo da organização pedagógica de nosso país, pouco evidencia uma educação com a intencionalidade emancipadora, que busque e construa homens e mulheres dentro de uma cidadania planetária¹⁵.

No contexto de uma sociedade que não reconhece a necessidade da superação de desigualdades, a escola acaba por sofrer com esse processo, o que faz com que esse espaço torne-se, também um local de lutas em que de um lado afirme essa instituição como pública e que contribua para a formação de uma sociedade justa, e que por outro lado sirva ao interesse da alienação. Os movimentos sociais, como espaço educador, com práticas educativas e de conhecimento que adentra o universo do trabalhador e as necessidades de superação de uma sociedade segregada, também tem sua participação em instituições públicas como escolas, conselhos escolares, municipais, orçamento participativo, entre outros. Muitos movimentos rompem com paradigmas ideológicos e elitistas, construindo, dessa maneira, seus próprios conhecimentos, lendo o mundo em que estão para decodificarem os problemas e superações históricas que precisam ser feitas.

Esses movimentos garantiram melhorias em diversos setores sociais, afirmando e reivindicando seus direitos, o exercício da cidadania, a construção de identidades coletivas, a autoestima pessoal e social de grupos discriminados e oprimidos. Ressaltamos ainda, que os movimentos sociais, assim como a participação popular remetem a questão da sociedade de classes oriundas do capitalismo. Com o antagonismo entre as classes e as contradições geradas pela desigualdade, a participação popular, greves, organizações civis, entre outras, são formas de expressão das lutas por melhores condições desses grupos.

Dessa maneira, a participação desses movimentos em instituições do Estado, por meio de conselhos ou outros, exerce um diálogo e mesmo controle para que a população possa decidir junto com o governo vigente sobre questões que afetam diretamente suas

¹⁵"A noção de Cidadania Planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela abarca um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos e demonstra uma nova percepção da Terra como uma única comunidade. Ela manifesta-se em diferentes expressões: nossa humanidade comum, unidade na diversidade, nosso futuro comum, nossa pátria comum" (<<http://www.wook.pt/ficha/ecopedagogia-e-cidadania-planetaria/a/id/14658564> > Acesso em: 25/08/2013).

reivindicações, afirmando inclusive um direito Constitucional.

Com essas lutas que se deram em duros processos durante a história do país, é que os movimentos conseguiram tornar reivindicações em políticas públicas, mudanças das leis e das concepções da classe trabalhadora. A criação de uma nova constituição que ocorreu em 1988 (Constituição Federal de 1988), a criação de leis para a assistência social feitas a partir do SUAS (O Sistema Único de Assistência Social) e que trazem mudanças no atendimento e a diversas reivindicações feitas por diferentes movimentos, a criação do ECA (Estatuto da Criança do adolescente, 1990), Leis como a 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas, e outras de defesa a mulher, na questão de gênero, todas essas engajadas por movimentos contra uma ordem estruturada em anos de opressão no país e baseadas em uma estrutura de pensamento eurocêntrico, machista, e cristão.

Neste caso, o importante é que se considerem os movimentos sociais como grupos coletivos articulados dentro de suas comunidades ou, como afirma Gohn (2012),

"O cidadão coletivo presente nos movimentos sociais reivindica baseado em interesses de coletividade de diversas naturezas. Assim grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de favelados que lutam pela posse de terra, grupos de moradores pobres que lutam pelo acesso a algum tipo de moradia etc." (p. 20).

Desta maneira, compreendemos esses processos históricos de reivindicações com essa necessidade coletiva de mudanças, mesmo que grupos tenham se dedicados a diferentes lutas, como moradia, sobre a questão racial, dos direitos das mulheres, todas essas tinham como foco a mudança das ordens opressoras do país.

Entender a educação em todo esse processo é fundamental para compor esses aprendizados gerados dentro dos movimentos sociais. A palavra educação em um censo comum está vinculada à ideia de escolarização ou ao grau de estudo que um determinado sujeito alcançou, como por exemplo, o ensino fundamental, médio ou universitário. Porém, a educação é, também, uma ação política e transformadora, uma ciência que possui em sua essência a capacidade de transformar homens e mulheres dentro de uma perspectiva emancipadora de sociedade.

Convém, nesse sentido, analisar a questão da valorização da educação desenvolvida em espaços institucionalizados, pois seu caráter está na construção de uma sociedade dividida em classes ou, em outras palavras, na divisão da qualidade e supervalorização de uma educação para elites e de uma educação desenvolvida para a

prática do mercado de trabalho feita aos trabalhadores, uma educação vigiada e meritocracia.

A educação, para ser transformadora e produtora de conhecimento para a população, deve romper com a lógica de educação como uma mercadoria e gerar em sua ação, intelectuais que desenvolvam conhecimentos de acordo com suas necessidades ou, como afirma Gramsci (1991), *intelectuais orgânicos*, que defendam os interesses de uma revolução da classe trabalhadora e, em sua gênese, estejam preparados para um novo modelo de sociedade. É nessa questão que surge a importância dos movimentos populares como um aparelho educativo, cujas lutas por liberdade e por uma sociedade mais justa desenvolva intelectuais contra hegemônicos, e neste caso essa superação também deve ocorrer dentro de instituições públicas, como, por exemplo, a escola, em que estão presentes os filhos dos trabalhadores.

Conceituar a educação vinculada aos movimentos sociais é, em sua essência, tratar dessa questão como uma articulação de necessidades coletivas. A união em prol de lutas de liberdade no Campo, em Quilombos, ocupações de Movimentos Sem Teto e Sem Terra, Sindicatos, entre outros, surgem da necessidade de se resignificar a relação entre Estado e população civil. Nesta questão, compreende-se que homens e mulheres são responsáveis pelas transformações de suas realidades, por mais caótica que essa seja; neste caso, tanto os movimentos sociais como a educação interagem na superação de uma situação caótica e alienada de determinadas populações.

É nesse caminho que a educação se encontra com os movimentos sociais, sejam esses movimentos de qualquer âmbito, da luta no campo ou na cidade, de pequenos grupos ou países inteiros, pois a união dos oprimidos resulta em suas organizações e, diante disso, no aprender e construir conhecimentos coletivos significativos.

Os movimentos organizados, no Brasil, se constituíram em diversos momentos da história, desde os movimentos de libertação contra um regime de escravidão da população negra, em campanhas do abolicionismo no século XIX, passando por movimentos de luta contra a ditadura, até as “Diretas-Já”, que resultou no *impedimento* do então presidente Fernando Collor de Melo, em 1992. Porém, os movimentos sociais ganharam força entre as décadas de 1960 e 1980, com o movimento operário e os diversos movimentos populares vinculados às questões do campo, de gênero, racial, das organizações de bairros e mesmo eclesiais. Na década de 70, com o maior impacto da violência e perseguição política do regime ditatorial do país, vários desses movimentos atuaram em prol dos direitos humanos e democratização do país, inclusive,

nesse momento, a presença do movimento estudantil também foi um fator considerável nas atuações contra o governo ditatorial.

Na década de 80, os movimentos vão incluir parcelas maiores da sociedade; há uma pluralização dos movimentos e a incorporação de particularidades, como a questão de gênero, raça, cultura, com mais ênfase e destaque. Surgem os movimentos pela ecologia, que inclui a necessidade de conservação do meio ambiente, como uma luta política e social. Os movimentos sindicais e a Assembleia Constituinte, que resulta na Constituição de 1988, também são marcas históricas de lutas de movimentos sociais que foram organizadas durante a década em questão.

No início da década de 90, influenciadas pelas conquistas e organização que se sucederam nas décadas anteriores, houve diversas movimentações em que vários interesses sociais estavam envolvidos e foram impulsionadas pelas passeatas, Conferências e Fóruns. Acontecimentos como o Fórum Nacional de Luta pela Escola Pública, ECO 92, as organizações não governamentais (ONGs), outros movimentos como o do direito à creche e à vagas em escolas de ensino médio, movimento de transportes alternativos (os perueiros), movimentos contra a violência e criminalização dos jovens negros das periferias são parte da lista de mobilizações feitas na década de 90.

Os movimentos sociais, nesse momento, já enfrentavam a proeminência de determinadas desigualdades, tensões e contradições históricas; em outras palavras, seu desenvolvimento e ações surgem das necessidades de mudanças sociais, trazendo consigo o conhecimento de um modelo de sociedade dentro do qual se articulam para romper as desigualdades em que foram postos.

O ato educativo se constrói na participação desses grupos que desempenham uma produção de saberes necessária a suas lutas. Dessa maneira, um grupo que reivindica questões de políticas afirmativas na questão racial deve conhecer a história da população negra do país, para que possa entender essa necessidade de mudança. Como outro exemplo, movimentos por moradias devem compreender como se dá o processo de ocupação, do direito à moradia, que é constitucional, ou seja, não se organiza uma luta ou mobilização sem entender como se estruturar para lutar pelos direitos.

Outras questões também favorecem a uma prática educativa dentro dos movimentos, não só o fato da união para essa organização, mas também os diálogos, construindo as negociações, incentivando o confronto de ideias, valorizando a organização da memória desses movimentos, e a construção de matrizes geradores do

saber que ocorrem dentro do cotidiano e articula-se em um processo interativo do grupo.

"Historicamente a relação movimentos sociais-educação tem um elemento de união, que é a questão da cidadania. Cumpre esclarecer primeiro esta categoria onde se observa a construção de várias abordagens, do ponto de vista teórico-metodológico e das visões do processo de mudança e transformação da sociedade" (GOHN, 2012, p. 15).

Nesse contexto, esses movimentos assumiram a constituição de conhecimentos acumulados, para que os sujeitos envolvidos nas organizações se tornassem críticos, com consciência de suas lutas. Essas organizações assumiram não só a questão de se opor ao Estado ou ordens opressoras como conseguiu ampliar a cidadania e resgatar identidades de grupos, construindo coletivamente aprendizagens para a transição de um modelo meramente representativo de democracia para um modelo de exercício pleno e ativo da cidadania.

CAPÍTULO 2:

PALAVRAS DE PROTESTO, DELIMITAÇÃO CULTURAL E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Neste capítulo, procuramos trazer discussões necessárias que contemplem a constituição do território de pesquisa observado por SANTOS (2001) e que se manifesta na estrutura geográfica, política, cultural, e econômica, além de caracterizar o *lugar* como ponto de transformações contra hegemônicas na organização social das populações periféricas. Nisso, o papel do lugar é determinante. “Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro” (SANTOS, 2001, p. 114). Contextualizamos ainda, as contribuições de Gohn sobre movimentos sociais e educação não-formal e de literatura como prática social de Candido. Para além de descrições objetivas, discutiremos as peculiaridades entre a prática educativa resultante da resignificação dos espaços e constituição intelectual realizada por meio das ações realizadas pelos coletivos que trabalham com a literatura marginal/periférica.

2.1 No extremo de São Paulo: o bairro da Brasilândia

O bairro da Brasilândia fica localizado na zona noroeste do município de São Paulo e é parte da Subprefeitura da Freguesia do Ó. Do ponto zero da cidade, localizado na Praça da Sé, são vinte quilômetros de distância aproximadamente, o que torna o bairro parte dos extremos do município, a chamada *periferia*.

Figura 3 – Mapa da Freguesia do Ó/Brasilândia¹⁶



Até a metade do século XX, o distrito era constituído por um conjunto de propriedades rurais e sua base econômica incluía pequenas plantações, entre elas a cana de açúcar. Os primeiros loteamentos são da década de 40, porém entre as décadas de 50 e 60 houve uma ocupação massiva com a migração nordestina e com famílias pobres que, em sua maioria, eram compostos por negros expulsos do centro da cidade devido às reformas urbanas.

Em 2010, os dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras contabilizaram um total de 264.918 mil habitantes, com grande parte dessa população vivendo nas áreas mais carentes. Os números de vulnerabilidade social do local reproduzem condições semelhantes aos de outros bairros carentes da cidade, porém casos como o de violência entre jovens de 15 a 19 anos chegam a 35,17 % comparados com um total geral do município. Outras questões como a baixa escolaridade, maternidade de mulheres de 12 a 19 anos, desemprego e baixo rendimento escolar ainda estão entre os de maiores índices, se comparadas com todo o município¹⁷.

O crescimento desorganizado fez com que muitas moradias não fossem regularizadas: as construções feitas em terrenos acidentados - pois grande parte dessa região era parte da Serra da Cantareira - caracterizam as moradias, construídas com muita proximidade umas das outras, entre vielas, escadões e pequenos corredores que servem como as saídas dessas casas para as ruas do bairro.

¹⁶Subprefeitura Freguesia do Ó/Brasilândia. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/mapas/index.php?p=143 > Acesso em 02/05/2013.

¹⁷Observatório Cidadão – Rede nossa São Paulo. Disponível em: <http://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/regioes.php?regiao=14&distrito=11>. Acesso em 30/04/2013.

Figura 4 – Contexto geográfico da Brasilândia e bairros vizinhos¹⁸



Observado da parte mais alta do bairro, tem-se a dimensão do montante de casas feitas com tijolos simples e telhas de amianto, algumas poucas lajes que são negociadas para que outras famílias construam na parte de cima, além de crianças e mulheres sentadas entre os becos, portas e janelas próximas e quintais de casas que são as próprias vielas ou micro espaços independentes que é quase que um privilégio no local. Este ambiente traz pequenos "bairros" dentro do próprio bairro, evidenciando o quanto se construiu uma organização comunitária de vida cotidiana, com características de um território que funciona em torno dessa comunidade.

"O processo acima descrito é também aquele pelo qual uma sociedade e um território estão sempre à busca de um sentido e exercem, por isso, uma vida reflexiva. Neste caso, o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representar um papel" (SANTOS, 2001, p.111)

No final de 2012, ano que já havíamos iniciado as abordagens e observações para a pesquisa, houve uma intensa operação policial que causou no bairro um toque de

¹⁸Rede de Audiência pública São Paulo Fonte: <
<http://www.adoteumvereadorsp.com.br/news/audi%C3%A2ncia%20p%C3%BAblica%20debate%20problemas%20da%20regi%C3%A3o%20da%20bras%C3%82lia/>> . Acesso em 10/07/2013.

recolher devido aos fatores de inseguranças e a morte de alguns jovens por policiais¹⁹. Nesta mesma época, outros bairros do município sofreram com essa intensa violência, porém não houve investigações para saber quais foram às reais causas, ficando apenas algumas especulações da mídia, a opinião de moradores que testemunharam sobre o poder policial e, do outro lado, instituições da polícia civil e militar, que, por meio de sua assessoria de imprensa, afirmaram que as operações foram realizadas por conta dos ataques a policiais e que somente pessoas envolvidas com esses casos foram presas ou mortas nos confrontos das operações da polícia²⁰.

Casos de ocupação de órgãos militares no bairro fazem parte de sua própria história: em 2007, durante os meses de março a junho houve a operação denominada de “Operação Saturação” que contou com 600 policiais da tropa de Choque, Cavalaria e Rota, considerados a elite da polícia militar. Tanto a Prefeitura quanto o Governo Estadual justificaram que tudo era parte da minimização dos problemas sociais. Após as operações, iniciou-se um projeto intitulado *Virada Social*, que culminou com a intensificação de serviços públicos como coleta de lixo, atendimento jurídico, mobilização para a construção de uma Unidade Básica de Saúde, reformas em espaços públicos. Não houve nesta pesquisa uma investigação maior sobre o resultado dessas ações no bairro, mas pela observação pessoal que fizemos, parece não ter havido muita melhoria, nem mesmo a minimização dos problemas e vulnerabilidade social de moradores do local.

O breve contexto do bairro nos mostra como a manifestação sociocultural possui uma dinâmica própria na organização e convivência dessa população, situação vivida em diversos bairros periféricos do país. O território nos mostra como a exploração pelos agentes do capital, no que diz a respeito à segregação dos trabalhadores, é eficaz ao distanciar esse grupo dos centros urbanizados e desenvolvidos, tirando-lhes o direito legal e humano de ter um local digno para viver.

As distâncias constituídas entre os bairros periféricos e o centro da cidade se constituem não só como física como também simbólica. As maiorias desses moradores não desenvolveram o hábito de utilizarem os meios de entretenimento, como teatros, parques, museus e outros espaços públicos, nesse contexto a importância de atividades

¹⁹Para essa questão, o diário de campo no **Anexo A** página 116 dessa dissertação, contém o relatório e trecho da matéria de um jornal de grande circulação da cidade São Paulo sobre esse ocorrido.

²⁰Para mais detalhes entre a situação de violência na comunidade e as ações do Sarau Poesia na Brasa, temos um relatório de visita a campo com o título de "Um momento em meio à guerra", no **Anexo A** página 115 desta dissertação.

como o sarau, e as manifestações diversas existentes na periferia, ganha uma significação impactante justamente pela falta de locais de estímulos educativos, artísticos, e criativos.

O desenvolvimento de uma cultura da periferia se qualifica na ideia de uma *cultura popular*, de resistência frente ao distanciamento imposto aos bens culturais que alguns locais "privilegiados" da cidade possuem. “Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos "de baixo", pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2001, p. 144) diferente de uma *cultura de massa*²¹ produzida para a alienação da população.

Assim como em outros bairros das periferias de São Paulo a Brasilândia, não só em sua cartografia oficial, mas também nas áreas antes ocupadas, hoje possui a formação do território que compõe esse fazer de gente que ao se estabelecer desenvolve-se em sua estrutura uma cultura local de convívio, organização, e aprendizagens próprias que constitui suas existências.

²¹A cultura de massas produz certamente símbolos. Mas estes, direta ou indiretamente ao serviço do poder ou do mercado, são, a cada vez, fixos. Frente ao movimento social e no objetivo de não parecerem envelhecidos, são substituídos, mas por uma outra simbologia também fixa: o que vem de cima está sempre morrendo e pode, por antecipação, já ser visto como cadáver desde o seu nascimento. E essa a simbologia ideológica da cultura de massas (SANTOS, 2001, p. 145).

2.2 O Histórico de Resistência do Sarau Poesia na Brasa

O coletivo cultural Sarau Poesia na Brasa começou suas atividades no dia 05 de julho de 2008. Mas sua história remete ao ano de 2003, quando um grupo de jovens moradores do bairro da Vila Brasilândia, com idades entre 16 e 18 anos, reunia-se frequentemente com a intenção de refletir e intervir na realidade em que estavam inseridos, marcada pela desigualdade social. Foram realizadas muitas reuniões e o esboço de um “zine”, do então grupo “Acorde!?”, para ser distribuído gratuitamente como forma de intervenção artística, cultural e educacional dentro da cidade de São Paulo.

No entanto, no ano seguinte, alguns desses jovens foram cursar universidades em outras cidades e Estados do país, ocorrendo uma dispersão, apesar das discussões continuarem intensas, seja via *internet*, seja nos momentos em que se reencontravam em São Paulo. No intervalo que se segue, entre os anos de 2003 e 2008, os componentes do coletivo cultural *Poesia na Brasa*, embora ainda não se constituísse como tal, envolveram-se em diversas atividades relacionadas ao teatro, à educação popular, à música, à literatura e à dança dentro das periferias da cidade de São Paulo.

No segundo semestre de 2007, vendo a possibilidade de retomarem coletivamente suas atividades no bairro da Vila Brasilândia, periferia da zona norte de São Paulo, um novo grupo se formou e passou a se reunir para a elaboração de um projeto de intervenção cultural com foco no bairro em que residiam. Em função de muitos de seus integrantes trabalharem na área da educação, deram prioridade a um projeto que contemplasse uma das principais carências das populações periféricas, ou seja, uma educação de qualidade que ampliasse as perspectivas de desenvolvimento cultural.

Para concretizar tal objetivo, o coletivo procurou ampliar as próprias perspectivas culturais existentes nas demais periferias da cidade de São Paulo. Assim conheceram e participaram do “Terceiro encontro de Literatura Marginal”, organizado pelo escritor Ferréz, no bairro do Capão Redondo; do *Sarau da Cooperifa* (Cooperativa Cultural da Periferia), com participação do poeta e escritor Sergio Vaz, no bairro Jardim São Luiz; do *Sarau do Binho*, organizado no bairro do Campo Limpo - todos localizados na periferia da zona sul; do *Sarau Elo da Corrente*, organizado no bairro Pirituba, da periferia da zona oeste, entre outros movimentos culturais.

O contato com estes movimentos culturais foi fundamental para a definição de um projeto de intervenção, pois a partir dele percebeu-se a reação dos moradores destas regiões às iniciativas que valorizam seu passado e presente por meio da arte, estimulando a participação desde crianças que mal sabiam ler até pessoas na terceira idade que compartilham com os demais todas suas experiências de vida, com foco na poesia e na música, além de agitadores culturais mais experientes e ouvintes dedicados que frequentam periodicamente estes locais.

Assim, em 05 de julho de 2008, realizou-se o primeiro *Sarau Poesia na Brasa*, realizado em um bar situado num importante ponto de circulação de moradores (Rua Parapuã, na Vila Brasilândia). A primeira edição do *Sarau Poesia na Brasa* foi organizada pelo Coletivo Cultural, com o apoio do dono do bar onde a atividade desenvolveu-se, popularmente conhecido como “Cardoso”, foi inicialmente concebida como experiência piloto, em função do desconhecimento de alguns sobre o propósito do evento. No entanto, ao final desta primeira experiência, com a participação de cerca de 50 pessoas, o grupo obteve uma incondicional aprovação do público presente – poetas, escritores, músicos e ouvintes – e do dono do bar para repetir a dose.

Tal como boa parte dos problemas que afligem os moradores das periferias, mas num tom inverso, o sarau tornou-se crônico, repetindo-se com grande sucesso aos sábados, com intervalos bi semanais²², em local fixo e com média de frequência de 60 a 70 pessoas, além da participação de cerca de 30 artistas (poetas, escritores, músicos, contadores de história e atores) em cada edição.

Além desta importante média de participação nas 24 edições ocorridas até o ano de 2009, o coletivo cultural também realizou a edição de um livro²³ com poemas e minibiografias dos autores e frequentadores do espaço. Esse fato é extremamente importante, já que o acesso a esses escritores e com suas obras – vendidas a preços extremamente baixos por seus autores – proporcionou um primeiro contato de muitos frequentadores com livros de poesias, estimulando-os, juntamente com o Sarau, a ler, refletir, escrever, declamar e expandir seus conhecimentos.

No primeiro ano de criação, o sarau passou por diversas experiências e não se

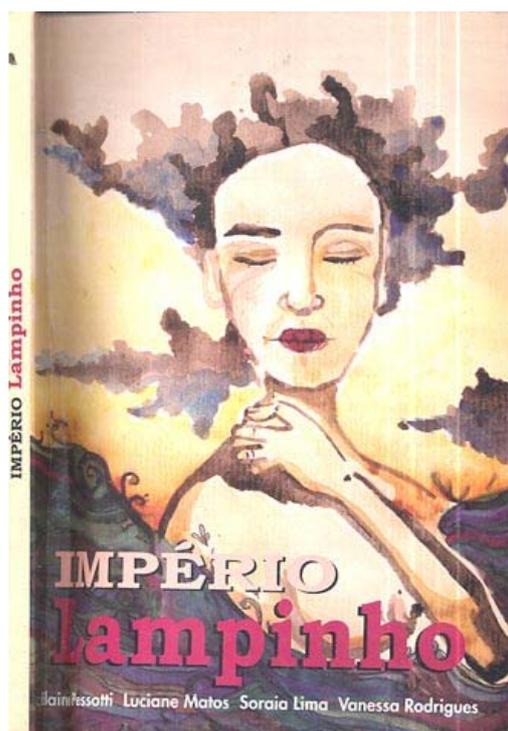
²²Até o momento desta pesquisa o sarau acontece quinzenalmente no bar do Carlita, este compromisso é mantido com o grupo e frequentadores do espaço para que todo(a)s possa trazer seus trabalhos, discutir questões sobre a comunidade, receber visitas de outros grupos e poetas de diversos locais de São Paulo e de fora da cidade. Outras ações acontecem com intervenções de membros do grupo que visitam escolas, praças, movimentos sociais entre outros.

²³A capa e prefácio desta publicação e texto de abertura dessa primeira publicação está na página 122 do **Anexo B** desta dissertação.

restringiu a nenhum espaço determinado - as vozes foram ao encontro dos ouvidos, onde quer que eles estejam: nas escolas públicas, nas casas de cultura, nos saraus, na Fundação CASA, esquinas, paróquias, bares, entre outros, lugares onde a resistência em forma de poesia se desenvolveu.

Até o término desta pesquisa o grupo já havia publicado quatro coletâneas de poesias, todas com título de "Antologia: Coletivo Sarau Poesia na Brasa vol. I (2009), vol. II (2010), vol. III (2011), vol. IV (2012). Contribuíram, também, na organização de outros três livros com os seguintes títulos: Império Lampinho (livro de poesias escritas por mulheres do bairro da Brasilândia); Coletivo 8542 e devaneios diários (livro de poesia feita sobre as histórias vividas pelos moradores do bairro da Brasilândia nos transportes coletivos); Tambores da Noite (livro de poemas de um antigo morador do bairro chamado Carlos Assumpção).

Figura 5 - Capa do livro – Império Lampinho (Uma das publicações organizadas pelo coletivo)



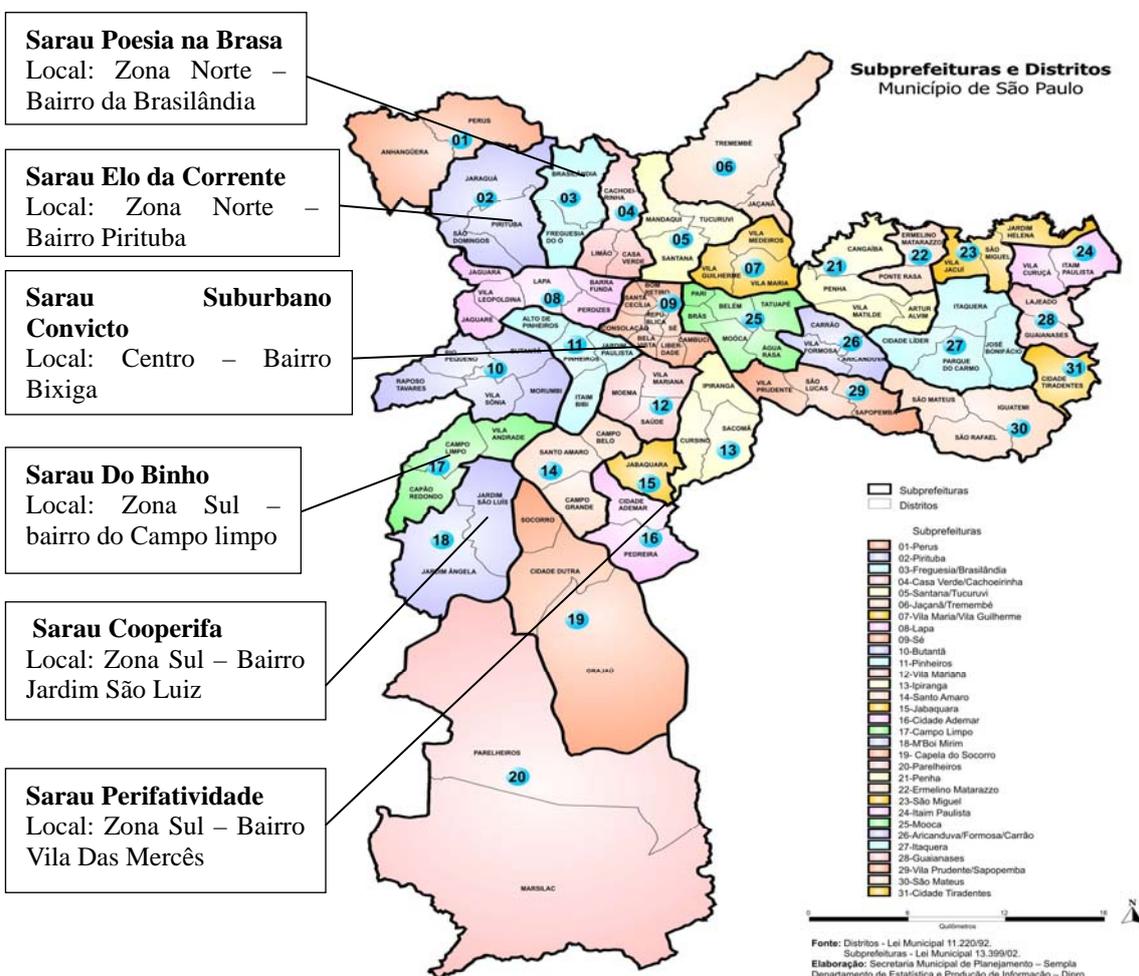
Fonte: Blog do Sarau Poesia na Brasa

As ações do coletivo continuam com essa práxis entre as produções literárias, a organização dos saraus, além das diversas intervenções que realizam em locais já citados neste texto. Essa variedade de trabalhos tem como principal matéria-prima a literatura, tanto na produção de textos, livros, como também no desenvolvimento dos projetos que o coletivo tem participado.

2.3 A ação coletiva dos escritores para a mobilização social

Como todos os movimentos de integração e manifestação popular de grande importância para a sociedade, os chamados saraus desenvolvidos na periferia de São Paulo se estenderam por diversos bairros tornando-se espaços de resistências culturais, assim como pontos de encontro e sociabilidade que se caracterizam pelas trocas de experiências e aprendizagens de seus participantes. Para compreendermos a localização e o número de espaços que organizam eventos com foco na literatura das periferias de São Paulo realizamos o levantamento de alguns desses locais, marcando-os nos mapa do município, conforme ilustração abaixo:

Figura 6 – Mapeamento dos Saraus pelos bairros de São Paulo



Fonte: Mapa da Secretaria do Planejamento, readaptado pelo autor.

Os seis endereços localizados no mapa possuem um público consolidado, livros editados de modo independente (coletâneas de poesias de seus frequentadores), assim como se tornaram pontos de grande repercussão cultural, como é o caso do Sarau da Cooperifa, organizado pelo escritor Sergio Vaz, que realiza eventos itinerantes em espaços diversos pelas periferias de São Paulo, em outros Estados e, recentemente, fora do país. É possível que haja outros movimentos surgindo ou mesmo já em funcionamento, mas por motivos de tempo e por entender que com esses já se consolidavam as contribuições necessárias para nossa análise, não realizamos mais buscas.

Entre os fatores que tornam esses movimentos semelhantes, os pontos onde são realizados os encontros chamam atenção: primeiro, por se tratar de bairros distantes do centro²⁴ de São Paulo, portanto nas periferias em que as práticas vinculadas à educação com foco na literatura pouco costumam acontecer; segundo, por serem ações novas e que não estão nos históricos de ações dessa população. Em todo o processo de investigação, não foram identificados movimentos semelhantes, ou com características da literatura marginal/periférica em outros momentos históricos do país. A ação individualizada de alguns escritores - como Lima Barreto, Maria Carolina de Jesus ou Solano Trindade - foi o mais próximo que encontramos, mas como casos isolados não podem ser computados como um movimento em que outros autores(as) estivessem realizando publicações sobre o tema da marginalidade em periferias ou guetos.

Outro projeto que também possui grande destaque é do sarau Suburbano Convicto, organizado por Alessandro Buzo, escritor e apresentador de um quadro jornalístico em uma grande emissora de TV de São Paulo e que em 2013 consolidou uma parceria com a Universidade Nove de Julho (Uninove), de São Paulo, para realizar os saraus dentro dos diversos polos dessa instituição. O Sarau Suburbano Convicto é o único, até o momento da pesquisa, que tem mantido uma frequência em seus encontros na região central com os aspectos das mobilizações e ações literárias dos saraus dos bairros periféricos, segundo seu organizador, manter esse espaço em uma região mais próxima do centro possibilita que ali se torne um ponto de encontro para os apreciadores

²⁴Quanto à ideia de centro e periferia Nascimento afirma que, “vale assinalar, então, que ainda que as noções de centro e periferia estejam sendo relativizadas pelos acadêmicos, é por uma ideia de “centro”, como espaço de moradia das classes médias e altas, de melhores condições de vida e de concentração das práticas culturais “cultas” e “legitimadas”; e outra de “periferia” como sinônimo de espaço de carência, que reúne a população marginalizada social e culturalmente, e faz emergir produtos culturais como a música rap e a literatura marginal; que organiza a produção literária e a atuação dos escritores, e valida a construção de suas imagens associadas ao adjetivo marginal” (Nascimento, 2006, p. 76)

desse movimento que veem de diversos bairros periféricos, assim como moradores da região central. Espaços como a *Ação Educativa*²⁵ e a *Galeria Olido*²⁶, ambos localizados na região central da cidade, realizam encontros pontuais com a mesma temática, porém não há em nenhum desses locais uma frequência desses eventos.

A visibilidade dos Saraus citados colaborou para que esses movimentos fossem observados com mais critérios por pesquisadores²⁷, organizações culturais e diversos movimentos populares, pois fica evidente a participação que alcançam nas comunidades e sua contribuição como movimento autônomo da periferia. Porém, como um movimento independente tem suas dificuldades, alguns saraus sofrem pressão por parte da prefeitura de São Paulo, entre outros motivos, pelas ações²⁸ que vêm desenvolvendo junto às comunidades, trazendo críticas ao descaso que há com as periferias e mobilizando a população. Um caso que ganhou repercussão, nesse sentido, foi o do *Sarau do Binho* que, em 2012, foi fechado na gestão do prefeito Kassab com o argumento de que o evento não tinha os documentos necessários para sua realização. O jornal *Brasil de Fato*²⁹ realizou uma matéria sobre o fechamento do sarau e fez uma entrevista com um dos organizadores, que, em seu relato, mostrou que essas práticas realizadas nos saraus têm sofrido repressão em razão de seu potencial conscientizador.

Há ainda outros saraus como o *Perifatividade* e *Elo da Corrente* que participam de ações e intervenções itinerantes em movimentos de ocupação, eventos realizados na rua, unidades da Fundação CASA, entre outros. O sarau *Elo da Corrente* é realizado em espaço muito carente no bairro de Pirituba, próximo ao bar onde o coletivo se organiza:

²⁵A *Ação Educativa* é uma associação civil sem fins lucrativos fundada em 1994. Sua missão é promover direitos educativos, culturais e da juventude, tendo em vista a justiça social, a Democracia. Participativa e o desenvolvimento sustentável (www.acaoeducativa.org.br)

²⁶A *Galeria Olido* é um centro cultural que funciona na região central de São Paulo desde setembro de 2004. Além de cinema, o local possui duas salas dedicadas à dança, dois andares expositivos, o Centro de Memória do Circo, um ponto de leitura e um telecentro (www.galeriaolido.sp.gov.br)

²⁷Pesquisadores como Erica Peçanha do Nascimento, Heloísa Buarque de Hollanda, Rejane Pivetta de Oliveira, e outros, tem contribuído com pesquisas, organizações e edições de livros sobre Literatura marginal/periférica.

²⁸Os saraus que acontecem nas periferias de São Paulo tem organizado a população para participarem de encontros com o foco na divulgação e trabalhos com a literatura, porém essa mesma organização tem se manifestado em outras práticas, exemplo são as reivindicações feitas pelo *Sarau do Binho*, *Elo da Corrente*, abaixo assinados para melhorias da comunidade, uma reorganização de associações de bairro, a resignificação das mobilizações comunitárias para participarem de Conselhos Escolares, Conselhos de Saúde, etc. No entanto, não realizamos uma pesquisa mais profunda desses fatos pelo tempo que dedicamos a pesquisa em nosso universo e objeto de estudo.

²⁹Em entrevista ao *Brasil de Fato*, Binho conta sua trajetória, suas dificuldades e conquistas nestes oito anos de trabalho cultural e político na região do Campo Limpo, além de falar das perdas que devido ao encerramento das atividades do sarau. (<http://www.brasildefato.com.br/node/9808>) Acesso em 15/07/2013.

há ali, uma grande comunidade à beira de um córrego e nas imediações do local não há nenhum equipamento público para a população, o que mostra o quanto são importantes às intervenções feitas pelo coletivo na comunidade.

No ano de 2012, a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo lançou um edital de apoio cultural aos Saraus Literários, porém os dois beneficiados com os valores de incentivos não são movimentos de literatura que ocorrem nas periferias, ficando inclusive como beneficiário uma editora de pequeno porte. Outro projeto de financiamento foi liberado pelo Programa de Ação Cultural da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (Proac), em 2013, desta vez, para saraus que sejam realizados nas periferias de todo o Estado de São Paulo. Essa foi uma conquista e um reconhecimento dos coletivos que organizam esses movimentos.

A troca de informações e apoio que esses saraus possuem uns com os outros fazem com que haja uma rede de informações e fortalecimento dos movimentos junto à população, tanto dos encontros como também das produções literárias feitas pelos coletivos. É comum o lançamento de livros dos coletivos serem realizados nos diversos saraus que acontecem por toda a cidade, o que fortalece e divulga a força cultural dos movimentos. Nascimento (2009) ressalta que,

"Cabe comentar que esses escritores que se apropriam do termo marginal também desempenham atividades culturais conjuntas e divulgam os trabalhos uns dos outros, sobretudo nos espaços dos blogs, onde recomendam livros e publicam entrevistas. Um dado que parece explicar essas parcerias é que as experiências e elaboração compartilhadas sobre marginalidade e periferia, assim como a relação estabelecida entre suas produções literárias e uma determinada realidade social, desencadearam relações de amizade entre eles e uma atuação cultural comum" (p. 241).

Todo o movimento tem se unido para realização de ações que possam trazer melhorias e consciência político-social para as periferias. Tanto os organizadores dos saraus quanto a comunidade, e também os escritores marginais/periféricos que fazem parte do mercado editorial, buscam manter a resistência e essência que essas manifestações literárias criaram, não deixando de lado o principal objetivo, que é o de desenvolver conhecimentos significativos para as populações periféricas.

2.4 A periferia, literatura e educação não-formal na formação intelectual

Para desenvolver nossa pesquisa, tomamos como ponto de investigação os materiais que colhemos em campo e um diário que fizemos, contemplando observações, rotinas, acontecimentos e todo o andamento do sarau realizado no “Bar do Carlita”, assim como as atividades desenvolvidas pelo coletivo em outros locais de São Paulo e também suas publicações. O trabalho foi realizado sabendo que “há situações que impedem o registro imediato por quebrar a naturalidade da ocorrência ou perturbar as pessoas envolvidas no ato da observação” (VIANNA, 2003, p. 59), motivo pelo qual as estratégias de observações foram realizadas a partir de questões específicas de acordo com o que íamos encontrando nos trabalhos realizados pelo coletivo.

Nos meses em que estivemos em campo, houve o cuidado de sermos o mais imparcial possível, embora estivéssemos lidando com um grupo de pessoas - interessado, inclusive, em saber sobre a presença do pesquisador no espaço -, portanto desenvolvemos algumas estratégias para mantermos os registros de modo a não incomodar ou atrair a atenção para câmera fotográfica ou mesmo para a sucessão de anotações feitas em um caderno com fatos observados nas ações realizadas. Concordamos, com Martins (2008), que.

"o observador deve ter competência para observar e obter dados e informações com imparcialidade, sem contaminá-los com suas próprias opiniões e interpretações. Paciência, imparcialidade e ética são atributos necessários ao pesquisador" (p. 24).

Durante o mês de abril de 2012 até o fim de fevereiro de 2013, os acompanhamentos feitos das atividades realizadas pelo coletivo *Sarau Poesia na Brasa* puderam revelar várias questões ligadas ao interesse da pesquisa: em primeiro plano, trata-se das práticas educacionais e também de categorias que se revelaram uma ação baseada na concepção da educação não-formal; em segundo plano, trabalhamos as relações sociais internas e externas na produção literária produzida pelo grupo.

Com a hipótese inicial de que aquele grupo em suas atividades e também em suas produções poéticas desenvolvem ações educativas, iniciamos a identificação de concepções e teorias da educação que pudessem subsidiar a discussão feita na investigação. Nesse percurso, a leitura variada de teóricos da educação teve como critério a adoção de correntes vinculadas ao materialismo histórico e dialético, à

educação popular, à educação contra hegemônica e pós-colonialista, partindo do pressuposto de que, nessas correntes de conhecimento, pudéssemos encontrar categorias que nos fornecessem maior rigor e a comprovação científica de que necessitamos em uma dissertação.

Foi nesse caminho que a leitura de Gohn (2008, 2009, 2012), em que a autora trabalha com concepções da educação no contexto dos movimentos sociais e com categorias da educação não-formal³⁰, trouxe uma base relevante para nosso objeto de pesquisa, que é a poesia publicada pelo coletivo *Sarau Poesia na Brasa* e as ações educacionais desencadeadas com esse trabalho. Gohn (2009) atribui à educação não-formal as seguintes categorias em suas práticas:

"Educação para justiça social; Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.); Educação para liberdade; Educação para igualdade; Educação para democracia; Educação contra discriminação; Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais" (p. 32).

Dessa maneira, esses critérios foram inseridos para podermos investigar nosso objeto buscando essas categorias em suas práticas educacionais desenvolvidas no espaço do sarau e em suas ações realizadas em outros locais, assim como na intencionalidade de suas publicações poéticas realizadas coletivamente com os frequentadores do sarau.

Outra importante contribuição veio de Candido (2004, 2010), em que o autor traz em suas pesquisas relações entre a literatura produzida e seu contexto social, de maneira que ao investigarmos uma determinada obra literária podemos encontrar questões sociais relacionadas à sua produção, tanto no caso da obra quanto do autor e do leitor, partes importantes e que se completam na constituição de um texto literário. Nas palavras do autor,

"Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, corada pela comunicação" (CANDIDO, 2010, p. 56).

³⁰ Para concluir este item é importante destacar que: a educação não-formal não deve ser vista, em hipótese alguma como algum tipo de proposta contra ou alternativa à educação formal, escolar. Ela não deve ser definida pelo o que não é, mas sim pelo o que ela é – um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos. (GOHN, 2009, p. 32)

No contexto dessa pesquisa, a prática de produção literária, mas também as discussões realizadas nos encontros do grupo trouxeram à tona questões específicas da necessidade de conhecimento para aquela comunidade. Quando o coletivo trabalhava³¹ com a literatura - utilizando, por exemplo, textos de escritores como Lima Barreto -, sua ação tem como foco não só na produção desse autor, mas também a contextualização em que ele viveu como autor negro, em um momento histórico de recente processo de libertação dos escravos. Assim, a proposta de trabalho com a literatura evidencia, como sugerimos há pouco, uma *ação pedagógica ligada à literatura*, de maneira que, ao trabalhar com o texto literário, a escolha do autor tem uma intencionalidade: a de que o grupo possa identificar-se com esse escritor, uma questão de identidade e de reconhecimento de *intelectuais orgânicos*. Todo esse trabalho, portanto, constituem-se “processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.” (GOHN, 2009, p. 31).

O trabalho literário se desencadeia em diversas ações que vão do conhecimento sobre determinada obra literária à produção de textos dos próprios frequentadores dos encontros; mesmo que não diretamente, nota-se que cada trabalho realizado - seja de publicação coletiva, seja da realização do sarau, seja ainda de atividades diversas na comunidade - sempre tem como foco a conscientização e discussões acerca de questões de conhecimentos necessários para a população excluída.

Nas quatro publicações feitas pelo grupo, chama a atenção não só a composição literária de textos poéticos, mas também o prefácio das obras, em geral um texto sobre o processo de produção da publicação, baseado na realidade atual do grupo. Na publicação de número IV do coletivo, a participante Rosa Parks³² escreve uma apresentação em que discorre sobre a resistência cultural e política que vem ocorrendo em diversos locais e segmentos da sociedade.

³¹Para informações sobre os trabalhos desenvolvidos pelo coletivo, ver nesta pesquisa o diário de campo a partir da página 90 contendo um conjunto de relatórios sobre suas ações.

³²O nome dado aos integrantes do Sarau Poesia na Brasa nesta dissertação é fictício. Mesmo com o consentimento do grupo preferimos não utilizar o nome real dos participantes.

O texto revela que,

"também aqui, na periferia, resistimos. Da nossa forma, com pedras ou poemas, resistimos. No Belo Monte, em Jirau, no Pinheirinho, na Cantareira, resistimos. E os trabalhadores, com suas armas, respondem em voz alta. Greve no metrô, na educação, na construção civil, na saúde. A mídia cumpre seu papel e tenta distorcer tudo: nos chama de arruaceiro, de vagabundos, de criminosos. Nos editoriais dos jornais, tenta desmoralizar as manifestações, as greves e os protestos. Ah, terão ainda muitos editoriais para escrever! Os trabalhadores e periféricos se levantam" (VÁRIOS, 2012, p.15).

Nos textos feitos nas apresentações dos livros publicados pelo grupo, são visíveis as discussões feitas acerca do cenário político da atualidade e como esses acontecimentos refletem em seus trabalhos dentro do sarau. São como manifestos dos fatos atuais e mostra o quanto esse grupo possui de senso crítico e estão formulando suas próprias interpretações da realidade vivida, procurando criar assim uma *razão* dentro da perspectiva da marginalização social e resistência cultural que vivenciam diariamente.

Nossa pesquisa, portanto, busca analisar como grupos em diferentes localidades têm desenvolvido suas próprias práticas educacionais, considerando que “há multidões de pessoas participando dos processos de trabalho social que são simplesmente invisíveis nos textos e análises mais usuais da atualidade na área da educação e outras afins” (GOHN, 2009, p. 30). A importância de se pesquisar esses trabalhos se dá no ato de conhecer o que as populações oprimidas e marginalizadas têm produzido, baseado em suas concepções de conhecimento e em uma *leitura de mundo* da própria localidade, compondo assim uma literatura e práticas educacionais diferentes do que vem imposto por uma sociedade de classes que segrega.

O *Sarau Poesia na Brasa* tornou-se um projeto que vai além de um sarau onde pessoas se encontram para realizar a leitura de poemas, já que seus protagonistas desenvolvem ali soluções culturais de grande importância para um local sem investimento público. A criatividade de cada ação modifica a atuação dos organizadores e da própria comunidade, mudando assim a maneira de todos(as) se perceberem como um agente de mudança social.

Esse trabalho coletivo que ocorre em um *boteco*³³ espaço tradicionalmente vinculado ao vício, dentro das periferias, além dos problemas de violência que

³³Aqui, lembramos que o fato de haver saraus em bares de diversos bairros boêmios de São Paulo, como na Vila Madalena, assim como em bares próximo a universidades entre outros locais, fato distinto daquele que tratamos nessa pesquisa. Os bares localizados nas periferias são sempre locais de grande índice de

compõem esse cenário. Não se trata ainda de uma experimentação, mas de ocupar um local onde não qualificado como um ponto de produção artística e nem mesmo para se pensar em mobilização da população; porém, seu fluxo de pessoas nos fins de semana possibilita a participação e atribuição de um novo significado para esse espaço na realização desses eventos. É com esse cenário que identificamos as práticas educacionais realizadas pelo coletivo do *Sarau Poesia na Brasa*, em um aglutinado de obras artísticas e estéticas peculiares de seus produtores em uma multiplicidade e heterogeneidade que engajam lutas por direitos sociais amplos e a afirmação do conhecimento desenvolvido nos bairros periféricos de São Paulo. Com isso, sabemos que a noção de conhecimento e periferia é constantemente construída e, portanto, deve ser pautada em pesquisadores e autores que tiveram em seus trabalhos um olhar sensível à produção cultural de quem é oprimido.

violência, não trazem em seu contexto um ambiente que seja crítico ou mesmo que possa ser um espaço de interação de conhecimento. Constituem-se, na verdade, um local de grande alienação, adquirindo outra configuração, a partir da realização dos saraus.

CAPITULO 3:

DESVELANDO SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO POR MEIO DA LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA

No último capítulo desta dissertação apresentamos as produções do grupo Sarau Poesia na Brasa dialogando com nossas principais referenciais bibliográficas. A leitura das produções e ações do coletivo embasadas em CANDIDO (2004, 2012); GONH (2008, 2009, 2012); LÜDKE; ANDRÉ (2005) e MARTINS (2008, 2012) evidenciam as práticas educativas realizadas com o uso da literatura marginal/periférica.

3.1 Dialogicidade e relação sócia histórica de aprendizagem do sujeito no uso da Literatura Marginal/Periférica

Fundado em 2008 o coletivo cultural Sarau Poesia na Brasa lançou sua primeira coletânea de poesia em 2009. Desde então, já são quatro antologias feitas por participantes do sarau e escritores independentes³⁴ que são convidados para enviar textos para a publicação. Os livros são caracterizados por um prefácio³⁵, onde o grupo apresenta um pouco da intenção da publicação com fatos políticos atuais e de como está o andamento do trabalho do coletivo, e um manifesto denominado “A elite Treme”³⁶. Os livros não são catalogados com ISBN (Internacional Standard Book Number), apenas revisado pelo grupo e enviado direto a gráfica para sua confecção.

O espaço cedido é de uma poesia para cada participante seguido de uma pequena apresentação do autor ou autora. Não se segue uma regra sobre os assuntos abordados e tampouco sobre o estilo de escrita, na leitura encontramos textos poéticos com métricas, estrofes, assim como prosas e algumas crônicas. Muitos dos poemas feitos para as coletâneas retratam a história de vida dos poetas, uma quantidade de textos trazem em seu conteúdo assuntos vividos pelos escritores que ao transformar suas experiências em literatura, compartilham e tornam sua história a história do outro.

Existe uma grande diversidade de assuntos nas publicações, e entre esses assuntos encontramos textos sobre gênero, classe, racial, desigualdade, sobre bairros pobres de São Paulo, violência, temas ainda ligados a utopias, sonhos, esperanças, entre

³⁴Para mais detalhes ver nesta pesquisa no **Anexo A**, o relatório com título "Escritores independentes invadem o espaço", página 104.

³⁵Para a leitura completa dos prefácios dos anos 2009, 2010, 2011, e 2012, ver nesta dissertação **Anexo B**, página 121.

³⁶Para leitura do Manifesto “A Elite Treme”, ver página 118, **Anexo A** desta pesquisa.

outros argumentos que tornam essas publicações uma leitura do mundo coletiva de uma população que se diferencia como indivíduos, mas que são iguais em alguns aspectos, como o fato de serem todos moradores de bairros periféricos de São Paulo e terem a literatura como um instrumento de crítica e mudança social.

Na segunda antologia publicada pelo grupo em 2010, há o depoimento de uma participante que chama a atenção para essa discussão, para Rosa Luxemburgo³⁷, moradora e participante do sarau o projeto é,

O propósito do sarau não é a arte simplesmente pela arte, mas sim a arte que tem o objetivo de estimular um processo socioeducativo que alimente a luta e resistência de um povo que não se segrega pautado nas diferenças de etnia, sexo, idade ou origem; mas que se reconhece enquanto classe. (VÁRIOS, 2010, p.16)

Há muitas informações nas publicações e para que não ficasse apenas uma leitura e observação nas obras do coletivo, somamos os acompanhamentos que fizemos nas visitas aos eventos, mobilizações, e saraus organizados pelo grupo para que dessa forma pudéssemos ter uma visão geral de todo o trabalho desenvolvido. Nas diversas experiências com o grupo, práticas educativas nos mostravam o quanto à educação não-formal está presente, a ação de manter um espaço onde a comunidade possa produzir e discutir literatura e através disso, desenvolver diversos processos de intervenções para a mudança estrutural e de consciência da comunidade, leva ao que Gohn (2012) diz, “A educação ocupa lugar na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que, é em si próprio, um movimento educativo.” (p. 21)

Portanto, o trabalho de pesquisa se deu em campo com a metodologia do estudo de caso e da observação. Tomamos esse critério de acordo com Lüdke e André (1986) em que enfatizam sobre o se manter atentos para as diversas mudanças que ocorrem em campo já que se trata de uma pesquisa empírica e que necessita da coleta de dados e uma análise das mesmas, criteriosa. Mantemos ainda as orientações de Vianna em que, “As observações são muitas vezes feitas preliminarmente a outras atividades, como survey, e podem ser realizadas com outras técnicas, como a experimentação ou estudo de documentação.” (VIANNA, 2003, p.15).

³⁷Nome fictício da integrante do sarau. Nesta dissertação algumas opiniões que colhemos em campo serão expostas com nome fictício por conta de não termos autorização, ou mesmo de trazerem questões que possam prejudicar as pessoas por conta de opiniões e críticas políticas. Por outro lado, o nome dos poetas preservaremos o nome original por entender que seus poemas publicados são públicos.

Feita a observação e desenvolvido os diários de campo, fizemos a leitura e elegemos textos poéticos de autores das coletâneas e o prefácio dos livros do coletivo, para fazemos uma análise de acordo com as categorias que optamos na investigação com bases na educação não-formal e de uma sociologia da literatura. Traçamos essa estratégia com o intuito de termos um conjunto de informações que pudesse nos trazer a consolidação da pesquisa a partir do trabalho em campo somado a produção literária e textual do grupo, essa diversidade de fontes de dados nos trazem também o que afirmar Martins (2008),

[...] a confiabilidade de um Estudo de Caso poderá ser garantida pela utilização de várias fontes de evidências, sendo que a significância dos achados terá mais qualidade ainda se as técnicas forem distintas. A convergência de resultados advindos de fontes distintas oferece um excelente grau de confiabilidade ao estudo, muito além de pesquisas orientadas por outras estratégias. O processo de triangulação garantirá que descobertas em um Estudo de Caso serão convincentes e acuradas, possibilitando um estilo corroborativo de pesquisa. (MARTINS, 2008, p. 80).

A pesquisa teve essa busca, em realizar momentos sequenciais de cada etapa para que dessa maneira pudéssemos realizar uma junção de todas as informações para concluirmos a hipótese inicial. Esse processo se iniciou com a visitação e desenvolvimento de relatórios dos encontros realizados pelo grupo através de textos de observação do pesquisador, e fotos. Em segundo, realizamos a leitura das antologias lançadas pelo coletivo para que pudéssemos selecionar poesias e textos do grupo e iniciar uma análise segundo categorias de Candido (2004, 2010) em suas obras sobre Literatura e Sociedade e literatura como direito humano.

Neste processo de investigação citado a pouco, observamos as interações sociais que ocorrem em meio às ações realizadas pelo coletivo, na integração da comunidade nos diálogos construídos, e entre a produção do texto literário, também, nas intervenções e leitura desses materiais escritos. O diálogo que se cria entre literatura e práticas educacionais são partes desse processo em que os eventos realizados no sarau Poesia na Brasa, possibilitam o agir e refletir da comunidade participante em uma compreensão dialética, o que desenvolve nesse espaço um conhecimento problematizador e por fim na construção de consciência e novos conhecimentos.

3.2 Breve análise dos poemas do Sarau Poesia na Brasa

Como se trata de uma pesquisa na área de educação, não temos a intenção de realizar uma análise profunda dos poemas publicados do *Sarau Poesia na Brasa*, tampouco, queremos encontrar aqui alguma forma que trace um estudo de literatura com toda a dimensão que esse gênero mereça. Nosso foco é contextualizar os conteúdos desses poemas, e tendo já como concepção o fato de que, esses poetas são pessoas que intervêm na realidade desigual do bairro em que vivem, portanto, sua produção literária é uma forma de resistência cultural onde se encontra suas *razões*.

Para tanto, apresentaremos aqui uma breve descrição dos 10 poemas escolhidos para fazer parte da pesquisa. Nessa escolha, buscamos poemas que possuem assuntos discutidos com mais incidência nas publicações do coletivo e que vem de encontro com as discussões que pautamos na dissertação.

Na poesia escrita em umas das antologias do coletivo, o tema de África une-se a favela, como se nesse ponto geográfico de bairros pobres de São Paulo, a identidade africana seja parte das populações que lá residem³⁸.

Poema 1 - Título: FavelÁfrica³⁹

Toda favela tem um pouco de África.
 Nas mandingas, na ginga, na batida do tambor.
 Nos trejeitos, nos cabelos dos pretos
 E no toque do agogô.
 Toda favela tem um pouco de África.
 Nas correntes, sementes, no sonho libertador.
 Nas doenças, nas crenças e na força de Xangô.

Ao tratar de um tema como *FavelÁfrica*, criando inclusive um neologismo, o autor rememora essa ancestralidade da cultura afro na periferia, que em sua maioria é negra e tem constituído em seus costumes muito da cultura africana. Escrever sobre esse tema e discuti-la no sarau, faz com que seus frequentadores possam ter conhecimento da historicidade e da formação desses bairros periféricos, que foram constituídos em sua maioria por afrodescendentes e nordestinos, e junto a essa população toda sua cultura, religião, crenças, e costumes. Há ainda, uma interação entre as concepções dos poetas,

³⁸A questão da população negra está em pauta em várias das manifestações do grupo, para detalhes ver o relatório no **Anexo A** desta pesquisa com título de “Abolindo a Escra-visão no Brasil”, página 102.

³⁹Poema publicado em 2011, escrito por Vagner Souza morador do bairro da Brasilândia e co-fundador do Sarau na Brasa. Participou como poeta de diversas coletâneas de antologias de livros lançados em saraus das periferias. E contribui com os projetos de formação do coletivo Sarau poesia na Brasa.

do título a pouco discutido “Favela África”, para o próximo poema com título de *Negro Elo*, o poeta aborda elementos da questão do negro e seu elo cultural no seguinte texto,

Poema 2 - Título: Negro elo⁴⁰

Negra pele
 Negro pai
 Negro irmão
 Negro guerreiro
 Negro mandingueiro
 Negra mandinga
 Negro catimba
 Negro orixá
 Negro Zumbi
 Negra resistência
 Negra luta
 Negra liberdade
 Negro sonho
 Negra cultura
 Negro povo
 Negra gente
 Negro forte
 Negro resistente
 Negro sarau
 Negra corrente
 Negro elo

A manifestação poética desses autores da periferia pode ser relacionada à educação, no momento em que o poeta imbuído de um problema, transforma a literatura em uma forma alternativa de conhecimento, dessa maneira, sua *razão* aparece como perspectiva de mudança ao escrever sobre sua realidade social e histórica. Temos ainda a questão de que a grande maioria do público leitor dessas obras, são pessoas dos bairros periférico o que faz com que a aceitação e interação com o texto venha de pessoas que estão representadas nessas produções.

Em muitos encontros os poemas surgem como temas geradores, depois de recitar, ou fazer a leitura compartilhada, outras discussões ocorrem. No poema anterior o conteúdo sobre a periferia com vínculo a cultura africana, compartilha o conhecimento sobre essas relações sócio histórica, no próximo tema apresentado, há

⁴⁰Poema publicado em 2011 e escrito por Osmar Proença, prática capoeira e produz quadros com técnicas de pirografia. Confecciona instrumentos como birimbau, caxixe. Participou de diversas coletâneas de poesias feitas por escritores da periferia de São Paulo.

uma visão sobre a estrutura desigual da população periférica, principalmente gerada por um sistema econômico desigual e apresentada no texto abaixo,

Poema 3 - Título: Quando chove⁴¹

O barraco desce o morro
 Desce o fino colchão para seis
 Desce a porta de madeirite
 Desce a janela que não existe
 E os filhos que mais ama
 Quando chove
 O barraco desce o morro
 Levando outros barracos,
 Outras portas e janelas
 Outras vidas
 Outras velas
 Outros sonhos
 Morrem nelas.

Essa estrutura social descrita pelo poeta, evidência o quanto a desigualdade é bruta dentro dos bairros carentes. No trecho do texto em que o poeta diz: “O barraco desce o morro”, “Levando outros barracos”, “Outras vidas”, trata-se de uma realidade, de fatos que ocorre todos os anos em bairros pobres de São Paulo e do país.

Outro poema, com uma temática sobre a experiência de uma participante, que também é professora da rede pública, fala de seu trabalho na escola pública,

Poema 4 - Título: Só⁴²

Só por eles que resisto, perco a cabeça e enlouqueço.
 Só por eles que não perco a vontade de lutar
 E continuo a acreditar em um mundo mais brando e sereno
 Só por eles que me dão e nem por isso me arrependo
 Só por eles que eu morro, me refaço, invento Um chão e nunca deixo de sonhar
 Com o papel e caneta na mão um mundo novo, juntos, vamos desvendar
 É tanta dor, tanta pobreza, mas vou com fé,
 Que com certeza tudo isso eu vou mudar...
 Só por ele que eu grito ao invés de chorar
 Só por eles que não largo a arte de lecionar!
 E se você e pergunta se sou professora e só?! Sim, sou professora e só... Só por eles!

⁴¹Poema publicado em 2011, escrito por Noeli Dias, 28 anos moradora de Guarulhos. Estuda filosofia e diz que a decisão de entrar na universidade se deu com a participação nos saraus que frequentava nas periferias de São Paulo.

⁴²Poema publicado em 2010, escrito por Tais Lopes, 25 anos, nasceu em São Paulo, SP. Formou-se em letras e é professora no bairro da Vila Brasilândia. Escreveu esse poema para dedicar aos seus alunos e alunas.

O poema enfatiza esse compromisso com a educação dentro de uma pressão vivida por educadores em sistemas públicos de educação sem a mínima qualidade, mas que é um dever do educador(a) desenvolver um bom trabalho para quem realmente necessita que são os (as) alunos(as).

A questão da educação surge em outros poemas com discussões que vão desde o descaso das escolas ao espaço da rua como um local de aprendizagens de crianças e adolescentes das periferias. A preocupação com a infância e da esperança que se tem nas gerações futuras, mostra que grupo de poetas idealiza uma sociedade de mudanças e que possuem confiança em seus trabalhos, no poema a seguir,

Poema 5 - Título: Menino rei⁴³

Para começar é preciso alicerçar...
 Mas por onde começar?
 Olho meu menino
 E sei que a resposta está lá
 Não preciso desesperar
 Nele encontro forças para levantar...
 E forte
 Fortaleza
 Uma realeza
 Que me escolheu
 Para mostrar-me o que ainda não sei
 Existência divina de um Rei
 Que me alimenta com sua doce forma de viver
 A cada amanhecer...

Outros temas discutidos nos poemas trazem questões políticas do país com o envolvimento entre diferentes poderes como o da mídia, partidos políticos de direita, e ainda da banalização de questões como a falta de compromisso social e demagogias vividas no Brasil. No poema com o título de *Meus inimigos* esse assunto é abordado da seguinte maneira,

⁴³Poema publicado em 2009, escrito por Sirlene Santos, 33 anos, mulher, negra, mãe solteira, nordestina e periférica, é assim que se auto-denomina. Trabalha com pesquisa e dança, e gosta de escrever para revelar sua vida.

Poema 6 - Título: Meus inimigos⁴⁴

Sou inimigo da rede globo
 Empresa racista e machista
 Que em 30 anos de existência,
 Teve que virar o século XX e XXI
 Pra ter uma mulher negra como protagonista
 Quem apoia a tv Globo é o PMDB
 Partido das Mutretas e da Demagogia do Brasil
 Jader Barbalho, José Sarney, Fernando Collor, Romeu Tuma,
 Nasceram, roubaram dinheiro nosso e até depois que morrem,
 Deixam filhos na política
 Que não são condenados nem julgados,
 Ficam impunes, tendo como herança de família
 Retransmissores locais da rede Globo,
 Jornais, fazendas, casas na praia,
 Onde gastam seu dinheiro em restaurantes da moda,
 Roupas de grife, tendo qualidade vida
 Simplesmente à custa de 30 milhões de analfabetos
 Que tinha que ter saúde educação,
 Mas estão jogadas as traças diariamente
 Num país chamado Brasil,
 Onde pessoas que tinham que estar na cadeia
 São deputados e senadores
 Financiados por banqueiros e empreiteiras
 Transformando milhões de telespectadores
 Com novelas, futebol e carnaval,
 Em eleitores alienados e manipulados
 Prontos para deixa tudo como está
 Exército de idiotas, que são cúmplices desses filhos da puta.
 Por isso tenho tantos inimigos.

No poema acima nota-se que o autor tem conhecimento crítico quanto os processos de manipulação e inclusive o título, *Meus inimigos*, marca sua decepção e identifica quem são esses grupos que recebem privilégios dos manipuladores que continuam a tempos realizando os mesmos processos desiguais sem que nada ocorra para uma mudança de paradigmas.

Outro poema com uma temática sobre a questão antagônica entre opressores e oprimidos possui versos de conteúdo agressivo. O poema *É o indício*, traz o olhar do poeta que vivendo em uma situação desigual reconhece seu inimigo e tem como solução uma situação violenta aos opressores.

⁴⁴Poema publicado em 2011, escrito por Eduardo Godoy trabalha com áudio visual, é morador do bairro de Pirituba e frequentador dos Saraus da Brasa e Elo da Corrente. Para o autor do poema seus escritos não trazem uma sofisticação ou mesmo uma técnica poética, porém sua preocupação maior é escrever sobre “coisas” que sejam críticas contra toda a violência que sofrem nos bairros periféricos.

Poema 7 - Título: É o indício⁴⁵

O quilombola travestido de escravo da casa
 Junto ao opressor pra entender qual é sua tática
 ...de guerra
 Saber quais são os pontos fracos.
 Entre nomes pseudos bonitos
 E racistas
 Agora caminho nas ruas
 ...facistas
 Cheias de sombras e prédios
 Espelhados
 Refletem o medo e o ódio fardado
 Fardado a viverem em seus cubículos
 ...seguros
 Seguros de eu nada pode lhes acontecer
 (pois)
 É o indício desde o início
 Quilombolas tomam tiros
 Favela e ruína desperta o indivíduo
 Comoventes agora se movem
 Desconstruído construímos verídicos
 -que mais burgueses tomem tiros!
 -que mais burgueses tomem tiros, tomem tiros!

Os poetas tendem a apresentar muitos textos com questão da desigualdade nos bairros pobres, esse fato traça o reconhecimento de um território que vive em um desequilíbrio social. Os poemas com essas temáticas falam sobre a violência dentro das periferias e inclusive apontam as causas desses problemas, no poema “Barraco sem Favela”, o autor cria esse cenário vivido pelos moradores de bairros pobres.

⁴⁵Poema publicado em 2010, escrito por Avelino Regicida, trabalha com fotografias e já desenvolveu documentários independentes com os seguintes temas, “Famílias Negras na Brasilândia”, “Unindo Quebradas – Anarco Rap de SP”. Para ele desenvolver trabalhos educacionais junto a espaços organizacionais independente faz com que a juventude da periferia possa construir sua história e deixar de fazer parte de uma história forjada.

Poema 8 - Título: Barraco sem favela⁴⁶

A periferia vive em crise
 A humanidade não sabe se vive
 A favela vive em guerra
 O gueto se rebela
 É mais um corpo estendido no beco
 Os apelos foram em vão
 A comunidade chora
 A perda de mais um irmão
 Perda de um irmão pro sistema
 Pra sociedade hipócrita e fria
 Deixando rastro sem fama
 E uma família vazia
 Nas estáticas, só mais um
 Apenas um rapaz comum
 Que morreu na favela
 Como lixo humano, jogado na viela
 No barraco sem janela
 Insiste em se manter acesa
 A fraca chama da vela
 O sentimento travado no peito
 Explode de agonia
 E mais uma vez o gueto
 É massacrado e pisoteado
 Pelas botinas da rebeldia

A convivência com a violência faz com que esse assunto esteja presente nos poemas de maneira que para o poeta, possa ser um meio para trazer sua angústia e denunciar essa situação. A literatura torna-se, no caso dos poemas utilizados na pesquisa, o que Candido (2004) trata como literatura social, ou uma literatura que retrata uma realidade política, o autor afirma nesta questão que,

"Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto aos direitos humanos, que parte da análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades" (CANDIDO, 2004, p. 180)

Portanto, a poesia produzida pelo coletivo busca essa relação entre a realidade social em que estão inseridos de maneira a construírem críticas ao modelo desigual de

⁴⁶Poema publicado em 2009, escrito por Soninha M.A.Z.O a poeta utiliza desse nome para homenagear a periferia onde mora que se chama Monte Alegre – zona oeste. Escreveu diversos poemas em coletâneas de novos poetas, mas afirmar que sua maior satisfação é participar de obras organizadas e escritas por pessoas da periferia.

sociedade. Logo, como uma população marginalizada, suas produções vão ter em sua estrutura esse conteúdo com fortes discussões sobre temas que estão próximos a essa realidade.

Nos últimos poemas escolhidos para a pesquisa, o conteúdo dos textos traz discussões sobre territórios, que marca a identidade e como se dá toda a heterogeneidade cultural dos bairros periféricos. Os poemas com o título de a “Sintonia” e “Norte” fazem menção da constituição de conhecimento a partir das experiências históricas e cultural que há nos espaços marginalizados.

Poema 9 - Título: Sintonia⁴⁷

São Paulo, Paraná
 Alagoas, Minas Gerais
 É o Brasil conectado
 Na força dos ancestrais
 Sou kariri, sou Xocó
 Ou serei Maxacalí
 Tô viajando num tempo
 Do meu povo que já estava aqui
 Brasil é o brasileiro
 Viva Jackson do Pandeiro
 Quero correr o mundo inteiro
 Lembrando do meu terreiro
 Sou tudo o que já vivi
 Se é firmeza não tem piriri
 Caminhando sintonizada
 Na intenção do bori
 Luz divina, paz nos ebó
 N’gana zambi na mente
 Pra frente
 Eu nunca tô só

Toda essa mistura entre Estados do país, linguística, artistas, e culturas marcam a formação territorial da periferia, assim como, há uma cultura popular que se transforma junto a outras culturas populares, gerando novos costumes, sincretismos religiosos, organização política, uma maneira própria de organização nesse espaço.

Com uma questão mais local o poema de título “Norte”, mostra o pensar de um poeta sobre a região da zona norte de São Paulo e da interação social e cultural que há nessa local.

⁴⁷Poema publicado em 2012, escrito por Rosângela Macedo, trabalha com educação, gosta de escrever e cantar. Desenvolve trabalhos voltados à divulgação e valorização da cultura popular tradicional brasileira.

Poema 10 - Título: Norte⁴⁸

Destino Norte, rumo, sorte
 Buscar o Norte, encontrar o Norte
 E chegar à Norte.
 Mudar o rumo, a rota, a sorte,
 Atravessar a ponte
 E descobrir, desbravar,
 Consciente de que a conquista
 Chega somente com a entrega, a rendição total.
 E se entregar, se render à Norte
 Receber em troca, além da amizade sincera
 Um pouco da história que acontece.
 Agora, e sem cortes...
 Detonar as mentiras contadas
 Ouvidas e publicadas nos jornais das corte...
 Conhecer nossa verdade,
 Nossa luta, nossa gente,
 Nossa história, derrotas e vitórias...
 Nossa mente.
 E não só pra quem é de fora,
 Nós mesmos daqui,
 Mas que chegamos agora
 Pra somar front
 A hora é essa...
 A batalha é nossa
 A vitória é certa...
 A atitude é forte...
 O sarau é brasa...
 A palavra é fogo...
 E o tambor no morro
 Me guiou pra norte!!!

Os poemas fazem parte desse universo de ideias que aborda os problemas e vida na periferia, sendo tanto o produtor do poema, como o leitor, o sujeito pertencente a este espaço, os critérios e assuntos tratados são compreendidos pela comunidade participante e o “significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos.” (NASCIMENTO, 2006, p. 12). Portanto, os moradores e pertencentes às periferias que participam dos saraus e acompanham as leituras desses poemas, estão envolvidos em um projeto literário que se escreve para a periferia, e não só sobre a periferia, o que faz haver uma aceitação maior.

⁴⁸Poema publicado em 2009, escrito por, Luciane matos, tem 44 anos, nascida e criada no bairro da Vila Brasilândia escreve poemas desde a infância. Diz lembrar-se do tanto de pessoas que disseram sobre a perda de tempo que é escrever, de fazer poemas.

3.3 O poema e o poeta no contexto social da periferia

A poesia, como toda manifestação artística e malgrado todo seu caráter individual, próprio á personalidade do poeta, é necessariamente um produto do meio em que ela toma sua expressão. Em outras palavras, por maior que seja a própria influência do individuo sobre a obra que ele produz, esta é sempre, em última análise, um produto do complexo social onde ela foi engendrada. (CABRAL, apud ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 16).

Com a citação acima, iniciamos a discussão com a concepção de que a poesia, assim como os discursos e a palavra, são produtos sociais, portanto influenciados pelo meio em que surge. Apresentaremos as produções poéticas do Sarau Poesia na Brasa de maneira a evidencia e contextualizar com o uso de seus poemas, o que temos discutido ao longo da dissertação, que é a literatura marginal/periférica como uma representação própria de seu contexto social, e, portanto possível de se pesquisar como uma prática educativa.

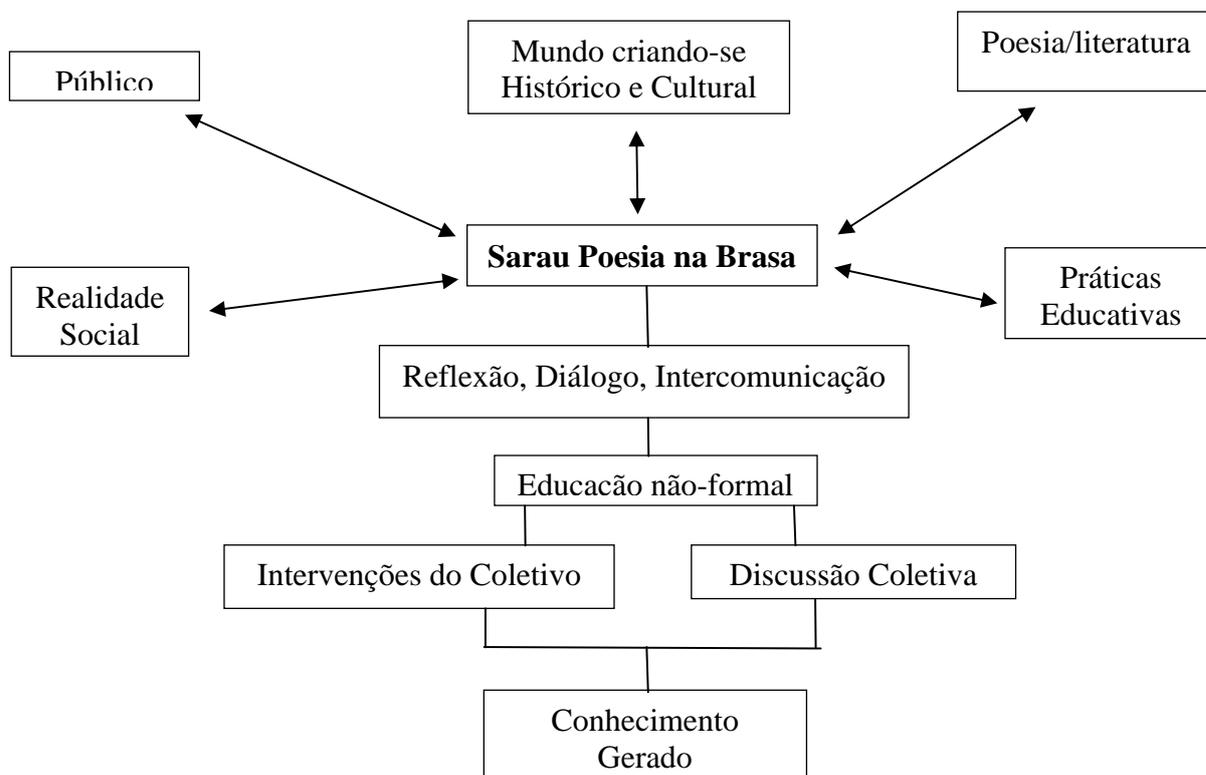
Essa prática educacional desempenhada pelo coletivo desencadeia uma sucessão de ações entre a literatura produzida e as intervenções realizadas na comunidade. Dessa maneira, o sarau com o uso da literatura marginal/periférica constrói estruturas e métodos⁴⁹ de aprendizagens que para o público das periferias tem significação ao tratar de temas próximos a suas realidades.

Cumprir dizer, que o coletivo mantém uma organização própria, com estrutura de gestão em que os participantes agem como facilitadores, porém esses representantes, também, envolvem todos os frequentadores para que todo(as) construa juntas as intervenções na comunidade, tais como, os textos para as publicações, as discussões sobre os poemas escritos, e o diálogo sobre possibilidade, retomadas, ou mesmo novas perspectivas para o movimento. Essa é uma característica de relação participativa, em que se desenvolvem situações para que todo o grupo sejam sujeitos atuantes como indivíduos e coletivo.

⁴⁹Para a questão de métodos deve-se atentar para um foco direto na educação não-formal, ou nas palavras de Gonh, "O método passa pela sistematização dos modos de agir e de pensar o mundo que circunda as pessoas. Penetra-se, portanto no campo do simbólico, das orientações e representações que conferem sentido e significado às ações humanas. Supõe a existência da motivação das pessoas que participam. Ela não se subordina às estruturas burocráticas. É dinâmica. Visa à formação integral dos indivíduos. Neste sentido tem um caráter humanista. Ambiente não formal e mensagens veiculadas "falam ou fazem chamamentos" às pessoas e aos coletivos, e as motivam. Mas como há intencionalidades nos processos e espaços da educação não-formal, há caminhos, percursos, metas, objetivos estratégicos que podem se alterar constantemente. Há metodologias, em suma, que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriedade pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a educação não-formal" (GONH, 2006, p. 32). (grifo da autora)

Desenvolvemos um esquema, através de um organograma, ao qual podemos visualizar em uma imagem gráfica como se estrutura o trabalho do coletivo em uma relação de conhecimento histórico-social-cultural.

Organograma: desenvolvimento entre o contexto sociocultural, literatura, e educação na pesquisa



Fonte: desenvolvido pelo pesquisador

Esse esquema compõe em um modo explicativo, as ações educativas vinculadas ao público e literatura escrita pelo grupo, assim como sua estrutura e relação com o meio. Essa é uma literatura com significação para essas pessoas que tanto ao escrever, como ao ler e socializar desenvolve aprendizagens com vista em temas como a questão racial, identidade, questão de gênero, violência nas comunidades, alienação, entre outros temas que não aparecem com a mesma frequência, mas que fazem parte das variedades de assuntos pautados nos conteúdos das poesias. A prática da educação não-formal surge nesse modelo de educação desenvolvido pelo coletivo Sarau Poesia na Brasa, onde os esquemas metodológicos de troca, mediação, e aprendizagens são constituídos nos saraus realizados e nos temas trabalhados nas poesias escritas e publicadas pelo grupo.

Abaixo segue um quadro com assuntos discutidos que evidencia os temas mais constantes nas poesias publicadas pelo Sarau Poesia na Brasa.

Quadro 2 – Assuntos que são abordados nas poesias das Antologias do Sarau Poesia na Brasa

Temas evidenciados nos poemas	Discussões que evidenciam esses temas
Gênero	Muitos poemas discutem a questão da mulher, e no caso, a mulher negra em uma sociedade racista e machista. Também surgem reflexões sobre a mulher nordestina e de como possuem uma vida difícil em seu local de origem, e um grande desrespeito na cidade de São Paulo. A questão de gênero surge também em discussão sobre as relações sociais entre homens e mulheres, porém nenhum poema pesquisado trata da questão de gênero nas relações homoafetivas.
Infância	Infância surge com duas ênfases, à primeira trata de uma infância saudosista de uma inocência vivida em bairros periféricos com brincadeiras e um modo simples de viver. Em segundo há algumas discussões que abordam a violência contra criança, a exploração da mão de obra em trabalhos exaustivos, a não participação desse grupo, e as falta de educação e oportunidades de aprendizagens realizadas pelo poder público.
Questão racial	Essa é uma categoria muito repetida nos poemas, e inclusive se misturam a outras categorias, como o do racismo contra mulheres, crianças, entre outros. Há muitas discussões sobre a anulação da história de negras/negros e de um processo ideológico branco que afeta as periferias e faz com que nessas comunidades de maioria afrodescendentes não se estabeleça uma identidade para com a cultura da população negra.
Política	Essa é outra categoria que surge tão ampla como seu próprio conceito. Assuntos variados sobre uma consciência política, até as críticas a política partidária do país. Ainda temos o uso da “politização da periferia” e “de uma política de igualdade”.
Violência	A violência esta presente em grande parte dos poemas, é outra categoria que ao fazermos a leitura se mistura com outros temas discutidos, como por exemplo, “violência racial”, “violência contra mulheres ou crianças”, “violência psicológica”, “violência pela falta de assistência pública”, “estrutura geográfica e física violenta”.

Fonte: Quadro desenvolvido pelo pesquisador

Esses temas estão todos vinculados à realidade desigual desse grupo, que ao escreverem poemas com conteúdos que estão ligados ao cotidiano, desenvolve uma memória coletiva dos problemas históricos que vivem as populações das periferias, assim como a rememoração de identidades ou preconceito que vivenciam em seus cotidianos. Para Gonh os temas são,

"Eles, temas, devem emergir de temáticas geradas no cotidiano daquele grupo, temáticas que tenham alguma ligação com a vida cotidiana, que considere a cultura local em termos de seu modo de vida, faixas etárias, grupos de gênero, nacionalidades, religiões e crenças, hábitos de consumo, práticas coletivas, divisão do trabalho no interior das famílias, relações de parentesco, vínculos sociais e redes de solidariedade construídas no local. Ou seja, todas as capacidades e potencialidades organizativas locais devem ser consideradas, resgatadas, acionadas". (GOHN, 2009, p. 33-34)

Para tanto, fazemos uma ressalva de que a função dessa literatura vai além de denúncias e visão de mundo dos poetas que escrevem esses textos, os poemas são necessidades de construções de um grupo que transforma suas emoções em estruturas significativas moldadas em versos, prosas e outros gêneros, portanto um processo humanizador na própria ação e necessidade de confecção dos poemas. Nesta questão Candido diz que, "Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção [...]" (CANDIDO, 2004, p. 177). Com a afirmação de Candido trazemos ainda outros fatos históricos como o caso da igreja que só considerava boa literatura aquela que tinha como verdade suas concepções de mundo, assim como, em países como a antiga união Soviética em que a literatura que tinha prestígio, era aquela que falava sobre trabalhadores e suas lutas.

Não se deve ignorar a função política que tem a literatura, porém há uma diversidade de argumentos e possibilidades de se escrever. Temas adversos podem manter ou não uma estrutura social vivida pelo poeta, ou, "A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas." (CANDIDO, 2004, p. 175). Como relação dialética à literatura assume seu real em contextos sociais claramente definidos, cada leitor de um poeta trará sua própria interpretação, sem deixar de ser essencialmente o mesmo texto produzido em seu tempo e contexto. Portanto, ao produzirem literatura a população periférica desenvolve suas Razões na estrutura significativa dos poemas. Essas *Razões* estão vinculadas à suas experiências sociais, e que no caso, faz parte de uma estrutura marginalizada e desigual.

3.4 Mudanças sociais e individuais dos frequentadores dos espaços de leitura

Em quase doze meses de acompanhamento com o coletivo Poesia na Brasa, pude perceber uma diversidade de ações e intervenções que estão vinculados a um processo de conhecimento contra hegemônico. Essa afirmação se dá, pois nota-se que os organizadores, assim como frequentadores do espaço, estão engajados em todo o processo se dedicando para que os trabalhos se ampliem e cheguem a outras pessoas de dentro e fora da comunidade, onde ocorre o sarau.

Desde as primeiras observações da pesquisa, já tínhamos a ideia de que naquele coletivo íamos encontrar não só uma produção literária independente, mas também, um interesse social e de reivindicação dos direitos e histórias dos sujeitos marginalizados. Não foi nenhuma técnica de se escrever, ou mesmo uma qualidade métrica que nos atraiu, descobrimos nos poemas feitos pelo coletivo, histórias, lutas, consciências, orgulhos de pertencer e ter ancestralidade.

Ler as antologias publicadas pelo coletivo foi apenas um início para se perceber que a literatura produzida pelos frequentadores, são como gritos por liberdade, esperança, e utopias que são feitas em cada intervenção feita na comunidade com a realização do sarau, ou outra atividade que tenha a leitura como pauta. Muito mais do que a vontade de serem escritores, nota-se uma necessidade de se produzir suas vontades ou frustrações nos poemas, conforme afirma Antonio Candido,

[...] "a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte horas do dia sem alguma entrega ao universo fabuloso. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade" (CANDIDO, 2004, p. 174).

Diante do texto de Candido temos a constatação do autor que defende a literatura como um direito humano e que não deve ser um privilégio para alguns. Assim como no coletivo Sarau Poesia na Brasa, que reivindica diversos direitos sociais e dentre esses direitos, também a literatura. O coletivo percebe que ao construírem um espaço coletivo onde a literatura é a comunicação para que todos possam se envolver dá ao texto literário uma significação, de que, para um processo de consciência crítica a literatura é imprescindível e fundamental.

Tendo a palavra como fundamento de comunicação e organizada esteticamente em forma de poema, cada participante das publicações pode trazer sua individualidade para o coletivo e socializar suas ideias de maneira que outros possam se reconhecer, acrescentar e mesmo discutir a partir de suas experiências de mundo.

Todo esse processo torna os eventos e publicações em práticas educativas caracterizadas pelas trocas entre os participantes, de maneira que, todo o grupo é responsável pelo processo de conhecimento gerado nos espaços de articulação e livros. A literatura no caso, não é um pretexto, mas sim o meio para se trabalhar as questões de formações com o grupo, e diferente de práticas onde há mediadores como professores, educadores, todos participam diretamente como facilitadores nas ações realizadas.

Nesse sentido o coletivo tem consciência de seu trabalho educativo e no prefácio da Antologia de poesias de 2011, há a seguinte reflexão,

"Nosso trabalho em prol da educação, da cultura e da arte se estende por todos os lugares onde conseguimos chegar, Fundação Casa, Escolas e Abrigos, e se você se pergunta onde queremos para com isso? Respondemos que não queremos parar, queremos construir uma comunidade cada vez mais sólida de ideias, queremos deixar de ser mão de obra barata para o patrão, casamos do mínimo, nos salários, na saúde, no transporte e na educação" (VÁRIOS, 2011, p.13).

Essa percepção quanto à ação educacional feita na comunidade, mostra que não são apenas práticas isoladas em saraus e coleções de poesia, há a intenção de expansão para outros locais, de maneira que possam construir em espaços marginalizados, conhecimentos úteis para uma consciência social e histórica das comunidades periféricas. Desde a primeira publicação o coletivo já se comprometia com a significação de um conhecimento que pudesse ter sentido na periferia, e o prefácio do livro de poesias de 2009 o seguinte texto é apresentado,

Os saraus literários surgem em nossas periferias de maneira a recriar nossa cultura, a ressignificação do bar, que se transformam em centro cultural nos impulsiona a criar novos desafios em nos conscientizar e conscientizar os demais habitantes, que nesses espaços podem ser novos laços com a literatura. Nas poesias e ideias trocadas, a oportunidade do contato crítico e reflexivo, não apenas com obras literárias do passado, mas, também com os próprios poetas e poetisas e suas memórias, sensibilidades e realidades do presente. Uma constante troca. (VÁRIOS, 2009, p.26)

Nesse trecho do prefácio do livro pode-se perceber uma intencionalidade com umas das categorias de GOHN (2009) que trata da "Educação pelo exercício da

cultura”, ou seja, uma cultura recriada dentro de uma racionalidade da população estigmatizada e marginalizada. Utilizo para essa afirmação outra parte do prefácio do livro de poesias do coletivo de 2009 em que, “As relações sociais e culturais no período escravagista até os dias atuais não se modificaram de maneira a oportunizar todos os habitantes da cidade...” (VÁRIOS, 2009, p.25). Sendo esse grupo conhecedor da questão histórica do país, a necessidade de passar a outros esses conhecimentos mantém uma relação de educação não-formal, onde não há um planejamento prévio, mas sim uma *razão*, que é a de reivindicar a presença dessa população como sujeitos pertencentes à história.

A educação não-formal comporta uma dimensão educativa livre de determinadas concepções de uma educação institucionalizada, isso ocorre, pois o processo de conhecimento a ser aplicado é constituído dentro do espaço de formação, assume-se dentro do coletivo determinadas intenções de necessidade do grupo para então construir estratégias de aprendizagens. Para Gohn a educação não-formal transpõe os limites de conhecimentos que tem a escola, ou o ensino formal, dessa maneira,

Ela aborda processos educativos que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade, abrangendo movimentos sociais, ONGs e outras entidades sem fins lucrativos que atuam na área social; ou processos educacionais frutos da articulação das escolas com a comunidade educativa, via conselhos, colegiados, etc. (GOHN, 2008, p. 07).

Como a escola formal não assume seu papel de ser crítica e trazer problematizações significativas, os espaços fora do muro escolar formam sua própria intelectualidade deixando de ser um espaço de conhecimento hegemônico. Ainda, há o fator de essa educação feita em organizações periféricas não estarem ligadas a um sistema educacional imbuídos de ideologias dominantes que não tem como intenção a formação de homens e mulheres para o exercício da cidadania, solidariedade, cultura de paz, entre outros.

Nesse sentido, essa estrutura educativa deve ser definida pelo que representa na formação e aprendizagens do saberes coletivos, de como age para reconstruir concepções de mundo para a identidade de uma determinada sociedade, e na formação dos indivíduos na diversidade que temos como seres humanos. Contar sua própria história esta vinculada a esse processo, e se tomamos como linguagens a música, literatura, ou mesmo em um relato direto, estamos colocando em prática um processo

pedagógico de maneira que ao registrar essa história ela passa a ser coletiva e consultada para outras interpretações.

No prefácio da Antologia II do Sarau Poesia na Brasa o texto apresentado traz um breve relato sobre a história do bairro e sua comunidade, e no caso é a leitura do mundo feita pelo coletivo que está presente e convive no local, dando assim uma percepção para que outros possam conhecer ou mesmo se identificarem com a situação vivida por essa comunidade. No texto do prefácio de 2010,

"Brasilândia – espaço que nós chamamos de nosso lugar -, por conta do total descaso por parte do Estado, aqui floresceu o tráfico de drogas, a proliferação de armas de fogo nas mãos de nossos(as) meninos(as) que são usadas comumente por irmão contra irmão. Aqui onde o esgoto e o asfalto demoram a chegar, onde as casas eram e em alguns casos ainda são de madeira, lugar onde a guerra foi declarada muito antes da gente nascer. Este bairro que foi inicialmente ocupado majoritariamente por negras e negros afastados do centro da cidade e que se expande cada vez mais longe desse centro. Aqui permaneceu a cultura desse povo como forma de resistência, povo que aprendeu, mesmo em meio às adversidades, a não esquecer suas raízes" (VÁRIOS, 2010, p. 11).

O texto apresentado pelo coletivo evidencia a condição social da comunidade, reconhecem sua situação e ao reconhecê-la têm a oportunidade de transformá-la. Esse processo de trabalho traz outras categorias da educação não-formal que são “Educação para justiça social” e “Educação para direitos humanos” somados a uma prática educativa que faz do registro escrito a principal ferramenta para manter sua memória. As organizações dessas antologias e do sarau indicam a organização e estrutura do coletivo, o fato de não determinarem modelos prontos de aprendizagem, não terem uma hierarquização, conteúdos e planejamentos do que irá se aprender com o livro de poesia ou com o sarau, define um modelo de educação próprio feito com as demandas da comunidade de acordo com a participação e significação que esses participantes trazem para si.

Destaca-se com isso, que as dimensões da realidade social surgem via o texto produzido pelo grupo, os poemas agem como uma racionalidade dos poetas que ao escreverem poesias com ênfases nas suas experiências pessoais, rememoram fatores históricos que em sua grande maioria está vinculado a situações de desigualdade vividas por essa comunidade marginalizada. Os prefácios das antologias agem como uma introdução à expectativa do leitor e possui uma característica dialógica, pois os textos são discursos de interações onde a palavra individual passa em seu conjunto textual a

agir como um discurso formulado por meio das concepções geradas nos espaços de discussão do coletivo.

No espaço em que são realizados os saraus as pessoas aprendem com o próprio cotidiano, nas relações e experiências de um com o outro, as ações realizadas favorecem um ambiente espontâneo com o contato direto com a literatura e os produtores desses textos literários. O intercâmbio e troca de saberes possibilita o conhecimento sobre o mundo e da realidade vivida nas periferias, discutir sua situação e dialogar para que outros se reconheçam no relato feito mostra o favorecimento de conhecimentos adquirido por meio das interações.

Toda produção literária somada aos trabalhos⁵⁰ realizados pelo coletivo na comunidade, traz como resultados novas concepções de suas realidades, ao escreverem sobre suas dificuldades passam a refletir para transformações e com isso agem para mudanças significativas. Na educação não-formal esses resultados se desenvolvem da seguinte maneira,

"A educação não-formal poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; a construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacitação para entrar no mercado de trabalho); quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de auto-ajuda denominam, simplificarmente, como a auto-estima); ou seja, dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto-valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca" (GOHN, 2006, p. 30-31).

A literatura que essa comunidade apresenta estimula outras ações socioculturais no bairro, ao mesmo tempo, faz com que haja trabalhos coletivos em questões que precisam da atenção de tod(a)os para a construção de projetos de intervenções que tragam entretenimento, educação, cultura, e um movimento intelectual estético peculiar para aquele espaço e população marginalizada. Dessa maneira, o coletivo que atua, escreve, e também, o público que acompanha, assumem as responsabilidades de continuarem desenvolvendo trabalhos que tragam conhecimentos para todos.

⁵⁰Para os detalhes de todo trabalho realizado pelo coletivo Sarau Poesia na Brasa, ver nesta pesquisa o "Apêndice A" contendo relatórios de campo com a descrição das ações, fotos, e resultados alcançados na comunidade. Também ressaltamos o **Anexo B** contendo os prefácios das obras do coletivo que vão de 2009 a 2012.

Considerações finais

Ao chegar a essa etapa da pesquisa vivencio como pesquisador algumas preocupações, que desde o início de todo esse processo me acompanhou. Falo da dificuldade de se trabalhar com um objeto de pesquisa tão contemporâneo, e que acompanhá-lo em seu processo em uma ação direta entre pesquisador e pesquisa afeta por demais nossa olhar diante do que se escreve no texto da dissertação, principalmente quando se vivencia com o grupo, práticas que resultam em importantes experiências educativas e sociais.

Com o compromisso científico, o trabalho de não deixar nem um fator que altere ou prejudique as comprovações da pesquisa ocorrem com todo o rigor necessário de uma investigação, já como um pesquisador, que também é educador e tem admiração pelo movimento gerado pela literatura marginal/periférica, coube um trabalho rigoroso para que essa seja uma contribuição tanto para o movimento como também, para a universidade.

Trabalhar com o *corpus* de pesquisa dos escritores da literatura marginal/periférica fez-se necessário junto a uma observação de suas próprias práticas, pois refletir sobre suas produções literárias já seria em si uma contribuição, porém dedicar parte do trabalho ao acompanhamento dos saraus, das participações do grupo em outras mobilizações pelos bairros periféricos, constituiu um conjunto de informações que evidencia o quanto esse movimento literário tem contribuído em práticas educativas nos territórios onde há desigualdades sociais.

Alcançamos nesse processo uma contribuição importante ao ir a campo e desenvolver o estudo embasado na área da educação, e de perceber o como a ideia de *marginal* vincula-se a uma epistemologia contra hegemônica do coletivo Sarau Poesia na Brasa (no caso o grupo se reconhece como marginalizados por desigualdades geradas por fatores como: o preconceito, discriminação, estigmatização da periferia, falta de acesso a bens culturais e educacionais, questões socioeconômicas, entre outros). Assim, foi possível identificar esse processo que desenvolve junto aos seus participantes uma *consciência* e pertencimento a periferia. As atribuições de *marginal* e *periférico*, seguido pela construção dos textos literários, levam a constituição sócia histórica desse grupo, que dessa maneira intervêm na realidade local para transformá-las.

Não sabemos o como a história fará o registro sobre esse movimento literário, e mesmo se um dia será levado em consideração todo esse processo como uma parte

histórica da literatura brasileira, porém desde as produções literárias dos coletivos e saraus das periferias, assim como a produção literária de escritores que já se destacam por suas produções serem reconhecidas pelo mercado editorial, sabemos que as contribuições desses grupos e coletivos já extrapolam o campo literário e contribuem para o campo educativo do que tratamos como educação não-formal, mas que podemos tratar também como o desenvolvimento de uma educação popular, e possivelmente que surja propostas no campo e composição curricular da educação formal.

Acrescentamos que ao tratar de concepções de educação não-formal, não tivemos como intenção desclassificar a importância da escola pública e outros espaços que constituem o que chamamos de educação formal. Apresentamos aqui as contribuições que a organização popular traz ao se preocupar com uma estruturação própria de se constituir conhecimento por meio de suas produções culturais.

Um percurso importante desta dissertação foi a de compor um conjunto de informações entre produção literária e suas práticas envolvidas em um território onde não há o registro em que a comunidade envolvida com a produção e difusão de literatura desenvolvem práticas educativas. Para reforçar, ainda, afirmamos que o potencial educativo da literatura feita e envolvida em um determinado meio (social) traz questões específicas da cultura que a permeia, e dessa maneira desenvolve-se com a *visão* dessa periferia que a produz. Essa questão torna-se mais importante se pensarmos que durante a história a literatura sempre foi um privilégio das elites (uma questão de classe), e que tanto sua produção como leitura foi determinada por classes dominantes.

Há exceções históricas como foi o caso de Lima Barreto, Solano Trindade, Cruz e Souza, Maria Carolina de Jesus, e provavelmente outros escritores com o *olhar do oprimido* que a história tenha esquecido intencionalmente pelo fato de seu potencial emancipador, porém não identificamos em nenhum período da história do Brasil, um movimento cultural construído pelo oprimido e que tenha como fonte primária o uso da literatura.

Em resumo, nosso principal interesse foi o de trazer à tona esses processos educativos gerados por meio dessa literatura, e de como suas ações mobilizam a população por um bem comum que é o desenvolver de cultura(s) da periferia a partir de suas *experiências sociais*, neste processo percebemos, que essa contribuição pedagógica feita com o uso da literatura marginal/periférica, pode estar presente em outros locais como a escola (dentro de instituições de educação formal) que também se encontra em territórios periféricos, e outros locais da cidade, assim como em uma diversidade de

espaços que queiram trabalhar essas práticas, ou mesmo, pesquisá-la para a compreensão de uma *intelectualidade orgânica* desses grupos que se utilizam da literatura como um meio para se constituir aprendizagens.

Nosso desafio na dissertação foi o de trabalhar uma cultura *na* ou *da* periferia, no sentido de que lidamos com um objeto de estudo produzido, socializado e com um campo simbólico próprio do sujeito periférico, mas que como uma produção humana deve se expandir a todos que queiram ou sintam a necessidade de conhecer. As contribuições da educação não-formal veio ao encontro, com nossos desafios, pois suas concepções evidenciam métodos e práticas produzidas pelo coletivo Sarau Poesia na Brasa.

O trabalho em campo nos deu uma segurança para afirmações como o uso do termo "marginal" como uma expressão que envolve a produção, meio, classe, e entender que nosso universo de pesquisa estava delimitado por uma escolha metodológica, mas que outros espaços produziam e difundiam essa literatura em diferentes locais do município de São Paulo constituindo assim um movimento mais amplo que evolue a ideia de periferia, literatura e realidade social. E, nesse sentido, é que podemos afirmar que essa estruturação resulta em processos educativos para esses espaços e seus frequentadores na formação de uma "cultura da periferia". Para tanto a afirmação de Romão (2008) contribui para nossas considerações ao dizer que,

Somente aos oprimidos e às oprimidas interessa a reflexão sobre as relações e opressão, bem como somente a eles e elas interessa a transformação dessas relações. É por isso que os dominantes decretam o fim da história, exatamente porque querem que a sociedade da qual usufruem os benefícios não se transforme. (p.84)

Desenvolver espaços de formação em que esses grupos possam trazer à tona sua própria gnosiologia (sua teoria do conhecimento), e também sua ontologia (como historicidade dos sujeitos) leva essa literatura a uma ação e movimento de aprendizagem construída na prática (quando constroem ações e mobilizações) e teoria (quando refletem na literatura suas próprias histórias e possibilidades de transformações). Assim, não estamos tratando apenas de um movimento literário, mas com um movimento engajado na superação da desigualdade entre os sujeitos.

Toda a composição da pesquisa maturou esse processo inicial de estudos que tenham como fonte primária à literatura marginal/periférica e suas possibilidades no campo prático da educação, e também em outras pesquisas acadêmicas. Sabemos que

este estudo foi limitado por fatores como, os poucos estudos e referenciais teóricos na área, de estruturar o estudo junto aos acontecimentos sem saber sobre seus resultados futuros, de ainda não compreendermos especificidades desse movimento literário e por trabalhar segundo uma ótica de produção do oprimido onde nossa própria compreensão da constituição de conhecimento faça divisões entre o científico e popular não percebendo a possibilidade de ambos para os mesmo fins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas (org) **Resistência e Intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.
- BACHELAR, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BIN, Marco Antonio. **As redes de escrituras nas periferias de São Paulo: palavra como manifestação de cidadania**. Tese de Doutorado. PEPG de Ciências Sociais-PUCSP. 2009.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática. 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- _____. O Direito a literatura. Palestra pronunciada na XXIV reunião anual da SBPC em São Paulo, jul/1972. In **Vários escritos**. Reorganizado pelo autor. São Paulo, Duas Cidades, 2004.
- CYANA, Leahy-Dios. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. São Paulo: Martins fontes, 2004b.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo, Cortez, 2000.
- FANON, Franz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 9ª ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GOHN, Maria da Gloria. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2012.
- _____. **Educação não-formal e cultura Política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009. In: <
[http://metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index
 .php/metaavaliacao/article/viewArticle/tptpcanvxypqw.html](http://metaavaliacao.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/viewArticle/tptpcanvxypqw.html)> Acesso em: 10/09/2013
- _____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-

38, jan./mar. 2006 In: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003 >. Acesso em: 12/06/2013

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos – o breve século XX 1914- 1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: brasiliense, 1981.

_____. **As artes das palavras: elementos para uma poética marxista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. São Paulo: brasiliense, 1982.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Educ, 2000.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Helena Maria. **O que é Leitura**. São Paulo: brasiliense, 1992.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARX, KARL & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo, Hucitec, 1993.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São. Paulo: Boitempo, 2008.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. Tese de Doutorado. 2006 (dissertação de mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP.

PIVETTA, Oliveira Rejane de. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária**. IN < <http://www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2011/05/7-Literatura.pdf> >. Acesso em: 25/04/2010

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e

Camila Boldrini. São Paulo: ed 34, 2009.

QUIJANO, Aníbal: **“Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina”**, em Anuario Mariateguiano, vol. IX, no.9, Lima, 1997.

ROMÃO, Eustáquio José; GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes**. São Paulo: Editora e livraria Paulo Freire, 2012.

_____. **Razões Oprimidas: Introdução a uma nova geopolítica do conhecimento**. In TORRES, Alberto Carlos [et al.]. Reinventando Paulo Freire no século 21. São Paulo: Editora e livraria instituto Paulo Freire, 2008. p. 63-85.

SANTOS, Waldir. Brasilândia uma história de amor, homenagem aos 50 anos da Vila Brasilândia. **Revista São Paulo minha cidade**. São Paulo, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1988.

SAID, Edward. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SOUZA, Thana Mara de. **Sartre e a Literatura Engajada**. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA, Eliabe Gomes de. **De Paulo Freire a Ferréz: razão e construção do saber das populações oprimidas**. In: ANAIS DO PRIMEIRO COLOQUIO INTERNACIONAL CULTURAS JOVENS AFRO-BRASIL AMERICA: ENCONTROS E DESENCONTROS, 1, 2012, São Paulo. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100011&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 23 Sep. 2013.

TADIÉ, Jean Yves. 1992. **A crítica literária no século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand brasil.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação: A observação**. Brasília: Plano editora, 2003.

Sites

<http://brasasarau.blogspot.com.br/>

www.rapnacional.com.br

<http://cooperifa.blogspot.com.br/>

<http://www.ferrez.com.br/>

<http://www.scielo.br/>

http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=20282

http://www.espacoacademico.com.br/068/68ozai_praxedes.htm

<http://www.scribd.com/doc/32995347/Anibal-Quijano-Colonialidad-Del>

APÊNDICES

ANEXO A – Diário de Campo

As atividades de Pesquisa

Realizamos essa pesquisa, embasado em um *estudo de caso* e em um *estudo do tipo etnográfico*, com isso os acompanhamentos e observações do espaço bem como essa ação direta entre pesquisador e objeto de pesquisa foi fundamental para a construção da dissertação. Essa ação contribuiu para que pudéssemos observar os discursos, práticas, e o movimento literário acontecendo em seu próprio território de produção. Neste ANEXO A, estão os registro realizados pelo pesquisador durante a pesquisa empírica e que muito trouxeram para as reflexões e conclusões nesta pesquisa.



DIÁRIO DE CAMPO
ELIABE GOMES DE SOUZA

**ACOMPANHAMENTO DOS SARAUS, INTERVEÇÕES LITERÁRIAS E
EDUCACIONAIS DO COLETIVO SARAU POESIA NA BRASA**

Esse relatório integra as observações realizadas em campo durante 2012/2013 no Sarau Poesia na Brasa localizado na Vila Brasilândia São Paulo.

SÃO PAULO/BRASILÂNDIA
2012/2013

Sumário

1. O primeiro dia em campo97
2. Diário de campo Abril de 2012 - Um diferencial nas ações do coletivo Sarau Poesia na Brasa99
3. Diário de campo Maio de 2012 - Abolindo a “Escra-visão no Brasil”102
4. Diário de campo Junho de 2012 - Escritores independentes invadem o espaço104
5. Diário de campo Julho de 2012 - Quatro anos de (re)xistência e literatura106
6. Diário de campo Agosto de 2012 - Entre becos e vielas108
7. Diário de campo Setembro de 2012 – O Poesia na Brasa visita a escola110
8. Diário de campo Outubro de 2012 - Um momento em meio à guerra113
9. O fim das ações no fim de 2012 e a retomada em 2013116
10. Manifesto do Sarau Poesia na Brasa “A Eliete Treme”118
11. Um momento de dialogicidade com Antonio Candido119

1. O primeiro dia em campo

No dia 13 de abril fiz minha primeira visita ao bairro da Brasilândia como pesquisador e a grande diferença é que desta vez não sou apenas um visitante, mais do que isso, agora se trata de me tornar um observador atento com a responsabilidade de evidenciar conhecimentos que a meu ver são partes importantes de uma relação da educação não-formal, mas que agora com o compromisso da produção de uma dissertação de mestrado deve ser constituída de maneira a termos *razão* ao tratar esse espaço como que um lugar de produção do conhecimento com as discussões teórico e práticas que comprovem a hipótese inicial da pesquisa.

O longo percurso de ônibus fez com que eu pudesse tomar nota de detalhes que envolve uma diversidade de cenários que parte da região central de São Paulo ao extremo da zona norte. Fui me distanciando do centro de São Paulo partindo da praça do correio, onde embarquei no ônibus, e conforme o trajeto seguia mais era obvio a desorganização urbana ao me aproximar do bairro da Vila Brasilândia. As quase 1h30 são um momento de reflexão de cada detalhe até a chegada do espaço, algumas conversas que escuto dentro do ônibus são de capítulos da novela, reclamações sobre o trabalho exaustivo, duas mulheres conversavam sobre os anos sem visitarem seus pais que vivem na região nordeste do país e tantos outros assuntos que configuram o espaço e pessoas ao qual vou encontrar no campo de investigação.

A vontade de dialogar com cada um para descobrir suas ideias, sonhos, perspectivas, o que pensam da educação, política do país, se o bairro ondem vivem esta de acordo com o que ele(as) acredita como um bom lugar apara se viver, enfim um montante de informações que me causa inquietude como pesquisador, mas que devo controla-las pois temos nossas limitações e um tempo muito curto para tanta vontade de descobertas que deve ocorrer em uma outra oportunidade.

A chegada ao ponto de ônibus alivia o tempo que passei em um transporte lotado com pessoas amontoadas em um início de noite quente, basta saber o como foi maçante o dia de cada trabalhador(a) e como as horas exaustivas de trabalho dessas pessoas se completam com mais uma situação desumana em um transporte sem as mínimas condições de trazer conforto à longa viagem. Ainda em uma caminhada de alguns minutos posso ver crianças correndo em ruas estreitas, o fluxo de carros que da a impressão que não vão passar um pelo outro em um espaço tão limitado de rua.

Eis que depois de todo esse trajeto avisto o local onde ocorre o sarau, simples

como todo “buteco de quebrada” com algumas pessoas chegando, algumas munidas de livros e outras do vício pelo álcool, porém tod(a)os estão se concentrado no mesmo lugar o “Bar do Carlita”, assim chamado o estabelecimento com o nome de seu dono localizado na Rua Professor Viveiros Raposo, 534. A Vila Brasilândia torna-se por algumas horas na parte da noite o espaço de difusão de literatura no extremo da periferia da zona norte de São Paulo.

Acompanhei todos os momentos do encontro, ouvi o recitar de textos de Patativa do Assaré, Solano Trindade, troquei alguns livros, conversei com várias pessoas e entre essas algumas que já conhecia de outros eventos. Presenciei a participação do escritor ferréz, a rima feita por alguns rappers que recitaram suas canções, a intervenção de alguém alcoolizado que tentava entender o que acontecia ali, por fim me encontrei com os sujeitos ao qual quero contribuir na realização de minha dissertação. Vivenciei essa noite de maneira a compreender o que me espera durante o tempo que passar com o grupo e sobre como devo produzir meu objeto de pesquisa na dissertação de mestrado.



Foto: Troca de livros
Fonte: Blog do Sarau da Brasa



Foto: Carlita dono do bar
Fonte: Blog do Sarau da Brasa

2. Diário de campo Abril de 2012 - Um diferencial nas ações do coletivo Sarau Poesia na Brasa

No dia 21 de abril fiz minha segunda visita ao espaço em que ocorre o Sarau Poesia na Brasa, novamente estava do “Bar do Carlita” observando outro encontro literário feito na parte da noite na região norte de São Paulo. Desta vez houve também o lançamento de uma coletânea literária chamada “Antologia Marginal Baseado de Ponta” do coletivo “Marginalia”. A obra foi apresentada por uma representante do coletivo que falou um pouco sobre o processo de produção, seleção dos textos, e organização independente para a edição do livro.

Esse momento foi muito interessante, pois percebi um intercâmbio entre os grupos organizados e dialogando com um dos organizadores do Sarau Poesia na Brasa, ele disse que é comum haver esses lançamentos em todos os movimentos que estão organizados para que dessa maneira, possam potencializar a divulgação de suas produções e também fazer com que esse material chegue a várias periferias de São Paulo.

A leitura das poesias iniciou depois do lançamento do livro e da conversa do “coletivo marginalia” com o processo de produção da obra lançada. Nesta noite houve muita leitura de poesias feitas pelos participantes e ouvir essas produções faz com que possamos nos aproximar das realidades, subjetividades, e do universo ao qual pertence esse grupo, é um momento em que muitos desabafam sobre suas vidas, ou escrevem sobre conquistas, em outros casos, há pequenos relatos de experiências que tiveram ao chegar a São Paulo, ou de algo que aconteceu no bairro.

Ainda no mês de abril acompanhei o trabalho do coletivo na Biblioteca Afonso Schmidt, na Vila Cruz das Almas, pelo projeto “Veia e Ventania” em parceria com o Sistema Municipal de Bibliotecas. Foi um evento itinerante, mas diferente dos que normalmente fazem, pois esse possui um incentivo público por parte da biblioteca que abre o espaço e colabora com doações de livros e alimentação para o grupo presente.

No espaço havia crianças, idosos, livros foram distribuídos gratuitamente todos conversaram sobre suas experiências com leitura, quando leram a primeira vez, o que costumavam ler, entre outros diálogos. Depois de uma oficina de produção poética em grupo, os participantes se organizaram para produzirem poesias coletivas, houve a leitura e no fechamento uma roda com canções populares. Esse foi um dia bem diferenciado que acompanhei junto com os participantes do encontro vi que havia menos discussões políticas

com um cunho mais forte de crítica, e mais foco na literatura e de ser um bom entretenimento cultural para os participantes.

Pude perceber que a intenção naquele momento era o de apresentar para pessoas presentes à literatura, de maneira que tod(a)os pudessem compreender o prazer de se realizar a leitura, conhecer autores, histórias, fazer dos diversos gêneros literários uma constante nas atividades do dia-a-dia.

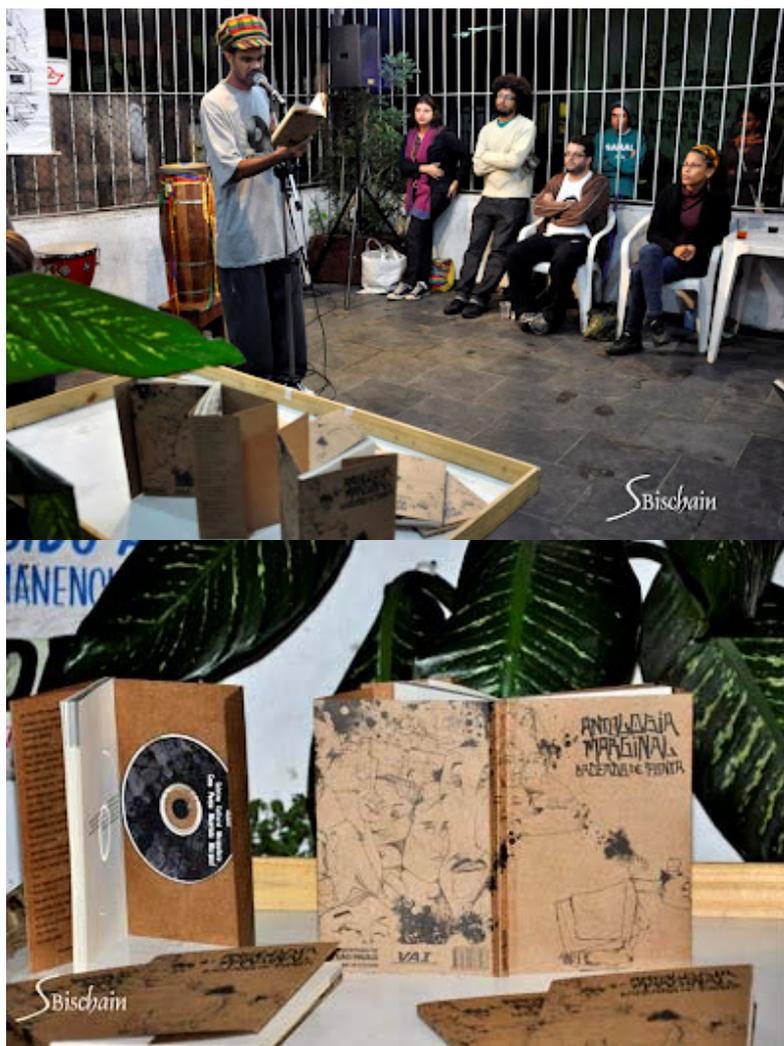


Foto: Lançamento do livro do coletivo marginalia

Fonte: Blog do sarau poesia na brasa



Foto: Encontro na biblioteca Afonso Schmidt
Fonte: Arquivo pessoal do autor

3. Diário de campo Maio de 2012 - Abolindo a “Escra-visão no Brasil”

Neste mês acompanhei somente uma atividade que o coletivo organizou cujo, o tema foi “Abolindo a Escra-visão no Brasil”. Esse foi um momento em que os trabalhos tiveram foco em leitura de escritores negro, como Lima Barreto, Clóvis Moura, Maria Carolina de Jesus, Cruz e Souza, entre outros, que foram discutidos e apresentados à comunidade participante de maneira que tod(a)os que estavam presente pudessem conhecer um pouco sobre esses escritor(a)es e suas realidades como literários em vida.

O evento começou mais cedo do que de costume, o coletivo também não manteve o evento dentro do “bar do Carlita”, fizeram uma caminhada pelas ruas do bairro convidando as pessoas a participarem na parte da noite do encontro. Para alguns que se mostraram mais interessados o grupo presenteou livros de autores negros.

Na parte da noite houve apresentações musicais, leituras, a intervenção de outro coletivo denominado “Manifesto Crespo” para discutir a questão da mulher negra na sociedade e participação da comunidade com a leitura de suas poesias. Todas as ações evidenciaram novamente o compromisso do coletivo com discussões sociais de grande importância para a periferia que tem em sua maioria uma população negra que pouco conhece sobre todo o processo histórico de homens e mulheres negras do país.

Em diálogo com pessoas do coletivo, esse evento foi organizado para poder discutir o dia da abolição da escravatura que se comemora em 13 de maio. Segundo o grupo, essa discussão é importante para as pessoas saberem sobre essa comemoração e também questionar essa dita “abolição” que para el(a)es ainda deve ser posto em pauta, devido a população negra continuar em uma situação totalmente desigual em diversos locais do mundo, e contada de forma equivocada na história de grande parte de nossos livros.

Foi uma noite de muita poesia e reflexão sobre negros e negras na sociedade brasileira e de como a literatura produzida por esses autore(a)s é pouco discutida, difundida, pesquisada, e em muitos momentos esquecidas por serem de auto teor crítico como é o caso de obras de Lima Barreto e Maria Carolina de Jesus.



Foto: Atividades do mês de Maio

Fonte: Blog Sarau Poesia na Brasa

4. **Diário de campo Junho de 2012 - Escritores independentes invadem o espaço**

No mês de junho pude novamente acompanhar o lançamento de um livro no “Bar do Carlita”, aliás, desde que comecei a acompanhar o espaço tenho visto muitos escritores independentes, ou mesmo coletivos lançarem livros de conteúdo literários. Esse fator mostra que as produções literárias não estão somente em um circuito de editoras ou universidades, mas também em locais onde essas produções tanto coletivas como individual são formas de resistências culturais preservação histórica da realidade que querem evidenciar e um movimento que em muitos momentos vai contra cânones que dizem o que é ou não literatura.

Desta vez o livro lançado no espaço foi o de uma escritora nicaraguense chamada Gioconda Belli com o título de “O olho da mulher”. A escritora falou um pouco para o grupo sobre as experiências de leituras com movimentos populares na Nicarágua e de que não tinha visto e nem tomado conhecimento de movimentos semelhantes aos saraus literários que ocorrem nas periferias de São Paulo.

Essa foi uma grande oportunidade para pessoas do bairro que frequentam o sarau a pela primeira vez ouvirem as experiências culturais de uma pessoa de outro país, e também mostra o quanto o espaço vem criando intercambio com diversos movimentos de outros locais de São Paulo e agora de outro país.

Neste dia houve também a visita do escritor Alan da Rosa que também publica seus livros através de uma editora independente criada por ele chamada edições toró. Para os participantes foi um momento de conhecerem pessoas que tornaram a literatura uma profissão e meio de vida, o que se tratando de mercado é muito difícil alcançar. Tiveram também a oportunidade de conhecerem pessoas que profissionalizaram seu trabalho e de certa forma que dedicam mais tempo e desempenho para produzirem seus textos.

Acompanhei no mês as postagens no blog em que eles divulgam e comentam sobre suas ações. Chamou-me a atenção um manifesto que escreveram sobre o fechamento de alguns saraus das periferias de São Paulo e da possibilidade do fechamento do espaço pelo seguinte motivo:

Ao promover saraus, onde é permitida ao povo a livre expressão, estamos tentando retirar as mordças colocadas em nossas bocas e mentes, ao longo dos anos. Nos nossos espaços assistimos a nossos vídeos, lançamos nossos livros, assistimos a nossas peças de teatro, apreciamos nossas fotografias e fazemos nossas assembleias para discutirmos assuntos de nosso interesse. Isso faz com que sejamos mais do que um espaço de expressão artística, mas sim um espaço de resistência política, pois essas possibilidades todas sempre nos foram negadas e hoje, em um ato de desobediência ao que nos é imposto, propomos novas formas de organização e

intervenção política.

E eis que o Estado reage, tentando acabar com nossas organizações e expressões. Nada mais natural, se considerarmos que estamos lidando com um Estado burguês, machista e racista e que de forma alguma pode permitir que pobres, negros e mulheres possam ter a chance de criarem novas formas de sociabilização.

Por isso entendemos que as multas aplicadas aos vários saraus das periferias de São Paulo, entre eles, Sarau Elo da Corrente, Sarau da Brasa e Sarau do Binho nada tem a ver com burocracias, alvarás, entre outros documentos. Mas sim, um ataque sobre nossas organizações, pois o Estado já entendeu a força política do nosso movimento. O Bar do Carlita, onde acontece o Sarau Poesia na Brasa, além de estar sendo multada por conta de alvará, também esta dentro da rota de construção da nova linha do metrô e junto com outras casas e as famílias, esta prestes a ser removido daquela região.

Agora é um momento de pensarmos coletivamente nossas próximas ações. Ter a calma necessária para enxergarmos nossos aliados, considerando o trabalho que vem sendo feito ao longo dos últimos anos e não permitir que oportunistas de última hora venham se posicionar com atitudes precipitadas e irresponsáveis. Fiquemos atentos.

O Coletivo Cultural Poesia na Brasa manifesta aqui todo o seu apoio ao Sarau do Binho e também a tod@s que trabalham diariamente pela transformação social em nossas quebradas e por hora, junto com @s parceir@s, estamos organizando as próximas ações. (Fonte: blog do Sarau Poesia Na brasa < <http://brasasarau.blogspot.com.br/2012/06/salve-povo-aos-promover-saraus-onde.html> > Acesso 20/06/2012).

Segundo o coletivo o fechamento desse espaço é uma represaria de alguns representantes políticos que se incomodam com as criticas feitas pelo coletivo e dos trabalhos de conscientização com a comunidade. Afirmam isso, pois já tiveram alguns problemas com assessores de políticos do bairro e pelo fato de vários bares funcionarem no bairro sem nenhum alvará ou mesmo documentação da propriedade já que muitos terrenos são ocupações.



Foto: Livro O olho da mulher da escritora Gioconda Belli

Fonte: Blog do Sarau Poesia na Brasa

5. Diário de campo Julho de 2012 - Quatro anos de (re)existência e literatura

No mês de julho pude vivenciar junto com o coletivo e a comunidade a comemoração de quatro anos de Sarau Poesia na Brasa no bairro da zona norte de São Paulo. Há quase cinco meses frequentando o espaço como pesquisador, me envolvendo e se emocionando com muitas ações observadas durante esse tempo, saber que esse é um espaço que já possui a existência de quatro anos e segue com seu compromisso me fez perceber o quanto a pesquisa é importante para mostrar a contribuição educacional que esse coletivo tem em sua comunidade.

As comemorações ocorreram com um grupo de tambores africanos, leitura de poesia, música, pintura de quadros, entre outros, e uma grande concentração de pessoas na rua com o intuito de poderem fazer daquele espaço tão desigual, e muitas vezes, violento pela falta de assistência pública nos bairros periféricos, em um local de laços e integrações da comunidade junto com todas as atividades artísticas que foram realizadas durante a noite.

Muitas pessoas da comunidade que estavam no local relataram que em nenhum momento de suas vidas tiveram oportunidade de observar um artista pintando um quadro, outros relataram que achavam que os instrumentos de percussão (tambores) tocados daquela maneira fazia parte da “macumba”⁵¹.

As diversas atividades realizadas trouxeram não só questões estéticas para a comunidade como também se mostrou como um fortalecimento no trabalho coletivo e de aceitação da população que participou ativamente de todas as ações realizadas. Durante toda tarde e noite, pude ver crianças, idosos, homens, mulheres, diferentes crenças, opiniões políticas, mas todos contentes em saber que o bairro pode ser um lugar educativo, cultural e construído por eles e elas que vivem o local.

Não conseguimos contabilizar o evento, mas creio que durante todo o dia chegou-se a um número de cinco mil pessoas, entre moradores da comunidade e pessoas de outros lugares que transformaram as ruas e vielas em um grande espaço educativo. Foram diversas atividades em que as pessoas participaram ativamente de maneira que o bairro se transformou em um espaço educador.

⁵¹Macumba é um instrumento musical originário da África. Algumas pessoas usam o termo para intitular as religiões de matrizes africanas como o Candomblé e Umbanda.

Foto: Atividades de comemoração aos 4 anos do Sarau Poesia na Brasa



Fonte: Blog do Sarau Poesia na Brasa

6. Diário de campo Agosto de 2012 - Entre becos e vielas

Quase no final de mês de agosto estávamos em mais um evento realizado pelo coletivo Sarau Poesia na Brasa, completo nesse momento cinco meses de acompanhamento com o grupo e pude ver tantas atividades que penso no como, essas pessoas estão dispostas a mudarem o cenário sociocultural do bairro. Fui até esse local para conhecer o trabalho literário realizado por ele(a)s junto á comunidade, mas nesse tempo tive a oportunidade de ver não só a literatura como também diversas linguagens artísticas e práticas de uma educação caracterizada pela ação de aprender e ensinar, onde não há uma hierarquia e tod(a)os são responsáveis em trazer algo para compartilhar.

Acompanhei duas ações do grupo nesse mês o primeiro denominado como “Becos e Vielas”, que ocorre com a leitura de livros para crianças, oficinas de *grafitti* e pinturas nos muros das vielas do bairro. As atividades duraram o dia todo com diversas intervenções do coletivo, da comunidade, e de algumas pessoas que foram convidadas para darem orientações de pintura, *grafitti*, poesia e música. No mesmo mês participei de um sarau convencional do coletivo feito no “Bar do Carlita” que além das leituras e intervenções do coletivo novamente fomos contemplados com o lançamento de mais um livro.

O evento atraiu muitas pessoas da comunidade, porém a participação das crianças foi muito maior, pois se envolveram nas pinturas, participaram dos trabalhos e ficaram no evento durante todo o dia. Não é definido o como será feito os trabalhos, pelo percurso das vielas há muitos muros e diversas latas de tintas são deixando para que a comunidade possa produzir de maneira livre.

Novamente o trabalho literário se envolveu com uma ação social que fez com que a comunidade fosse ao evento para participar das diversas manifestações, dessa maneira, durante todo o evento foram provocados por livros que ficaram espalhados pelos becos, leituras de poesias feitas por participantes, e orientações dos organizadores do encontro para a comunidade sobre autores diversos da literatura brasileira.

Ainda no mês de agosto fui até o lançamento de outro autor que surgiu nos saraus dos bairros periféricos que trouxe seu primeiro livro chamado “aCORde um verso” de Michel Yakini para o Poesia na Brasa. Esse é um hábito que tenho notado e que muito me alegra na pesquisa, o fato de haver tantas pessoas produzindo literatura de maneira independente e ainda com a preocupação de divulgar seus trabalhos em locais como os saraus que ocorrem

nas periferias e não em circuitos literários demonstra um compromisso com a produção e difusão de uma literatura periférica.

Foto: Evento Entre Beco e Vias



Fonte: Arquivo pessoal do autor

7. Diário de campo Setembro de 2012 – O Sarau Poesia na Brasa visita a escola

No mês de setembro estive com muitas obrigações por conta das disciplinas realizadas na universidade e por esse fato fui a apenas em um dos encontros realizados pelo coletivo Sarau Poesia na Brasa. O encontro que participei não foi feito no “Bar do Carlita”, desta vez o coletivo voltou a articular um encontro dentro de uma escola municipal do bairro de ensino fundamental.

Porém para me manter próximo ao grupo mantive alguns contatos por e-mail e acompanhei tudo que era postado no blog do coletivo que no mês de setembro deixou o seguinte texto apresentando ao público suas ações:

Final de semana corrido com muitas atividades na cidade, debate na Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima em Pinheiros, Oficina de Literatura na EMEF Guarani, Ônibus Biblioteca, Sarau na Biblioteca Pública Afonso Schmidt, Sarau no CCJ, Literatura independente: A periferia vista na bolinha do olho, ou seja, final de semana intenso, porém muito gratificante.

Nosso companheiro Chellmí partilhou um pouco de sua experiência com os alunos da EMEF Guarani, proporcionando uma manhã prazerosa com poesia e muito diálogo com os participantes, desmistificando algumas impressões sobre nossa criação literária e práticas pedagógicas, realçando a importância de respeitar o repertório que a molecada traz e fazendo com que seja somado com novas visões, assim engrossando o caldo da imaginação. Seguem algumas fotos destes encontros (EMEF Guarani e Sarau - Literatura independente: A periferia vista na bolinha do olho). A caminhada é longa e o Sarau da Brasa segue andarilhando nesta estrada que a cada passo dado nos mostra que temos que percorrer e enveredar mais e mais espaços. Agradecemos àqueles que acreditam no nosso esforço e não tenham dúvidas que acreditamos e consideramos muito quem está imerso na coletividade positiva. Axé para tod@s. (<<http://brasasarau.blogspot.com.br/2012/09/oficina-literatura-emef-guarani-zona.html>> Acesso em 17/09/2012).

A diretora da escola EMEF Guarani procurou o coletivo Sarau na Brasa para realizarem uma intervenção dentro da escola com as crianças, pois escutou dentro da unidade algumas crianças comentarem sobre as rodas de leitura que realizavam em um bar do bairro. Os organizadores do sarau aceitaram de imediato o convite e prepararam uma formação junto com a leitura de poesias produzidas pelos alunos(a)s que participaram do encontro.

Nesses seis meses que estive nas intervenções do coletivo, esse foi o primeiro em que o grupo participou de uma atividade dentro de uma escola, senti que as atividades do grupo chamaram a atenção não só da comunidade como também de instituições que existem no bairro. O convite de uma biblioteca pública e agora de uma escola municipal mostram a necessidade que esses espaços têm com a conquista da participação da comunidade e que com o apoio de uma organização como o Sarau Poesia na Brasa puderam aproximar moradores do bairro e ainda realizarem atividades literárias que tivessem relação com o público envolvido.

Foto: Entrada da escola municipal Prof^o José Alfredo Apolinário



Fonte: arquivo pessoal do autor

Foto: Atividade literária realizada na escola com os aluno(a)s do ensino fundamental



Fonte: arquivo pessoal do autor

8. Diário de campo Outubro de 2012 - Um momento em meio à guerra

Entre os meses de outubro e novembro de 2012 vivenciamos uma onda de violência na cidade de São Paulo que afetou principalmente os bairros mais periféricos com ações realizadas pela polícia militar para conter supostas ações do grupo do crime organizado PCC (Primeiro Comando da Capital). Estas ações afetaram diretamente o projeto, pois em meio a tanta violência resultante inclusive de assassinatos de jovens na Vila Brasilândia os sarau foi cancelado.

A organização postou a seguinte mensagem no blog de divulgação do sarau:

Através desta postagem queremos comunicar a todo(a)s que infelizmente não acontecerá o SARAU do dia 17.11.2012 (próximo sábado). O Coletivo Cultural Poesia Na Brasa depois de uma longa troca de ideias decidiu pela não realização do próximo sarau. Devido à quebrada estar tensa e muito confusa com esta guerra, a qual estamos imersos, preferimos não expor os frequentadores do sarau, o Carlita, dono bar, que está fechando mais cedo durante a semana, nossos pares e nós também. Acreditamos por hora que não é o momento de bancarmos os heróis e pagarmos ver se acontece ou não alguma coisa negativa. Nossos irmãos estão sendo furados constantemente tanto na Brasilândia quanto em outros bairros, no meio de tudo isso nos posicionamos e achamos melhor e mais seguro para tod@s os frequentadores do sarau.

Pensamos na hipótese de realizar nosso sarau em horário antecipado, mas a guerra não tem hora e nem data para momentos de pico, ou seja, a qualquer hora pode acontecer o pior infelizmente e por isso achamos melhor zelar pela vida. Continuamos sonhando em atingir o maior número de pessoas possíveis com nosso envolvimento artístico/cultural/político no bairro, porém, para dar continuidade a este sonho, no mínimo temos que estar vivos.

Nosso posicionamento não é um recuo e sim o de observar o que está acontecendo e não pagar para ver o pior. Nossos dois últimos encontros serão, dia 01.12.2012 e 15.12.2012, pretendemos sim fazê-los e esperamos que as coisas voltem a chegar próximas do normal, paz constante nunca haverá, mas guerra constante desse tipo não queremos, nesta guerra estamos nos armando de outra maneira.

(fonte: < <http://brasasarau.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-2:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-02:00&max-results=50> > Acesso em 18/12/2012).

Esta questão novamente marcou a pesquisa, pois estávamos vivenciando momentos de integrações, mais confiança por parte do grupo para com o pesquisador e surge então esse conflito que fez parar os encontros por conta da segurança dos frequentadores. Esse foi também um momento de reflexão para com o meu objeto de pesquisa, pois desde minhas primeiras provocações quanto ao assunto sabia que haveria um material muito interessante para se trabalhar em um universo caótico que é a periferia de São Paulo.

Sáímos de uma vivencia que ocorria nas manifestações literárias e voltamos à realidade tanto discutida nas próprias produções literárias do grupo, na observação da pesquisa pude perceber o quanto aquele espaço é necessário em meio a tantas desigualdades e segregações para com a população. Depois de discussões fechadas por parte dos organizadores do evento, um toque de recolher declarado em todo o bairro que não se sabe se veio de policias ou do crime organizado, mas que alguns dias depois resultaram na seguinte notícia publicada no jornal Folha de S. Paulo.

Após madrugada violenta, polícia faz operação na Brasilândia

Após registrar ao menos sete mortes entre a noite de ontem e a madrugada de hoje, a zona norte de São Paulo, teve a segurança reforçada nesta terça-feira (6). Policiais civis fazem agora à noite uma operação na região da Brasilândia para tentar conter a onda de violência. A ação conta com equipes do Deic (Departamento Estadual de Investigações Criminais) e do do Garra (Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos). A polícia não informou o número de policiais que participam da operação. (Folha de S. Paulo, Caderno Cotidiano, 06/11/2012). <http://app.folha.com/m/noticia/165574>

Esse foi um momento de perceber o porquê dos textos daquele público envolvido na pesquisa trazer tanto o tema da violência e desigualdade em suas produções, a realidade dessas pessoas esta a todo o momento envolvido em ações de desigualdades, violência policial, falta de assistência do serviço público, de sonhos aniquilados na questão de classe, racial, e tantas outras questões que podíamos observar no dia-a-dia de tod(a)os que ali vivem.

Assim foi o mês de novembro em campo, me encontrei como em uma guerra civil, porém sem uma causa. Paramos todo o processo que estava em andamento tanto da investigação como do que para mim é muito mais importante, que é a realização desses encontros. Porém esse foi outro momento marcante, pois em meio a todos esses fatores o coletivo se organizou para realizar um evento que durou todo o dia com pinturas e *grafitti* nos muros, e também leitura para as crianças do bairro.

Esse evento foi feito para que todo o processo de violência relatado nos meios de comunicação e também vivenciado pelas crianças em meio a esse momento conturbado pudesse ser amenizado com atividades culturais para as crianças.

Foto: Evento organizado pelo coletivo no bairro para incentivo a leitura



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Foto: Pintura e grafitti nos muros do bairro



Fonte: Arquivo pessoal do autor

9. O fim das ações no fim de 2012 e a retomada em 2013

Devido aos problemas de violência e conflitos no bairro não houve ações nos meses de novembro de 2012 até Janeiro de 2013, o que me afastou um pouco do coletivo e das ações realizadas no “Bar do Carlita”. Porém esse foi um momento para por em dia leituras como a de Antônio Candido – Literatura e sociedade, e também outras sobre educação popular e não-formal que muito se encaixam na pesquisa.

Porém em 2013 estava mais próximo do coletivo, com mais acesso as discussões e tendo possibilidades de colher outros materiais, nesse processo conseguir todos os livros de coletâneas de poesias feitas pelos participantes do sarau, assim como participei de algumas reuniões do grupo onde eram organizados os eventos que realizam no bairro.

Participar das reuniões teve um bom resultado, pois as pautas do grupo traziam diversos temas, porém todos tinham ligações com a literatura de maneira que o texto literário é um meio para se discutir sobre temas como o da questão racial, machismo, políticos e social entre outros. Acompanhei nessas discussões outras decisões do coletivo como o de articular o projeto com incentivos público, para que dessa maneira pudesse custear o lançamento de livros fortalecendo suas produções com melhores edições e distribuição dos materiais literários produzidos por eles.

Como já estava a um tempo observando o grupo passei nesse momento a realizar a leitura de suas obras para poder incluir suas poesias como o objeto de estudo da dissertação. Nesse momento tive o cuidado de não envolver minha participação nos eventos com a leitura da produção literária para que pudesse realizar uma leitura técnica que não envolvesse todo o emocional que temos ao estarmos próximo do grupo de pesquisa.

Contudo esse foi o momento em que deixei minhas ações em campo para organizar os materiais colhidos. Mas do que o tempo que passei como pesquisador posso dizer que vi belas experiências educativas que me mostraram em vários momentos que educação se faz com vontade e de perceber que o ato de educar envolve uma sensibilidade de todos envolvidos. Quem ensina ou aprende, ou mesmo quem ensina e é ensinado, ou o aprendiz que educa, enfim observei uma comunidade que carente de uma estrutura educacional passou a escrever sua própria história e a fazer sua própria construção de uma pedagogia.

Foto: Volta das atividades do Sarau Fevereiro de 2013



Fonte: Blog do Sarau Poesia na Brasa

10. Manifesto do Sarau Poesia na Brasa⁵²

A elite encontra-se nos grandes centros comerciais, rodeada pelas periferias que ela própria inventou. A periferia se arma e apavora a elite central.

Nas guerras das armas, os ricos reprimem os favelados com a força do Estado através da polícia.

Mas agora é diferente, a periferia se arma de outra forma. Agora o armamento é o conhecimento, a munição é o livro e os disparos vêm das letras.

Então a gente quebra as muralhas do acesso, e parte para o ataque.

Invadimos as bibliotecas, as universidades, todos os espaços que conseguimos arrumar munição (informação).

Os irmãos que foram se armar, já estão de volta preparando a transformação.

Mas não queremos falar para os acadêmicos, mas sim para a dona Maria e o seu José, pois eles querem se informar.

E a periferia dispara. Um, dois, três, quatro livros publicados. A elite treme. Agora favelado escreve livro, conta a história e a realidade da favela que a elite nunca soube, ou nunca quis contar direito.

Os exércitos de sedentos por conhecimento estão espalhados dentro dos centros culturais e bibliotecas da periferia.

A elite treme.

Agora não vai mais poder falar o que quiser no jornal ou na novela, porque os periféricos vão questionar.

O conhecimento trouxe a reflexão e a reflexão trouxe a ação, e agora a revolta esta preparada, e a elite treme.

Não queremos mais seu tênis, seus celulares. Não queremos mais ser mão de obra barata, e nem consumidores que não questionam a propaganda.

Queremos conhecimento e transformações nas relações sociais.
A elite treme.

Agora não mais enquadrados madames no farol, e sim queremos ter os mesmos direitos das madames. E é por isso que a elite TEME.

⁵²Esse texto encontra-se no blog do coletivo Sarau Poesia na Brasa, é um manifesto escrito coletivamente pelos organizadores e reflete os ideais das ações do grupo.

11. Um momento de dialogicidade com Antonio Candido

Para construir a investigação de minha dissertação, a leitura de diversas obras do professor e escritor Antonio Candido foi de grande importância para se constituir o objeto de pesquisa em uma produção científica. Obras como *Literatura e Sociedade*, *Literatura como direito humano*, muito contribuíram para a construção do meu objeto de estudo.

Porém em meio à leitura e pesquisa conseguir com a ajuda de uma amiga do professor Candido realizar um “bate papo” com ele, que na verdade mais do que uma conversa teve a duração de duas visitas em que dialoguei sobre minha dissertação por volta de 4 horas em cada um dos dois dias em que estive com o professor Candido. Esse foi um momento muito marcante para mim como pesquisador, pois poder trocar informações com uma referência tanto da educação como da literatura do país ou mesmo do mundo é sempre um avanço para quem se inicia como pesquisador.

Candido discutiu sobre diversos assuntos da educação no país e inclusive relatou muitas histórias do processo de construção dos cursos de educação na USP (Universidade São Paulo), e do início de seu trabalho na mesma universidade como professor de sociologia da educação. Relatou sobre suas experiências com Florestan Fernandes outro importante intelectual do país e que foi um amigo e contemporâneo de Candido. Entre várias histórias, fatos históricos como seu encontro com Paulo Freire na época em que ambos apoiavam o PT (partido dos trabalhadores), sua ida ao EUA para lecionar em uma importante universidade, sobre questões raciais que presenciou na sua infância e outras tantas informações sobre o olhar de uma pessoa que tanto se dedicou às pesquisas sobre educação e literatura no Brasil.

Aproveitei o momento para comentar com o professor Candido sobre minha pesquisa e também sobre a literatura denominada como literatura marginal e periférica que é desenvolvida na atualidade na cidade de São Paulo. Ele fez alguns comentários sobre os estudos que fez com a literatura do caipira, que na opinião dele talvez possa ter algo em comum nessa produção realizada nas periferias de São Paulo, mas que não conhecia a chamada literatura marginal periférica e dessa maneira torna-se difícil expor determinadas ideias sobre o assunto.

Para quem está em um mestrado de educação é uma grande oportunidade ouvir o relato de uma pessoa que vivenciou anos na educação do Brasil com produções, intervenções, lecionando e que ajudou a construir parte do movimento intelectual crítico. Ouvir algumas

questões ligadas à literatura e sociedade diretamente de quem escreveu um importante livro sobre o assunto fez-me repensar alguns ponto em minha própria pesquisa de maneira observar com mais atenção tudo que envolve o processo da literatura marginal periférica.

Foto: Visita feita ao Professor Antonio Candido

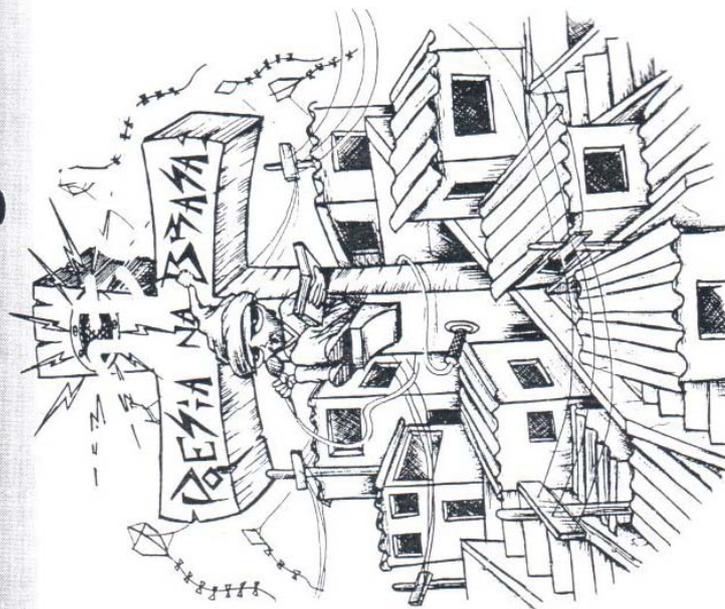


Fonte: Arquivo pessoal do autor

ANEXO B – PREFÁCIO DAS ANTOLOGIAS DO COLETIVO SARAU POESIA NA BRASA DE 2009 A 2012

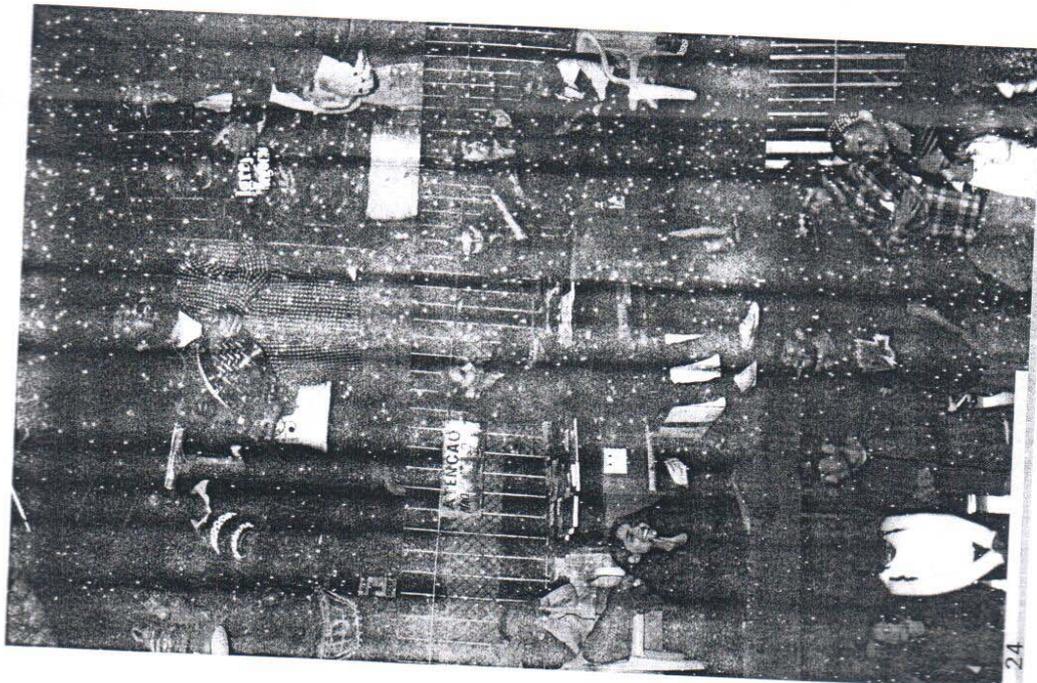
O Anexo B compões parte desta investigação, os materiais a seguir fazem parte das obras literárias publicadas pelo Sarau Poesia na Brasa entre s anos de 2009 a 2012. Como não trouxemos as obras completas, fizemos o registro das capas e prefácios das quatro publicações por entender que esses textos evidenciam momentos, ideias e ações feitas pelo coletivo e os participantes do sarau.

Antologia



Coletivo Cultural Poesia na Brasa

São Paulo, Julho 2009



24

PREFÁCIO

Os Saraus Literários

Juliana Balduino

Na literatura brasileira, as relações sociais e raciais são elementos que construíram um imaginário, onde o negro tornou-se invisível e sua cultura também. Escravidão, correntes, plantações, ferros são palavras que fazem parte da maioria das obras literárias, esquecendo-se das canções, tambores, ritmos e cantigas trazidas do outro lado do Atlântico.

As relações sociais e culturais no período escravagista até os dias atuais não se modificaram de maneira a oportunizar todos os habitantes da cidade, a economia dividiu e segregou os espaços sobrando para a maioria dos negros e imigrantes territórios distantes e, até certo tempo atrás, esquecidos. Com seus becos, vielas, travessas, pipas, córregos, sorrisos, rimas, cores, amores, amizades, laços, Pirituba e Brasilândia são duas das periferias mais habitadas que existem dentro da cidade de São Paulo. Não são diferentes os problemas de infraestrutura urbana e de saneamento, poucas escolas, sem áreas de lazer, cinema, teatro e bares em todos os cantos. Os saraus literários surgem em nossas periferias de maneira a RECRIAR nossa cultura, a ressignificação do bar, que se transforma em centro cultural nos impulsiona a criar novos desafios em nos

25

conscientizar e conscientizar os demais habitantes, que nesses espaços podem ser novos laços com a literatura. Nas poesias e idéias trocadas, a oportunidade do contato crítico reflexivo, não apenas com obras literárias do passado, mas, também com os próprios poetas e poetisas e suas memórias, sensibilidades e realidades do presente. Uma constante troca.

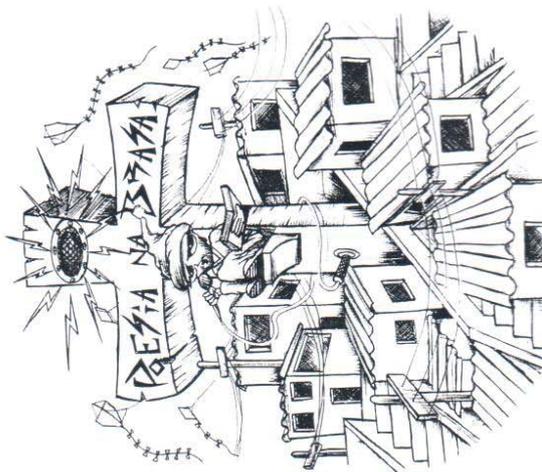
Conhecimento para transformação das relações sociais, este é um dos elementos que movem o Sarau Literário do Elo da Corrente e o Sarau da Brasa, se tornam referências e incentivo, acreditando em nossas poesias e práticas através da arte da palavra. Não existe fórmula de sucesso para os movimentos literários das periferias. Acredito que estas cenas crescem e se tornam importantes para nós, quando percebemos que o sarau literário pode nos proporcionar o contato com uma literatura muito particular, peculiar de nossos territórios negros. Elas condizem com a nossa realidade e subjetividades. Em forma de verso, manifesto, poema, encenação, música enfim, temos uma arte que nos é própria e essa é nossa literatura. Marginal, Periférica ou não, nossa responsabilidade está além de conceitos teóricos que se distanciam das práticas e responsabilidades sociais que de maneira independente assumimos com as pessoas que dividem e acreditam na gente e dividem conosco nos bares, becos e vielas um conhecimento de respeito e igualdade de direitos.



Juliana Balduino é mestranda em Ciências Sociais pela PUC/SP, participante do Coletivo Literário Elo da Corrente. É membro do Grupo de Pesquisa: Relações Raciais, Memória, Identidade e Imaginário da PUC/SP

Antologia

Volume II



Coletivo Cultural Poesia na Brasa

São Paulo, Julho 2010

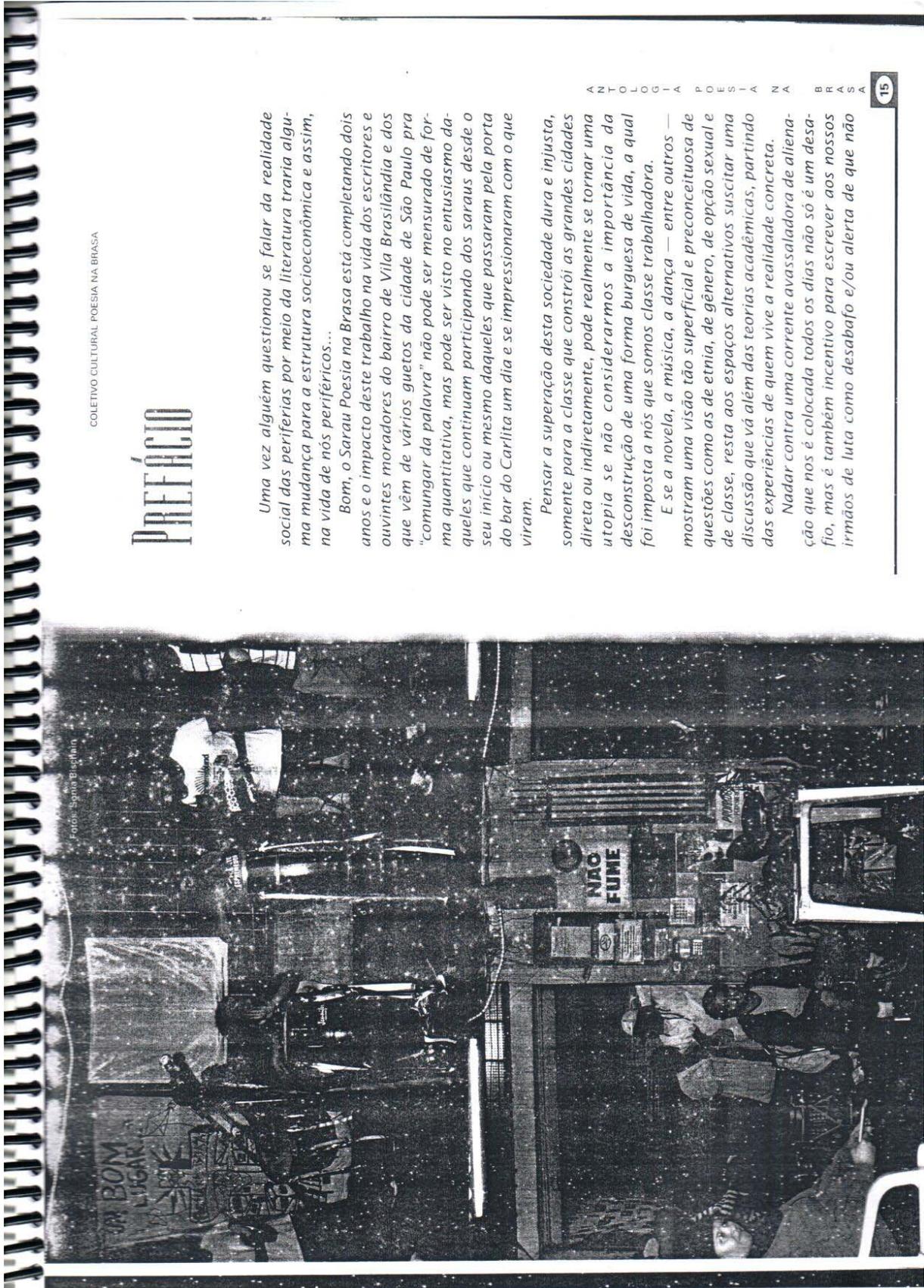


Foto: Sylvia Bicklin

COLETIVO CULTURAL POESIA NA BRASA

PREFÁCIO

Uma vez alguém questionou se falar da realidade social das periferias por meio da literatura traria alguma mudança para a estrutura socioeconômica e assim, na vida de nós periféricos...

Bom, o Sarau Poesia na Brasa está completando dois anos e o impacto deste trabalho na vida dos escritores e ouvintes moradores do bairro de Vila Brasilândia e dos que vêm de vários guetos da cidade de São Paulo pra "comungar da palavra" não pode ser mensurado de forma quantitativa, mas pode ser visto no entusiasmo daqueles que continuam participando dos saraus desde o seu início ou mesmo daqueles que passaram pela porta do bar do Carlita um dia e se impressionaram com o que viram.

Pensar a superação desta sociedade dura e injusta, somente para a classe que constrói as grandes cidades direta ou indiretamente, pode realmente se tornar uma utopia se não considerarmos a importância da desconstrução de uma forma burguesa de vida, a qual foi imposta a nós que somos classe trabalhadora.

E se a novela, a música, a dança — entre outros — mostram uma visão tão superficial e preconceituosa de questões como as de etnia, de gênero, de opção sexual e de classe, resta aos espaços alternativos suscitar uma discussão que vá além das teorias acadêmicas, partindo das experiências de quem vive a realidade concreta.

Nadar contra uma corrente avassaladora de alienação que nos é colocada todos os dias não só é um desafio, mas é também incentivo para escrever aos nossos irmãos de luta como desabafo e/ou alerta de que não

ANTOLOGIA POESIA NA BRASA

COLETIVO CULTURAL POESIA NA BRASA

devemos parar de pensar, questionar e agir sobre esta realidade que nos é posta como natural. Deste modo, é no espaço do Sarau da Brasa e em outros que existem e resistem nas periferias de São Paulo que nós periféricos encontramos incentivo e ouvidos atentos para nossas palavras e angústias.

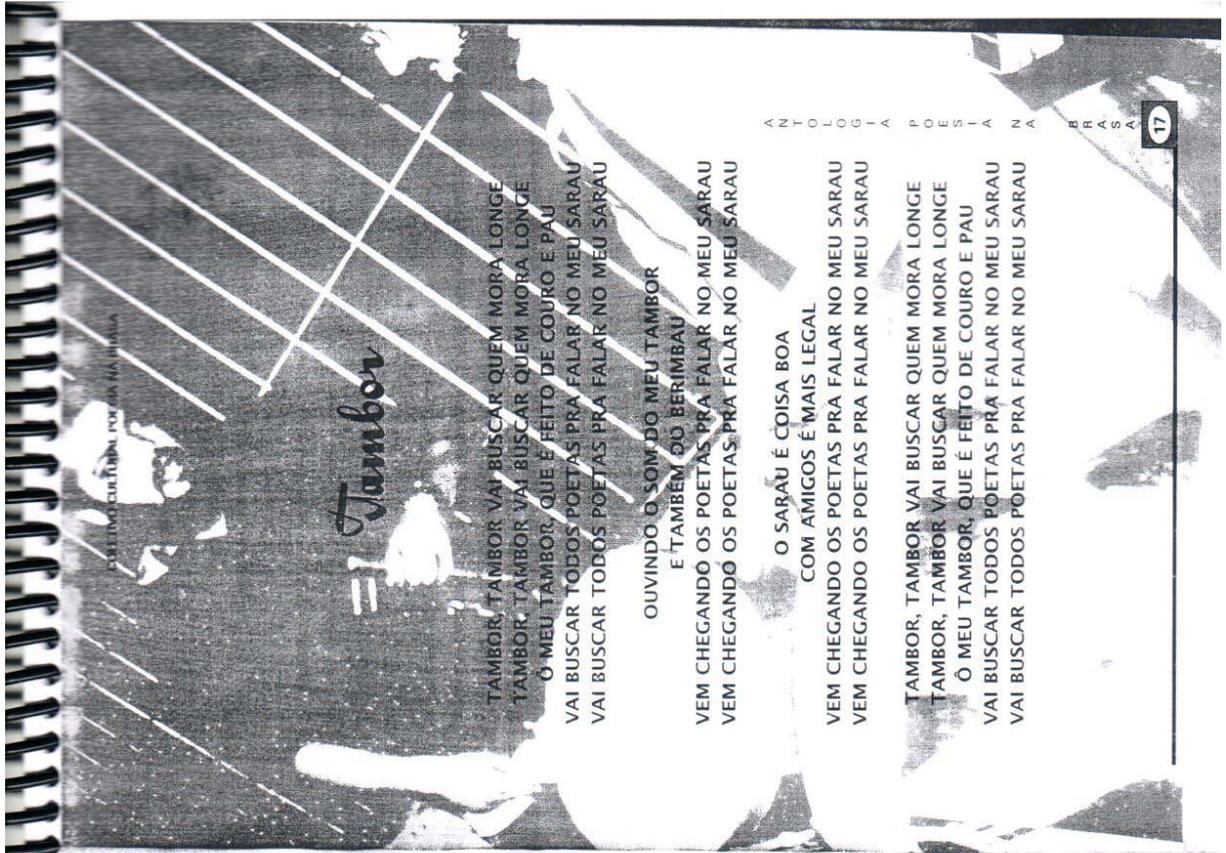
É aqui que eu volto ao questionamento inicial deste breve prefácio, onde respondo e afirmo sem querer ser prepotente, ainda que com certeza, que os textos que estão nos livros publicados e nos cadernos guardados com tanta estima pelos escritores periféricos são sim instrumentos de mudança para quem os escreve e quem os lê, a partir do momento que o processo de pensar a experiência vivida imprime uma ação consciente e crítica diante de um modo de vida societário que se alimenta da desigualdade social.

O propósito do Sarau não é a arte simplesmente pela arte, mas sim a arte que tem o objetivo de estimular um processo socioeducativo que alimente a luta e a resistência de um povo que não se segrega pautado nas diferenças de etnia, sexo, idade ou origem; mas que se reconhece enquanto classe!

Ana Carolina Teixeira Maria
assistente social, moradora de Vila Brasilândia
e frequentadora do Sarau Poesia na Brasa.

A
N
T
O
L
O
G
I
A
P
O
E
S
I
A
N
A
B
R
A
S
A

16



COLETIVO CULTURAL POESIA NA BRASA

Tambor

TAMBOR, TAMBOR VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE
TAMBOR, TAMBOR VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE
Ó MEU TAMBOR, QUE É FEITO DE COURO E PAU
VAI BUSCAR TODOS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU
VAI BUSCAR TODOS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU

OUVINDO O SOM DO MEU TAMBOR
E TAMBÉM DO BERIMBAU
VEM CHEGANDO OS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU
VEM CHEGANDO OS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU

O SARAU É COISA BOA
COM AMIGOS É MAIS LEGAL
VEM CHEGANDO OS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU
VEM CHEGANDO OS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU

TAMBOR, TAMBOR VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE
TAMBOR, TAMBOR VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE
Ó MEU TAMBOR, QUE É FEITO DE COURO E PAU
VAI BUSCAR TODOS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU
VAI BUSCAR TODOS POETAS PRA FALAR NO MEU SARAU

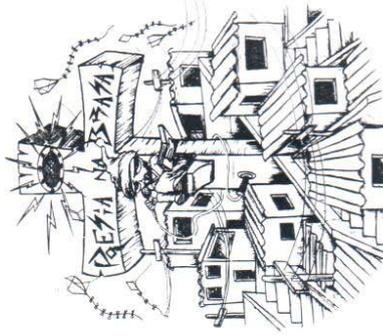
A
Z
T
H
O
L
O
L
O
G
I
A
P
O
E
S
I
A
N
A
B
R
A
S
A

17



Antologia

Volume III

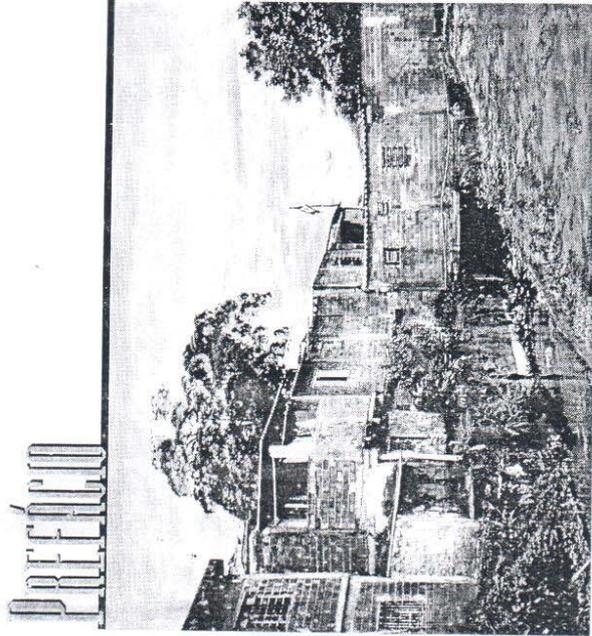
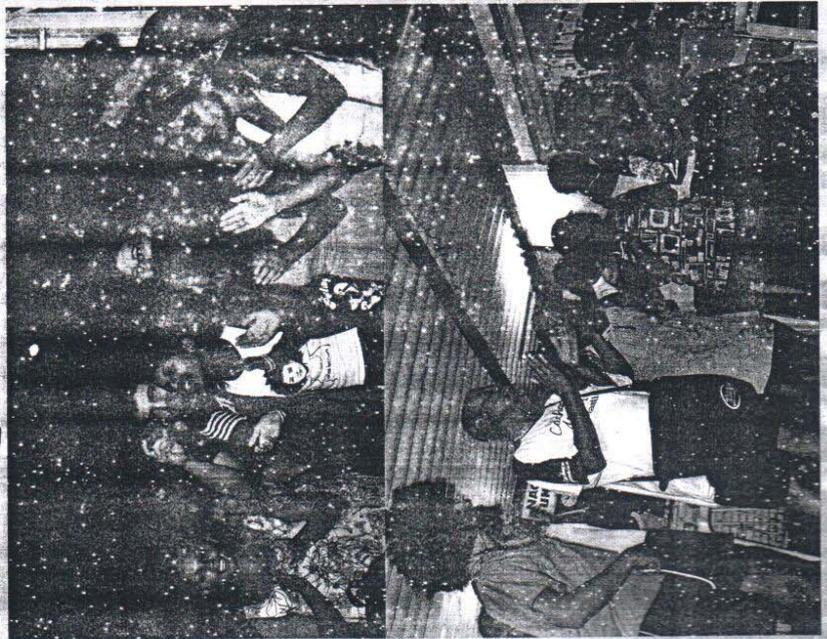


Coletivo Cultural Poesia na Brasa

São Paulo, Julho de 2011



Fotos: Sonia Regina Blecham



Sarau na Brasa

É preciso imaginar para encontrar a realidade

Quando Wagner me ligou para transmitir o convite do Coletivo Cultural Poesia na Brasa para prefaciar esta antologia, duas reações distintas se apossaram de mim. Uma, como um trago de Seleta do Carlita, desceu gostoso aquecendo a garganta e a alma; a outra um pavor crescente, imaginando: "Eu, escrever um texto, prefácio de um livro?". Fortes emoções! Penso em como é bom se sentir querido, reconhecido, acompanhado. Afinal de contas vivemos em tempos de relações efêmeras e descartáveis.



A outra, sobre como e o que escrever num prefácio, me acompanhou durante semanas. Esqueci, estourei o prazo. Ganhei um novo. Não tem jeito vou ter que fazer. Foi pensando sobre a ambigüidade desse estado que descobri por qual porta entrar.

Empoderar

Se dispor a aprender e fazer o que não sabe e mais ainda se apropriar daquilo que lhe disseram — e dizem ainda —, toda a vida não lhe pertence.

Escrever é para escritores. Convivemos com esta mentira por muitos anos. Racionalmente já descobrimos e acreditamos que assim não é. Mas ficam as marcas. Mais do que isso, as amarras que metrificam a desclassificação social para sustentar uma sociedade fundada em excludente desigualdade.

Quando desafiado a escrever, estas marcas de duras aprendizagens se armam para lhe lembrar que isto pertence aos doutores, aos senhores. Soprando: "...escrever é para escritores..."

Contrariando esta certeza, surgiram há alguns anos um quixotesco exército de brancalões chamado Coletivo Cultural Poesia na Brasa e o Sarau na Brasa.

Afirmando o direito e a importância que têm todos de ler e escrever. Que imaginar e expressar não pertencem às classes ou extratos sociais.

Pertencem à humanidade, a qualquer humano. Pois imaginar e expressar fundam a humanidade. É a essência vital.

Eu que estou beirando meio século posso dizer que, não que não tenhamos tentado fazer, mudar isso. Sempre houve enfrentamento. Estão aí as marcas: Arte marginal, popular, periférica, da comunidade, enjim. E não para. Outro dia mesmo já estavam produzindo um sério e caro seminário para discutir a estética da periferia.

Com certeza o que fazemos ganhará algum outro nome e descrição conceitual, verdadeiros cabrestos socioculturais, pois os anteriores já se desgastaram.



E assim a roda segue. Segue não!!! Desta vez o tiro saltou pela culatra!

Os cabrestos socioculturais não funcionaram.

Como o Coletivo e o Sarau na Brasa, sem que os modernos enciclopedistas percebessem, já de alguns anos vem brotando nas periferias dos grandes centros urbanos, pelas periferias do Brasil, pelas periferias das classificações étnicas sociais, principalmente pelas mãos dos jovens, um intenso e denso movimento de mudanças, de transformações e que tem na arte, na cultura, na economia criativa, no conhecimento e na atitude as ferramentas fundamentais. Mas principalmente na atitude. Atitude primeira de libertar-se dos cabrestos socioculturais que metrificavam nossa capacidade e importância pejorativamente, sempre para menos, para baixo.

Hoje somos libertos!

São coletivos, pessoas e iniciativas, diferentes, apenas diferentes dos movimentos sociais das décadas de 80 e 90, incomparáveis posto que estes, de características mais reivindicatórias, relacionados a questões de sobrevivência básicas e fundacionais como habitação, a constituição, leis e estatutos.

Hoje, conquistadas melhorias em diversos aspectos, as demandas se diversificam, se especificam e se multiplicam. Novos paradigmas, gostam alguns de dizer.

Deste modo, demandam e encaminham a sociedade para um debate no campo dos valores que constituem a sociedade e a nação brasileira.

Como um exemplo, não queremos só mais escolas, queremos escolas melhores.

Quando os embates políticos sociais chegam neste estágio, arte, cultura e conhecimento assumem um papel e uma importância vital. Pois é necessário imaginar para penetrar de fato nas profundezas da realidade, romper as máscaras de invisibilização, retornar às profundezas do passado, acertar as contas com as perversas peças para inglês ver, como a libertação dos escravos, raízes estas fundantes da miséria excludente na qual nos encontramos.



Libertos no sentimento de capacidade e estima.

Somos coletivos, pessoas e iniciativas que apropriados de informação, reivindicamos sim, mas mais que isso, elaboramos soluções. Produzindo conhecimento sobre o que fazemos. E para nos libertarmos de vez, agregamos capacidades, habilidades e ativos locais, nos tornando capazes de fazer. Não nos vestimos mais de conceitos pseudolibertários, pejorativos e redutivos.

Hoje escrevemos e estamos lendo nossos próprios livros!

Palavras que libertam

Sabemos do que de fato precisamos.

Precisamos de conhecimentos, precisamos de amplitude no nosso universo imaginário, precisamos de repertório de linguagens, precisamos nos apropriar de tudo o que a humanidade de melhor produziu em termos de conhecimento a respeito de si e de suas possibilidades. Precisamos de delicadeza, de refinar nosso pensar, nossos gestos e nossos toques para melhor, respeitar a vida e o corpo do outro, irmão, companheiro. Precisamos cada um poder sentir, como eu senti, o calor de ser acompanhado, ter quem goste de você, respeite, considere, acredite!

Então este é o cerne do movimento.

Eu fazendo-vivendo o que proponho.

Gente cantando, gente fazendo poema mesmo não sabendo ler direito, gente dançando, tocando instrumentos, brincando, exercitando o humano direito de ser tratado e de se sentir gente. Onde sua cor, seu jeito de falar, seus hábitos, dificuldades, idade não medeiam as conversas, nem os beijos e abraços. Um instante em que se pode sorrir, respirar, se emocionar, relaxar, ser espontâneo, desarmar-se — amar-se. Um momento em que falamos de filosofia, de política em plena festa e esta segue dialogando através das músicas cantadas e tocadas, dos poemas escolhidos e lidos, das conversas, dos encontros.

Por isso, nós que somos esta gente diferenciada, acreditamos e seguimos fazendo o que fazemos, transformando não conceitos mas pessoas, vidas reais e concretas, com a certeza de que estas experiências, na vida de cada um, são fagulhas, que de uma em uma, juntando-se



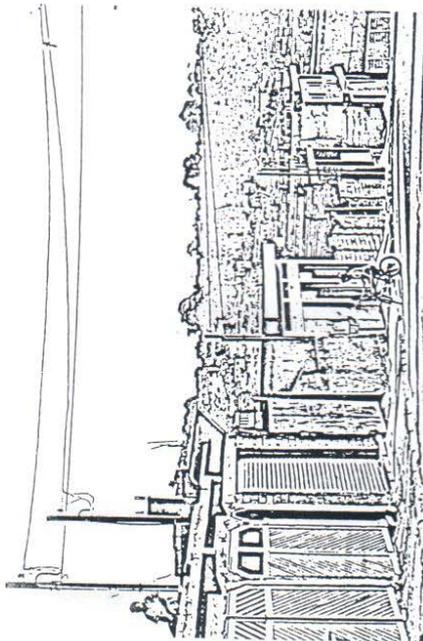
vão acendendo uma grande fogueira, fazendo a elite tremar. E só lhes resta tremar porque mesmo sem dinheiro, mas com a força dos companheiros, mais uma antologia se fez.

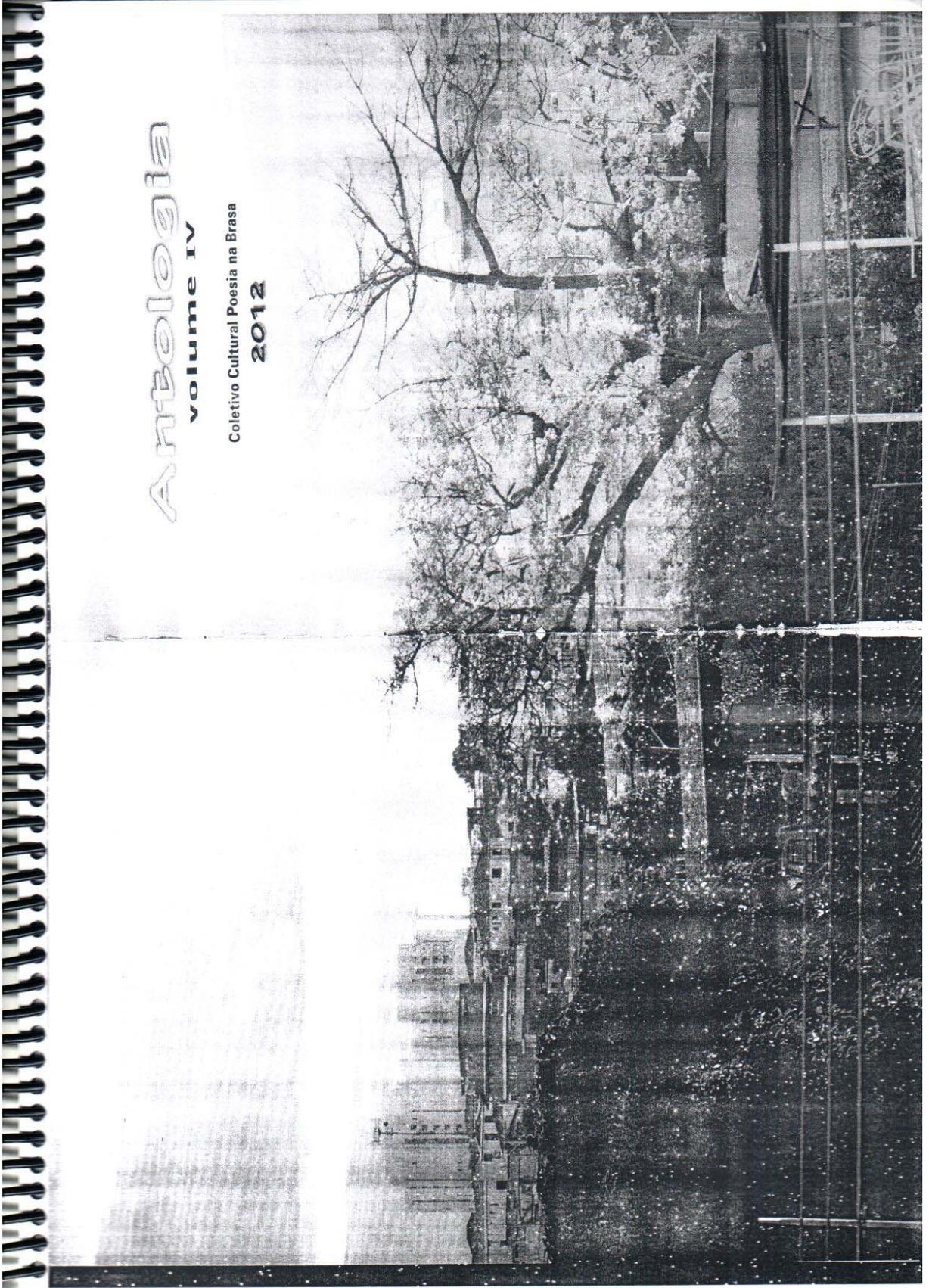
Munição! Aqui vão mais algumas milhares de fagulhas!

Obrigado pela oportunidade de poder dizer a todos a honra de compartilhar lutas e vitórias com vocês.

Salve Sarau!

José Soré de Souza Queiroz - Educador e Consultor em Planejamento Estratégico Gestão e Desenvolvimento Institucional. Gestão de conhecimentos e desenvolvimento humano. Formação de empreendedores sociais, profissionais e organizações em ressignificação e desenvolvimento de linguagens, sensibilização e criatividade, desenvolvimento sustentável local, metodologias e planejamentos político pedagógicos de autonomia e emancipação, Diretor e Consultor da AGER, Tecnologias em Desenvolvimento Sustentável, Organização sem fins lucrativos que através da agregação, geração e retribuição de conhecimentos, compreende o pleno desenvolvimento humano como um direito de todos e condição para alcançar um modelo de desenvolvimento sustentável. Coordenador de Desenvolvimento Institucional na Comunidade Cultural Quilombaque. Coordenador da Agência de Desenvolvimento Sociocultural Sustentável - AGENDES.





S A R A U O A B R A S A O 1 4

Ainda assim enfrentamos a "burrocracia" das estruturas do Estado que perseguem e descarregam sobre nós e os nossos a indecente ideia de término das iniciativas vivas que movimentam nossos corpos e mentes.

Sabemos que ainda há muito por fazer, então aproveitaremos cada gota dessa vivacidade que possuímos, experimentando cada relâmpago, cada queda de energia, cada passo mal dado, para que no final sejamos fortes, instrumentalizados, consolidados pela energia dos nossos coletivos. Estaremos nas ruas colhendo sonhos, esperanças, mudas de criação e planejamento em busca de um novo olhar para nossa gente.

Obrigado a você por querer essa cria nas mãos, aprie, cuide dela e plante sua muda em casa ou em qualquer outro lugar, por você e por nós.

Um ótimo sarau!

Axé pra nós.

Coletivo Cultural Poesia na Brasa

S A R A U O A B R A S A O 1 5

PREFÁCIO

Pelo direito à poesia, um convite à ousadia

A IV Antologia do Sarau da Brasa não está sendo publicada em um momento qualquer. No Brasil e no mundo, nos encontramos em um impasse. Por um lado, a crise econômica do capital tem significado para nós, desemprego, congelamento de salários e perda de direitos. Por outro, trabalhadores e trabalhadoras das mais diversas regiões do globo se lançam em uma luta incansável para não pagar o preço da crise: greves gerais na Grécia, na Espanha, em Portugal, mobilizações na França, nos EUA, e uma explosão de revoltas no mundo árabe, ocupam os noticiários.

No Brasil, a coisa não poderia ser diferente. No início deste ano, a presidente anunciou um corte de R\$55 bi no orçamento público. As áreas mais afetadas: saúde, educação, moradia, previdência. O dinheiro será repassado principalmente para os juros da dívida com os banqueiros. A justificativa da presidente é que isso será necessário para que o Brasil "siga crescendo". Ora, como um

S país pode crescer sem saúde, sem educação, sem moradia, sem aposentadoria? Está claro: nós, mulheres e homens periféricos, majoritariamente negros e pobres, é que sofreremos com isso. O crescimento do Brasil, meu povo, não é pra gente.

Como se não bastasse isso, neste ano também se intensificam os preparativos para a Copa do Mundo de 2014. E, mais uma vez, a festa do futebol é utilizada para mascarar a corrupção e a desigualdade social. Pra fazer bonito pros gringos o governo constrói estádios, hotéis, metrô e viadutos, que supostamente melhorariam o trânsito. Mas para isso, está desalojando milhares de famílias de suas casas. Além disso, a especulação imobiliária vai comendo solta e somos empurrados cada vez mais para as extremidades da cidade. Trata-se de uma verdadeira "limpeza social", que vai jogando nossas famílias para as periferias mais longínquas e desestruturadas.

Mas também aqui, na periferia, resistimos. Da nossa forma, com pedras ou poemas, resistimos. No Belo Monte, em Jirau, no Pinheirinho, na Cantareira, resistimos. E os trabalhadores, com suas armas, respondem em voz alta. Greve no metrô, na educação, na construção civil, na saúde. A mídia cumpre seu papel e tenta distorcer tudo: nos chama de arruaceiros, de vagabundos, de criminosos. Nos editoriais de seus jornais, tenta desmoralizar as manifestações, as greves e os protestos. Ah, terão ainda muitos editoriais pra escrever! Os trabalhadores e periféricos se levantam.

O espaço do Sarau é também um foco dessa resistência. Ali se reúnem guerreiros e guerreiras que teimam em exigir uma sociedade melhor. Coletivamente, refletimos sobre os problemas que enfrentamos em nosso cotidiano. Questionamos a opressão, o preconceito e a injustiça. Não se trata, porém, de exaltar a nossa condição periférica. Não

temos vergonha dela — e é preciso dizer isso. Mas no fundo, queremos um mundo que não seja dividido entre periferia e centro, entre oprimidos e opressores, entre exploradores e explorados.

Além de ser um espaço de reflexão e de ação, vejo o Sarau com um meio de reivindicar também o direito à poesia, o direito de manifestar nossas individualidades, nossos desejos, nossas alegrias e tristezas, nossa solidariedade. Não abrimos mão do direito de viver intensamente, e o Sarau, assim como o livro que se tem em mãos, proporcione momentos intensos nos quais se afloram todas estas questões.

Por último, queria ressaltar que apesar dos encontros e desencontros, tenho um sincero reconhecimento pelo trabalho que o Coletivo vem desenvolvendo nos últimos anos. Pude vivenciar de perto o resultado deste projeto e os efeitos que vem causando nas pessoas que dele participam. Por diversas vezes escutei minha mãe falar, com uma esperança longínqua, que um dia ainda escreveria um livro. Sabemos o quanto isso é difícil para qualquer periférico que se empenhe sozinho nesta tarefa. Mas juntos podemos ir mais longe. Assim, o trabalho do Coletivo Cultural Poesia na Brasa tem significado nada menos do que a possibilidade de realizar sonhos, de mudar pessoas, de despertar emoções adormecidas. Em especial por isso, agradeço e parabeno o trabalho diário do Coletivo e de todos aqueles que constroem juntos este espaço.

Pelo direito à poesia, sejamos ousados. Porque estamos em guerra, mas não perdemos a ternura.

Flavia Bischain Rosa

Professora da Rede Pública Estadual
Mestranda em Ciências Sociais
pela Universidade Estadual de Londrina